

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA ACADÊMICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Aparecida Luvizotto Medina Martins Arruda**

**ESCOLA ALTINA JÚLIA: ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIAS . . .**

**Sorocaba/SP**

**2012**

**Aparecida Luvizotto Medina Martins Arruda**

**ESCOLA ALTINA JÚLIA: ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIAS . . .**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Wilson Sandano.

**Sorocaba/SP  
2012**

**Aparecida Luvizotto Medina Martins Arruda**

**ESCOLA ALTINA JÚLIA: ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIAS . . .**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 18 de setembro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente: Orientador Prof. Dr. Wilson  
Sandano - UNISO

1º Exam. Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vania Regina Boschetti -  
UNISO

2º Exam. Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valdelice Borghi Ferreira  
- UNISO

Ficha Catalográfica

A817c Arruda, Aparecida Luvizotto Medina Martins.  
Escola Altina Júlia: entre história e memórias . . . / Aparecida  
Luvizotto Medina Martins Arruda. -- Sorocaba, SP, 2012.  
173f. : il.

Orientador: Wilson Sandano  
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de  
Sorocaba, Sorocaba, SP, 2012.

1. Ensino secundário – Mairinque (SP). 2. Ensino secundário –  
São Paulo (Estado). 3. Educação e Estado – Mairinque (SP). 4.  
Instituição escolar – História. I. orient. II. Universidade de Sorocaba.  
III. Título.

Dedico este trabalho aos ex-alunos da Escola Estadual “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira”, em Mairinque/SP, que acreditam, como eu, parafraseando Paulo Freire, que a educação pode transformar as pessoas e as pessoas podem mudar o mundo!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Antonio e Wilma (in memorian), pelos ensinamentos que deram a mim e aos meus irmãos, Eunice, Eliana e Wilson, tornando-nos pessoas responsáveis, honestas e justas, através do seu lema: “Tenham vocês o que falar dos outros, não deixem os outros terem o que falar de vocês”.

Aos meus irmãos pelo incentivo para seguir adiante nesse projeto *strictu senso*.

Ao meu marido, Francisco, pela paciência, pela confiança e por tornar possível a minha realização profissional.

Às minhas filhas, Fabiana, Lívia e Rafaela, pelo carinho, incentivo e companheirismo, pedindo desculpas pelas ausências, enquanto buscava a conquista do meu espaço no mundo acadêmico.

Aos meus netos, Manuela e Davi, pelo sopro de vida nova que me proporcionaram, animando-me a perseverar sempre, para ser-lhes exemplo.

À minha amiga Albertina Paes Sarmento, companheira de mestrado e de todas as horas, pelo estímulo, pela amizade e pelo carinho.

Ao orientador, Prof. Dr. Wilson Sandano, pela paciência, sugestões e orientações.

Aos amigos do Grupo Mairinque, ex-alunos da Escola Estadual “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira, em Mairinque/SP, pelas preciosas colaborações.

À Deus, por ter me permitido desfrutar desta família maravilhosa e ter me dado forças para chegar até aqui. . .

## MAIRINQUE (extrato)

Mairinque maravilhosa, é a cidade dadivosa de destinos soberanos!  
Meu rincão idolatrado que possui no seu passado muitos anos!

Mairinque de antiga era, da Fazenda Canguera, quase à beira do caminho...  
Daquela casa sombria, da gleba que pertencia ao famoso Manduzinho!

Mairinque de bênçãos cubro a 27 de outubro de oitocentos e noventa!  
Da Estrada Sorocabana! da Vila que surge ufana no quilômetro setenta ...

Mairinque da linda pá de prata e jacarandá, que em nossa história se finque!  
Do arrojo, da atividade do fundador da cidade: Francisco de Paula Mayrink!

Mairinque dos ancestrais, das densas matas natais, das derribadas também!  
Do fragor da serraria, do ruído da ferrovia, do apito agudo do trem ...

Mairinque dos ferroviários, dos sofridos operários, vindos de paragens mil!  
Do Edifício da Estação, a primeira construção de concreto do Brasil!

Mairinque da dona Altina, a professora tão fina do antigo meio campônio ...  
Daqueles caboclos guapos do velho Arraial dos Sapos, da escola do Mestre Antonio!

Mairinque da nossa fé: da Matriz de São José, como nunca se viu  
Da devoção, do carinho, do alegre Padre Zezinho, do bondoso Padre Liu!

Mairinque que se define: do Prefeito João Chesine, um benfeitor da cidade!  
Do Argonauta Ortolani, com sua bondade iname, que preside a Edilidade!

Mairinque que é uma beleza, da pitoresca represa de nome Itupararanga!  
Da doce paz virgiliana, do Horto da Sorocabana, onde se colhe pitanga ...

Mairinque da leiteria da honesta Dona Maria, do Dácio homem de bem,  
Do Narciso coletor, do Zozó um bom doutor, do seu Lippi do Armazém!

Mairinque do bom café, da Vila São José ... do povo alegre e feliz!  
Da turma de ferroviários, nos bate-papos diários, pela Praça da Matriz ...

Mairinque sempre em minúcia: da Loja da Dona Lúcia, da farmácia do seu Ramos,  
Do Zapparolli padeiro; do nosso Zé Enfermeiro, que não carece reclamos ...

Mairinque do João Fiscal, do Alcides que é maior; da Neuza, grande figura;  
Da Inês, Sidnéia, Leonor; do seu Lacy contador; a equipe da Prefeitura!

Mairinque que tem valor: do nosso João Diretor; do Orlando Silva a cantar!  
Do Sinésio prestativo! do seu Chiquinho tão vivo, tão feliz naquele Lar ...

Mairinque do Caramante, um piadista elegante! do Zé Poroca em ação ...  
Do popular Zé Barbeiro, do Ditinho sapateiro, do Bico que é um comilão!

Mairinque que tem “arame”, do comerciante Sadame! da Dona Olga Organista!  
Da Dona Edvirges doceira, que faz bolos de primeira, do Amaral, um bom dentista!

Mairinque que nos encanta: lá do Hotel da Dona Santa, do Divo que aguenta a mão!  
Do Reina bom charreteiro, do Jabá que é pipoqueiro, do seu Júlio Capitão ...

Mairinque das tais mutucas, do velho bar do Zé Lucas, que ganhou notoriedade!  
Da turminha que se arriba, do Helvídio e do Ataliba, os “mãos abertas” da cidade!

Mairinque da Dona Tereza, Diretora competente, do ilustre Professor Amaral!  
E de muitos outros mairinquenses importantes ... que não cabem neste discurso oral!

Mairinque dos estudantes, dos professores brilhantes, do operariado viril,  
Saúdo a tua pujança, linda cidade Esperança, pedaço do meu Brasil!

(Marcondes Verçoza, 1967)

## RESUMO

Nesta dissertação o objetivo principal foi fazer uma reflexão acerca da gênese da implantação do ensino secundário no município de Mairinque, no Ginásio Estadual “Professora Altina Júlia de Oliveira”, em 1963, e as modificações na cidade e na comunidade: quais os motivos da implantação do Ensino Secundário em Mairinque? Quem participou da sua implantação? Qual a relação entre a escola e a comunidade (analisando: pontos de vista, papéis e pessoas)? Quais as consequências da implantação da escola na vida da comunidade, e por quanto tempo isso reverberou? Para desenvolver a pesquisa foram analisados livros e artigos de autores que pesquisam/pesquisaram sobre o assunto. Também foram utilizados documentos escolares e fotos encontrados no arquivo da escola, legislações e colhidos depoimentos de grupo focal (pessoas que tiveram alguma ligação com a escola, como ex-diretores, ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos, além dos que ainda continuam na escola), realizando um mosaico de diversos olhares. A intenção foi proporcionar uma leitura de história local, vivenciada no período de 1958 (quando foi iniciado o processo de criação do Ginásio em Mairinque, então distrito de São Roque), até 1982 (período que abrange, ainda, a autorização para o Curso Colegial, em 1970 e a Habilitação Específica de 2º Grau para o Magistério, com aprofundamento na área da Pré-Escola, em 1980). A implantação do ensino secundário no município de Mairinque, em 1963 atendeu a uma demanda de alunos oriundos do curso primário, que precisavam se deslocar aos municípios vizinhos (São Roque e Sorocaba) para darem continuidade aos estudos e trouxe uma série de transformações sociais, políticas e econômicas na cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Instituição Escolar. História e Memória



## ABSTRACT

In this dissertation, the main objective was to reflect about the genesis the implantation of secondary education in the city of Mairinque at Altina Julia de Oliveira High School, in 1963, and the changes in the city and in the community: what reasons lead to the implantation of the High School in Mairinque? Who take part in this implantation? What was the relationship between the school and the community (analyzing points of view, roles and people)? What were the school implantation consequences, and how long it reverberates? In order to develop the research, books and papers from authors that have/had researched the issue. Scholar documents and photos found in the School files, law issues, and interview with the focal group (people that had some link to the School, like ex-principals, ex-professors, ex-employees and ex-students, besides the people that still working at the school) were also carried on to expand the mosaic of the views. The aim was to give to the Mairinque's community one interpretation of the local history, through the experiences that take place since 1963, when the called "Ginasial" period was implanted, until 1981, period that encloses also the authorization for the High School implantation (1970) and the habilitation for the Professorship High school Formation , with emphasis in the pre schollarteachership (1980).The implantation of the High School in Mairinque in 1963, complied with the request from the students derived from the basic school, that needed to dislocate to other cities like São Roque or Sorocaba in order to progress in their scholar formation, and brings some social, political and economical transformations.

**Keywords:** Education. School Institution. History and Memory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FOTOGRAFIAS

|                                                                                                  |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Foto 01</b> - Igreja Matriz de São José.....                                                  | <b>36</b>  |
| <b>Foto 02</b> - Cobertura do galpão que do Parque Infantil.....                                 | <b>56</b>  |
| <b>Foto 03</b> - Inauguração do Parque Infantil.....                                             | <b>64</b>  |
| <b>Foto 04</b> - Quadra, Escola e Prefeitura.....                                                | <b>75</b>  |
| <b>Foto 05</b> - Inauguração do prédio próprio da Escola.....                                    | <b>75</b>  |
| <b>Foto 06</b> - Primeiros formandos do Curso Colegial – 1972.....                               | <b>77</b>  |
| <b>Foto 07</b> - Fachada atual da escola.....                                                    | <b>79</b>  |
| <b>Foto 08</b> - Formandos do Curso Ginásial – 1967.....                                         | <b>84</b>  |
| <b>Foto 09</b> - Construção do prédio do Ginásio – 1969.....                                     | <b>91</b>  |
| <b>Foto 10</b> - Pavimento térreo da escola.....                                                 | <b>92</b>  |
| <b>Foto 11</b> - Pavimento superior da escola.....                                               | <b>93</b>  |
| <b>Foto 12</b> - Quadra da escola.....                                                           | <b>94</b>  |
| <b>Foto 13</b> - Primeira Festa do Pêssego.....                                                  | <b>97</b>  |
| <b>Foto 14</b> - Desfile Cívico.....                                                             | <b>99</b>  |
| <b>Foto 15</b> - Fanfarra do Ginásio Estadual “Prof. <sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira”..... | <b>100</b> |
| <b>Foto 16</b> - Baile de Formatura do Curso Ginásial.....                                       | <b>100</b> |
| <b>Foto 17</b> - Alunos representantes da escola nos Jogos Regionais<br>em Itu, de 1974.....     | <b>101</b> |
| <b>Foto 18</b> - Alunos após desfile cívico de 1968.....                                         | <b>103</b> |
| <b>Foto 19</b> - Solenidade de Formatura do Curso Ginásial – 1967.....                           | <b>115</b> |
| <b>Foto 20</b> - Solenidade de Formatura do Curso Ginásial – 1967.....                           | <b>115</b> |
| <b>Foto 21</b> - Estação Ferroviária de Mairinque.....                                           | <b>152</b> |
| <b>Foto 22</b> - Primeiro encontro do Grupo Mairinque.....                                       | <b>162</b> |
| <b>Foto 23</b> - Segundo encontro do Grupo Mairinque.....                                        | <b>165</b> |
| <b>Foto 24</b> - Terceiro encontro do Grupo Mairinque.....                                       | <b>168</b> |
| <b>Foto 25</b> - Quarto encontro do Grupo Mairinque.....                                         | <b>168</b> |
| <b>Foto 26</b> - Quarto encontro do Grupo Mairinque.....                                         | <b>169</b> |
| <b>Foto 27</b> - Quinto encontro do Grupo Mairinque.....                                         | <b>169</b> |
| <b>Foto 28</b> - Quinto encontro do Grupo Mairinque.....                                         | <b>169</b> |
| <b>Foto 29</b> - Quinto encontro do Grupo Mairinque.....                                         | <b>170</b> |
| <b>Foto 30</b> - Sexto encontro do Grupo Mairinque.....                                          | <b>171</b> |
| <b>Foto 31</b> - Sexto encontro do Grupo Mairinque .....                                         | <b>171</b> |
| <b>Foto 32</b> - Sexto encontro do Grupo Mairinque .....                                         | <b>171</b> |
| <b>Foto 33</b> - Sexto encontro do Grupo Mairinque.....                                          | <b>171</b> |

## QUADROS

|                                                                                                      |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Quadro 01</b> - Governadores do Estado de São Paulo, de 1945 a 1980.....                          | <b>37</b>  |
| <b>Quadro 02</b> - Primeira Diretoria do Órgão de Cooperação Escolar do<br>Ginásio de Mairinque..... | <b>73</b>  |
| <b>Quadro 03</b> - Corpo administrativo da atual escola.....                                         | <b>79</b>  |
| <b>Quadro 04</b> - Diretores da Escola Altina Júlia de Oliveira.....                                 | <b>86</b>  |
| <b>Quadro 05</b> - Professores contratados.....                                                      | <b>87</b>  |
| <b>Quadro 06</b> - Números dos Primeiros alunos.....                                                 | <b>95</b>  |
| <b>Quadro 07</b> - Registros de Exame de Admissão.....                                               | <b>109</b> |
| <b>Quadro 08</b> - Alunos da 1ª Série A de 1963.....                                                 | <b>153</b> |
| <b>Quadro 09</b> - Alunos da 1ª Série B de 1963 .....                                                | <b>153</b> |
| <b>Quadro 10</b> - Alunos da 1ª Série C de 1963.....                                                 | <b>154</b> |
| <b>Quadro 11</b> - Alunos da 1ª Série D de 1963 .....                                                | <b>155</b> |
| <b>Quadro 12</b> - Alunos da 2ª Série A de 1963.....                                                 | <b>155</b> |
| <b>Quadro 13</b> - Alunos da 3ª Série A de 1963.....                                                 | <b>156</b> |
| <b>Quadro 14</b> - Alunos da 4ª Série A de 1964.....                                                 | <b>158</b> |
| <b>Quadro 15</b> - Alunos do 1º Colegial A de 1970.....                                              | <b>159</b> |
| <b>Quadro 16</b> - Alunos do 1º Colegial B de 1970.....                                              | <b>159</b> |
| <b>Quadro 17</b> - Formandos do Curso Magistério de 1981.....                                        | <b>161</b> |
| <b>Quadro 18</b> - Ex-alunos presentes no primeiro encontro – 2005.....                              | <b>163</b> |
| <b>Quadro 19</b> - Lista de presença no segundo encontro - 2006.....                                 | <b>165</b> |

## FIGURAS

|                                                                                                          |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Figura 01</b> - Livros utilizados nos Cursos Preparatórios para os Exames de Admissão ao Ginásio..... | <b>36</b>  |
| <b>Figura 02</b> - Brasão de Armas do Município de Mairinque.....                                        | <b>145</b> |
| <b>Figura 03</b> - Bandeira do Município de Mairinque.....                                               | <b>146</b> |

## SUMÁRIO

|                                                                                                       |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                                                             | <b>14</b>  |
| <b>2 DESVENDANDO ALGUNS CONCEITOS .....</b>                                                           | <b>19</b>  |
| <b>2.1 MEMÓRIA .....</b>                                                                              | <b>19</b>  |
| 2.1.1 Memória Individual e Memória Coletiva .....                                                     | 20         |
| 2.1.2. Lugares de memória .....                                                                       | 22         |
| <b>2.2 HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA .....</b>                                                            | <b>22</b>  |
| 2.2.1 História local .....                                                                            | 24         |
| 2.2.2 História de instituições escolares.....                                                         | 25         |
| <b>2.3 DOCUMENTO .....</b>                                                                            | <b>26</b>  |
| 2.3.1 Iconografia .....                                                                               | 28         |
| 2.3.2 Monumento .....                                                                                 | 29         |
| 2.3.3 Patrimônio material e imaterial .....                                                           | 30         |
| <b>2.4 Cultura Escolar .....</b>                                                                      | <b>31</b>  |
| <b>3 OS PRIMÓRDIOS DO ENSINO SECUNDÁRIO NO ESTADO DE SÃO PAULO.....</b>                               | <b>33</b>  |
| 3.1 Contexto do Ensino Secundário .....                                                               | 33         |
| 3.2 Movimento de expansão do ensino secundário.....                                                   | 46         |
| <b>4 ENTRELAÇAMENTO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA.....</b>                                                    | <b>49</b>  |
| <b>4.1 HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE MAIRINQUE.....</b>                                                    | <b>51</b>  |
| <b>4.2 A EDUCAÇÃO EM MAIRINQUE .....</b>                                                              | <b>62</b>  |
| <b>4.3 PROCESSO LEGAL DE CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO DO PRIMEIRO GINÁSIO<br/>ESTADUAL EM MAIRINQUE .....</b> | <b>67</b>  |
| 4.3.1 A escola hoje .....                                                                             | 78         |
| <b>4.4 ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DA ESCOLA .....</b>                                                   | <b>80</b>  |
| 4.4.1 A temporalidade.....                                                                            | 81         |
| 4.4.2 A administração.....                                                                            | 82         |
| 4.4.3 A arquitetura .....                                                                             | 90         |
| 4.4.4 A organização .....                                                                             | 95         |
| 4.4.5 O sócio-culturalismo.....                                                                       | 96         |
| 4.4.6 As relações grupais .....                                                                       | 101        |
| 4.4.7 A aprendizagem .....                                                                            | 104        |
| 4.4.8 Os Exames de Admissão .....                                                                     | 108        |
| 4.4.9 As atividades extraclasse.....                                                                  | 110        |
| <b>5 REFLEXOS DA ESCOLA ALTINA JÚLIA.....</b>                                                         | <b>113</b> |
| <b>5.1 REFLEXOS NA CIDADE .....</b>                                                                   | <b>113</b> |

|                                                                                                  |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>5.2 REFLEXOS NA VIDA DOS EX-ALUNOS.....</b>                                                   | <b>118</b> |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                              | <b>121</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                          | <b>125</b> |
| <b>DOCUMENTOS ESCOLARES CONSULTADOS.....</b>                                                     | <b>132</b> |
| <b>OBRAS CONSULTADAS .....</b>                                                                   | <b>133</b> |
| <b>DEPOIMENTOS COLETADOS .....</b>                                                               | <b>136</b> |
| <b>ANEXO A - Lista de Escola do Município de Mairinque.....</b>                                  | <b>137</b> |
| <b>ANEXO B - Lei N. 5.121 de 31/12/1958 – Cria o Município de Mairinque .....</b>                | <b>142</b> |
| <b>ANEXO C - Lei N. 5.285, de 18/02/1959, que alterou a lei de criação de Mairinque .....</b>    | <b>144</b> |
| <b>ANEXO D - Lei nº 814 de 08/12/1977 – Brasão de Armas do Município de Mairinque .....</b>      | <b>145</b> |
| <b>ANEXO E - Lei nº 804/1977 – Bandeira do Município de Mairinque .....</b>                      | <b>146</b> |
| <b>ANEXO F - Lei 1.665, de 10 de dezembro de 1991 – Hino Oficial da Cidade de Mairinque.....</b> | <b>147</b> |
| <b>ANEXO G - Lei 5678, de 18/05/1960 – Cria o Ginásio de Mairinque.....</b>                      | <b>148</b> |
| <b>ANEXO H - Briografia da Patrona da Escola .....</b>                                           | <b>149</b> |
| <b>APÊNDICE A – A Estação Ferroviária de Mairinque .....</b>                                     | <b>151</b> |
| <b>APÊNDICE B – Lista dos primeiros alunos da escola - 1963 .....</b>                            | <b>153</b> |
| <b>APÊNDICE C – Primeiros formandos do Curso Ginásial - 1964.....</b>                            | <b>158</b> |
| <b>APÊNDICE D – Primeiros alunos do Curso Colegial - 1970 .....</b>                              | <b>159</b> |
| <b>APÊNDICE E – Primeiros formandos do Curso Magistério - 1981 .....</b>                         | <b>161</b> |
| <b>APÊNDICE F – Formação do Grupo Mairinque .....</b>                                            | <b>162</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida na linha de História e Historiografia: Práticas e Pesquisas, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Sorocaba.

O gosto pelos estudos da história local levou a pesquisar a educação no município de Mairinque. Há um estudo feito pela professora Magda Cristina Fulan Bellini<sup>1</sup>, “Aproximações sobre as origens do ensino público do município de Mairinque”, feito em 1999, em que se retrata o início do processo educacional no município, referente ao Curso Primário.

Uma vez que já se havia estudado sobre o Curso Primário, passou-se, então, a pesquisar a primeira escola do município de Mairinque a ter o Curso Ginásial, hoje Escola Estadual “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira”, buscando o seu significado social, através da análise das trajetórias de ex-alunos.

Como as pessoas são frutos de experiências vividas e, na escola, passa-se parte da vida, procurou-se pesquisar uma instituição em que houvesse uma ligação afetiva, que tivesse deixado marcas, porque nela foram vividos fatos da trajetória estudantil e também da atuação profissional.

Nos seis anos de estudo na escola pesquisada, houve muitas amizades, trocas de informação, aprendizagens, enfim, anos de profícua interação com os colegas, professores e funcionários, destacando-se que não havia muito contato com o Diretor da Escola, somente nas pouquíssimas repreensões, como constatado através do livro de registro de ocorrências da escola.

Após quase trinta anos de formados, e com ajuda das redes sociais, ex-alunos começaram a entrar em contato com os antigos colegas de escola, passando a se encontrar anualmente, a partir de 2005 e, nesses encontros, as conversas acabavam girando em torno dos acontecimentos na escola. Discutiam-se alguns assuntos que, na época, não os incomodavam, como: quantos alunos foram excluídos pelo exame de admissão? Quantos alunos não tiveram a oportunidade de estudar? Será que a escola propiciava a mobilidade social, tão almejada, ou era conservadora? Qual a influência do cotidiano escolar na vida hoje? quais interesses

---

<sup>1</sup> Com essa dissertação obteve o título de Mestre em Educação, na UNISO.

a escola da época atendia? Como os pais viam a vida escolar dos filhos e com qual perspectiva?

A presente pesquisa procura entender as causas e consequências da implantação, em 1963, do Ginásio Estadual em Mairinque, Estado de São Paulo, estendendo-se até 1981.

A periodização escolhida, 1958 a 1981, justifica-se por abranger a solicitação da criação da escola (que deu entrada na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo em 1958), a criação (autorizada em 1960), a instalação (em 1963) e a autorização de funcionamento dos Cursos: Ginásial (em 1963), Colegial (em 1970) e Habilitação Específica de Segundo Grau para o Magistério, com aprofundamento na área da Pré-Escola (em 1980), cuja primeira formatura ocorreu em 1981 (visto que o Curso Magistério era composto de dois anos básicos e somente os terceiro e quarto anos eram específicos).

O objetivo geral foi fazer uma reflexão acerca da gênese da implantação do Ensino Secundário na cidade e as modificações surgidas em decorrência dessa implantação. Procurou-se responder às seguintes questões: quais os motivos da implantação do Ensino Secundário em Mairinque? Quem participou da sua implantação? Qual a relação escola/comunidade: pontos de vista, papéis, pessoas? Quais as consequências da implantação da escola na vida da comunidade? Quais reflexos na vida dos ex-alunos a escola deixou?

No desenvolvimento da pesquisa foram analisados livros e artigos de autores que pesquisam/pesquisaram o assunto, fotos e documentos escolares encontrados nos arquivos da escola, no Centro de Documentação e Memória Mairinquense, nas legislações e nos arquivos particulares.

Alguns obstáculos foram encontrados na realização da pesquisa, em relação à falha de documentação nos arquivos da escola, principalmente no chamado “arquivo morto”, pois a sala em que ficavam alojados livros e documentos passou por uma enchente, quando muitos foram inutilizados, fragmentando os registros da escola. Na falta deles, procurou-se comprovar alguns fatos através dos depoimentos coletados.

Foram colhidos depoimentos de pessoas ligadas à escola (ex-professores, ex-funcionários, ex-alunos, outras que ainda continuam a trabalhar na escola e uma pessoa da comunidade), realizando um mosaico de diversos olhares e verificando as reflexões que a vivência na escola reverberou na vida dessas pessoas. Esses



depoimentos foram coletados de duas formas: pessoalmente, com horários e locais previamente agendados, em que as pessoas eram instigadas a relatar, livremente, as lembranças da implantação e do funcionamento da escola “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira” e através de trocas de email (visto algumas pessoas residirem em localidades distantes) em que relatavam suas lembranças.

Historicamente, a escola é a transmissora da história social, preservando e repassando a cultura e os conhecimentos, as crenças, os valores, as conquistas sociais, as concepções de vida e de mundo. É a responsável pelo desenvolvimento de novos conhecimentos que motivam e capacitam os alunos para um bom desempenho social. É, ainda, o espaço de encontro e convivência entre professores e alunos, propício para o desenvolvimento do aluno em diferentes áreas: cognitiva, afetivo-emocional, social e profissional. Ela é contraditória, isto é, ao mesmo tempo que mantém um conjunto de práticas (horários de aulas, organização das classes, estratégias pedagógicas etc), algumas vezes procura transformar a sociedade, através do debate das questões da realidade, analisando os problemas sociais, econômicos e culturais da comunidade, com alguns professores procurando formar um aluno crítico.

Em virtude de a escola não ser uma instituição neutra, abstrata, visto estar inserida num amplo contexto social, que envolve aspectos políticos, econômicos e culturais e levando-se em consideração o contexto da cidade de Mairinque na década de 60, em relação à implantação do curso ginásial, foram levantadas as seguintes hipóteses: a) seria uma tentativa de dar importância à Vila Mayrink, então distrito de São Roque, visando à sua independência política, tornando-se cidade; b) atenderia às reivindicações populares, principalmente, de pais dos alunos que precisavam se deslocar para o município-sede – São Roque (onde havia rixa<sup>2</sup> entre os jovens, o que causava conflitos) ou para Sorocaba, cidade mais distante, a fim de dar continuidade aos estudos (após concluir o curso primário) e c) seria o resultado da movimentação popular por um benefício que entendiam ser prioritário para a ascensão social dos jovens mairinquenses.

Ao reconstruir a trajetória do Ginásio de Mairinque, a partir da sua história (documentos oficiais e escolares) e de sua memória (analisando os depoimentos e as representações que os envolvidos, em especial seus ex-alunos, fazem da

---

<sup>2</sup> Rixa: estado de hostilidade entre pessoas ou grupos, briga, combate, guerra, alteração, discussão, discórdia. (HOUAISS, 2001) Os jovens de São Roque tinham em conta os jovens do Distrito de Mairinque como os “filhos pobres” do município, dirigindo-se a eles com palavras de cunho pejorativo, o que causava desavenças, às vezes chegando a confrontos físicos.

instituição), foi possível relacionar a instituição com a realidade socioeconômica e cultural da sociedade mairinqueense da época, analisando desde a organização administrativa, pedagógica até conceitos e pré-conceitos difundidos, tendo por suporte técnico a contribuição da história oral e as discussões sobre memória.

O presente trabalho foi organizado em quatro capítulos. Inicialmente, no primeiro capítulo – Desvendando alguns conceitos – realizou-se uma abordagem sobre os conceitos utilizados na trama do texto, para facilitar a compreensão do texto da pesquisa; no segundo capítulo – Os primórdios do Ensino Secundário no Estado de São Paulo - foi pesquisado o período de 1945 a 1980, fazendo uma análise do contexto do Ensino Secundário e do seu movimento de expansão, para contextualizar a iniciativa da população de Mairinque, em 1958, em solicitar uma unidade no então distrito; no terceiro capítulo – Entrelaçamento de história e memória – realizou-se um mosaico de diversos olhares, iniciando com um pequeno histórico da cidade, destacando-se a importância da Estrada de Ferro Sorocabana para a sua fundação e desenvolvimento; em seguida, analisando a educação no município de Mairinque, no período; posteriormente foi reconstruído o processo legal de criação e instalação do primeiro Ginásio Estadual de Mairinque, destacando o papel da comissão que se organizou na cidade para que tal acontecesse, e finalmente, uma análise do funcionamento da escola. No quarto capítulo – Reflexos da Escola Altina Júlia - foram analisados e relacionados os reflexos da criação e instalação da escola na cidade e, em seguida, do processo ensino-aprendizagem na vida dos ex-alunos.

Nas considerações finais procurou-se responder aos questionamentos iniciais, que instigaram a realização desta pesquisa, ressaltando que a intenção foi de contribuir para o registro da história da escola. Não foi possível esgotar o assunto, pois este trabalho retrata uma parte da história de uma unidade escolar da cidade de Mairinque (que atualmente conta com trinta e cinco escolas municipais, quatro estaduais, duas particulares e duas profissionalizantes, que constam no Anexo A), escola esta que continua em funcionamento e que, portanto, terá ainda muitos registros a serem feitos. Os alunos de hoje, poderão contar a história de amanhã.

Espera-se que mais pessoas tenham vontade e disponibilidade para fazerem os registros necessários, para que a Escola Altina Júlia (assim como também outras

escolas) tenha seu acervo histórico preservado e atualizado, de forma que o legado histórico-educacional não se perca.

## 2 DESVENDANDO ALGUNS CONCEITOS

Procurou-se, neste capítulo, realizar uma abordagem teórica dos conceitos que serão utilizados na trama do texto, a partir da contribuição historiográfica de alguns autores, para melhor compreensão da pesquisa, até porque, cada um deles, a seu tempo, contribuiu para a reconstrução histórica da Escola Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira, em Mairinque/SP.

### 2.1 MEMÓRIA

A memória é uma construção mental, feita no presente, a partir de vivências e experiências ocorridas no passado. É a faculdade humana resultante de um complexo processo operatório, desencadeado por diversos fatores. (HALBWACHS, 2006)

A preservação da memória de uma instituição escolar está afeta ao ambiente no qual ela se insere: as ruas, a vizinhança, o bairro e as pessoas que fizeram parte de sua história.

A memória é a principal fonte dos depoimentos orais, numa ligação direta entre o tempo e a história, objetivando construir ligações entre as fontes ou documentos. Esses depoimentos orais podem subsidiar a pesquisa ou formar acervos para os centros de documentação e de pesquisa.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas induzidas, estimuladas e gravadas, com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modo de vida ou outros aspectos da história contemporânea. E [...] move-se em terreno pluridisciplinar, pois utiliza muitas vezes música, literatura, lembranças, fontes iconográficas, documentação escrita, entre outras, para estimular a memória (NEVES, 2003, p. 29).

O entrevistador deve estar inteiramente disponível para o outro, deve ouvi-lo, sem a interferência de questões pessoais; ajudá-lo a se sentir à vontade, facilitando a comunicação e obtendo um bom resultado, deve ter clareza nos questionamentos levantados; deve buscar completar colocações vagas; precisa ser gentil, reconhecer

defesas e dificuldades da pessoa entrevistada e assumir iniciativa em momentos de impasse. E, o mais importante, lembrar que está lidando com seres humanos, com resistências, lembranças não agradáveis e outros fatores que podem causar desconforto ou reprimir a memória e a vontade de colaborar.

[...] o maior desafio da história oral [...] é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em exaltação ou crítica pura e simples do que passou, mas sim em meio de vida, em procura permanente de escombros, que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado (NEVES, 2003, p. 30).

Os depoimentos orais podem ser realizados através de entrevista (estruturada ou não), ou através de narrativa, na qual a pessoa fala livremente sobre determinado fato ou assunto, reconstruindo o passado a partir do presente. As falas correspondem ao acesso à consciência da pessoa. As pessoas, muitas vezes, agem de acordo com o ponto de vista dos outros, abrindo mão da própria identidade.

“Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na ‘realidade histórica’ ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula.” (LE GOFF, 2003, p.19)

Trabalhar com a narrativa tem o propósito de fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma, permitindo desvendar o que, muitas vezes, não tinha sido estimulado a expressar. No campo da pesquisa, as narrativas são utilizadas como instrumento de coleta de dados.

### **2.1.1 Memória Individual e Memória Coletiva**

Segundo Halbwachs (2006) toda memória se estrutura em identidades de grupo: recordamos a nossa infância em família, o nosso bairro como vizinhos em uma comunidade, a nossa vida profissional em torno das relações estabelecidas no ambiente de trabalho, portanto o social influencia a memória individual, assim como esta influencia a sociedade em que o sujeito está inserido.

Para trabalhar a memória, baseando-nos no autor supracitado, é necessária a existência de um acontecimento e de um ator. Nessa perspectiva, temos a noção

individual de memória, na medida em que entendemos que é preciso haver uma pessoa que participou do fato, seja como ouvinte ou como ator, que se lembre e que possa relatá-lo e guardá-lo. Temos então, a noção de memória como faculdade de armazenamento de informações e podemos classificá-la como “memória individual”.

A memória individual está imbricada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, e isso permite que haja uma transposição da memória pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva.

Segundo, ainda, Halbwachs (2006, p. 39),

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.

A constituição da memória de um indivíduo é, portanto, uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. O indivíduo participa então de dois tipos de memória (individual e coletiva) e isso se dá na medida em que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Quanto mais ricas e diversificadas as experiências vividas e compartilhadas por um grupo de pessoas vivendo em comunidade, mais rica e complexa será esta memória.

A memória coletiva tem a função de contribuir para o sentimento de pertencimento a um grupo que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade, o *status* que o indivíduo ocupa e as relações que ele estabelece, nos diferentes grupos dos quais participa.

Conforme Le Goff (2003, p. 422) “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente ao qual a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.” Considerando essa premissa, procurou-se analisar a memória social de um período histórico do município de Mairinque, com a finalidade de contextualização.

### 2.1.2. Lugares de memória

O historiador Nora (1993) chamou de “lugares de memória”, os que representam as memórias de uma nação – igreja, bandeira, hino nacional, etc. Mas também o são aqueles que representam memórias pessoais, familiares ou de grupos – tais como fotos, documentos ou objetos pessoais.

Para ele, os lugares de memória têm tríplice acepção: são lugares materiais, onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais, porque têm ou adquiriram a função de fundamentar as memórias coletivas e são lugares simbólicos, onde a memória coletiva se revela.

## 2.2 HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Le Goff (2003, p. 39) “[...] Paul Veyne estabeleceu uma visão original de história. Para ele, a história é um conto, uma narração, mas ‘um conto de acontecimentos verdadeiros’. (1971, p. 16)”

A palavra “história”{...} vem do grego antigo *historie*, em dialeto jônico (Keuck, 1934). Esta forma deriva da raiz indo-europeia *Wind-*, *weid-*, ‘ver’. Daí o sânscrito *vettas*, ‘testemunha’, e o grego *histor*, testemunha no sentido de ‘aquele que vê’. Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à idéia de que *histor*, aquele que vê, é também ‘aquele que sabe’; *historein*, em grego antigo, é ‘procurar saber’, ‘informar-se’. *Historie* significa, pois, ‘procurar’.” (LE GOFF, 2003, p. 18)

“Se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade.” (LE GOFF, 2003, p. 32)

O historiador, ainda, esclarece:

[...] porque há pelo menos duas histórias, e voltarei a este ponto: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivo desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo

menos deveria sê-lo) e pelas *mass media*, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros. (p. 29)

Para Nora (1993), a história se apresenta como uma representação do que não existe mais. A recuperação do passado pode não ser totalmente objetiva, visto estar presente a subjetividade do pesquisador, podendo interferir na análise da pesquisa: sua fé religiosa, suas características éticas, suas opiniões políticas ou até mesmo a sua situação social. Essa recuperação do passado deve ser explicada em função do momento em que acontece, ou seja, é necessário contextualizar o seu objeto, levando em conta as condições históricas em que existe ou existiu.

Bloch (2002) trata a história como a ciência do homem no tempo, em que a função do historiador é difundir e esclarecer. O objeto da história são os homens, e mais precisamente, os homens no seu tempo. O autor também destaca a importância da observação da história através dos testemunhos e de sua transmissão. O historiador, no seu modo de entender, não deveria ignorar “a imensa massa dos testemunhos não-escritos”, mas deveria também utilizar “um conhecimento através de pistas”, a recorrer a procedimentos de “reconstrução”, dos quais “todas as ciências oferecem inúmeros exemplos”. (BLOCH, 2002, p.122).

O Novo Dicionário da Língua Portuguesa assim define, o termo historiografia: Historiografia. [Do gr. *Historiographía*]. 1. Arte de escrever a história... 2. Estudo histórico e crítico acerca da história ou dos historiadores.

A historiografia pressupõe, assim como a história, o uso de métodos e teorias que fundamentem o processo e o resultado da construção do conhecimento historiográfico.

A historiografia surge como sequência de novas leituras do passado, plena de perdas e ressurreições, falhas de memória e revisões. Estas atualizações podem afetar o vocabulário do historiador, introduzindo-lhe anacronismos conceituais e verbais que falseiam gravemente a qualidade de seu trabalho. (LE GOFF, 2003, p. 28)

A historiografia da educação é um campo de estudo que tem por objeto de investigação as produções históricas e por objeto de estudo o educacional.



### 2.2.1 História local

A história local tem como objeto de investigação o lugar, a localidade, para estudar ou pesquisar o passado, permitindo *“produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar suas próprias historicidades e identidade”*. (SCHIMIDT; CAINELLI, 2004, p. 113).

Bittencourt analisa a importância de se estudar a história local, como fonte para o entendimento do contexto atual, [...] “o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer – e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente.” (BITTENCOURT, 2004, p. 168).

Ainda segundo a autora, cada lugar tem suas particularidades, que devem ser estudadas de modo contextualizado com os elementos que o compõem.

Segundo Silva (1999), a história local tem permitindo articular a história do cotidiano ao espaço local. O autor apresenta algumas características básicas que marcam a história local:

1. É uma história que parte da situação presente para se reportar ao passado;
2. Embora também se faça no trato com dados quantitativos, é uma história mais qualitativa do que quantitativa;
3. É uma história setorial e limitada nas suas ambições de generalizações, embora possa oferecer elementos para a confirmação de hipóteses mais gerais;
4. É uma história concreta que, através da aproximação da vida cotidiana e do conhecimento empírico, busca atingir mediações com outros espaços e temporalidades sociais;
5. É uma história de caráter monográfico. Tende a produzir menos esforços de síntese do processo histórico nacional, pretendendo-se mais monográfica, mais atenta ao tratamento das fontes e às questões de método. (p. 388)

Depreende-se das leituras efetuadas que o estudo do local pode ser feito através dos movimentos da população (origem dos primeiros moradores, formação de grupos sociais, etc) e também através do cotidiano – usos e costumes – dos moradores, para, por meio da construção do passado, valorizar a memória local.

### 2.2.2 História de instituições escolares

A pesquisa da história de uma instituição escolar permite entender o caminho percorrido pela educação local, possibilitando compará-la à educação em âmbito macro – estadual e federal.

Sanfelice é um dos estudiosos da história de instituições escolares e apresenta argumentos que justificam a importância das pesquisas sobre elas:

[...] por que fazer a História das Instituições Escolares, ou mais precisamente: por que fazer a História de uma Instituição Escolar? A resposta não é muito simples. Mas vamos buscá-la. Consideremos:

a) As unidades escolares pertencem a redes de escolas. Na rede pública, por exemplo, temos a rede municipal, a estadual e a federal. Não estou usando o conceito de sistema propositadamente. De forma paralela, temos também a rede privada;

b) as unidades escolares se distribuem por diferentes níveis de ensino: da educação infantil até as instituições de ensino superior que desenvolvem Programas de Pós-Graduação;

c) as unidades escolares também se dedicam a várias modalidades de ensino: consideremos, por exemplo, as escolas técnicas ou as escolas de ensino de línguas, os CELs da rede pública.

Só estes pontos já me autorizam a concluir que há um amplo universo diferenciado de instituições escolares. Mas não é só isso!

d) As instituições escolares têm também uma origem quase sempre muito peculiar. Os motivos pelos quais uma unidade escolar passa a existir são os mais diferenciados. Às vezes a unidade escolar surge como uma decorrência da política educacional em prática. Mas nem sempre. Em outras situações a unidade escolar somente se viabiliza pela conquista de movimentos sociais mobilizados, ou pela iniciativa de grupos confeccionais ou de empresários. A *origem* de cada instituição escolar, quando decifrada, costuma nos oferecer várias surpresas.

e) As instituições escolares são ainda muito distintas entre si porque são frequentadas por públicos bastante desiguais. Não somente quando esta diferença é a da idade cronológica dos alunos, como, por exemplo, os alunos da educação infantil ou os alunos do ensino superior. Há também a diferença em suas procedências espaciais ou socioeconômicas. São alunos de um determinado bairro, de uma determinada região e alunos que, em cada instituição, pertencem em sua maioria a uma mesma classe social.

f) O público de uma instituição escolar traz, para dentro dela, uma certa cultura e um conjunto de valores que podem estar muito próximos ou muito distantes da cultura escolar oficial. Isto faz com que os desafios pedagógicos de cada instituição sejam únicos, o que interfere profundamente no projeto pedagógico de cada unidade escolar.

g) As políticas educacionais oficiais também não entram nas unidades escolares da mesma maneira. Há múltiplos entendimentos a respeito delas. Há diferentes acomodações ou formas de resistências para cumpri-las. Quando elas se materializam no cotidiano escolar, essa materialização é impar. (SANFELICE, 2006, p. 22-23)

As instituições escolares possuem especificidades próprias, “[...] não há instituição escolar ou educativa que não mereça ser objeto de pesquisa histórica... Não há instituição sem história e não há história sem sentido”. (SANFELICE, 2006, p. 79).

Segundo o mesmo autor, o pesquisador deve buscar as origens da escola, analisar a sua trajetória no tempo e no espaço, tentar retratar os atores que dela fizeram parte, buscar as práticas pedagógicas desenvolvidas, como forma de lhe dar identidade.

[...] podemos dizer que se produz um trabalho historiográfico das Instituições Escolares para interpretar o sentido daquilo que elas formaram, educaram, instruíram, criaram e fundaram, enfim, o sentido da sua identidade e da sua singularidade. (SANFELICE, 2006, p. 24)

O autor destaca, ainda, a importância de se pesquisar o contexto da instituição escolar,

Nenhuma Instituição Escolar tem o sentido da sua singularidade explicitado, se tomada apenas em si mesma. Uma instituição escolar avança, projeta-se para dentro de um grupo social. Produz memórias ou imaginários. Mobiliza ou desmobiliza grupos de pessoas e famílias; assinala sua presença em comemorações, torna-se notícia na mídia, ou seja, é muito, mas muito mais mesmo do que um prédio que agrupa sujeitos para trabalharem, ensinarem, aprenderem etc. O movimento inverso também ocorre, pois a instituição é objeto de interesses contraditórios de ordem econômica, política, ideológica, religiosa e cultural, dentre outros.

Então é óbvio: a história de uma instituição escolar não traz o sentido que ela realmente tem, se for tomada de forma isolada de todo o contexto. (SANFELICE, 2006, p. 25)

## 2.3 Documento

Não há história sem documento. *Documentum*, em latim, deriva de *docere*, “ensinar”.

Leis, cartas, fórmulas, crônicas e histórias, é preciso ter lido todas estas categorias de documentos sem omitir uma única... A leitura dos documentos não serviria, pois, para nada se fosse feita com ideias preconcebidas... A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos. (LE GOFF, 2003, p. 527)

Há diversos tipos de documentos: textuais (impressos ou manuscritos), cartográficos (representações geográficas), iconográficos (fotos), audiovisuais (vídeos, filmes), sonoros (registros fonográficos), informáticos (disquete, CD etc) e tridimensionais (objetos e monumentos).

Segundo Gonçalves (2006), os documentos escolares são testemunhos da vida institucional, da cultura e memória da escola, guardando as particularidades da instituição que os produziu. Além dos documentos escolares propriamente ditos, de uso administrativo e burocrático, podem ser encontrados outros tipos de documentos tais como fotografias, regimentos internos, trabalhos produzidos pelos alunos e, evidentemente, o testemunho dos próprios atores sociais da instituição.

Conforme, ainda, a mesma autora (2006, p. 4),

A escola produz diversos tipos de documentos e registros, exigidos pela administração e pelo cotidiano burocrático, que perpassam inclusive seu âmbito pedagógico. Há toda uma legislação que orienta essa produção, envolvendo o funcionamento da instituição, e a organização e controle de suas atividades. Além disso, pode-se encontrar no arquivo escolar outros tipos de documentos que excedem a determinação legal, como fotografias, jornais produzidos pela escola, cadernos de alunos, recortes de jornais com matérias referentes à instituição, bilhetes, entre outros. Tendo sido produzidos com maior ou menor intencionalidade, tais documentos registram e constituem a cultura material escolar, específica daquela instituição, e que “modela e é modelada pela cultura social” (MENEZES, 2005:4). Ou seja, são testemunhos da vida institucional, da sua cultura e memória, com as particularidades da escola que os produziu. Porém, pode-se ir mais além, no uso do arquivo escolar e na busca da compreensão e da explicação da existência histórica de uma instituição. Segundo a proposição de Justino Magalhães, “sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, [deve-se] contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, [...] por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico” (1999:64).

Vidal, com base em Nora (1993), destaca os arquivos como lugares de memória, pois são locais de guarda dos acervos, mas, ao mesmo tempo, “constantemente abertos a novas leituras acerca do passado e o presente” (2005, p.19), na perspectiva de sua utilização como fonte de pesquisa e de ensino para a compreensão da história da instituição escolar.

[...] integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere) (VIDAL, 2005, p. 24).

### 2.3.1 Iconografia

A importância da fotografia, como documento e como fonte para a história e a história da educação, reside na possibilidade de permitir visualizar o ontem e/ou o outro, reconhecendo vários fatores: “a subjetividade do fotógrafo, as determinações do contratante e o momento social e histórico de sua materialização. As fotos, assim, oferecem-nos um fragmento selecionado da realidade”. (VIDAL; ABDALA, 2005 b)

As fotografias podem servir para uma melhor compreensão do universo escolar. Se forem bem analisadas podem indicar os sujeitos que participaram da escola, relacionando-os: professores, inspetores, alunos, pais, lugar, espaço e tempo, refletindo um olhar sobre a escola.

Indagações sobre o quê, quem, por quê e quais os interesses do registro de um determinado instantâneo foram indicadas como constituintes da prática historiográfica, na assunção de que as imagens do ontem não são neutras, mas produzidas com o objetivo de legar ao futuro certas representações do presente. Se as duas primeiras perguntas endereçar-se-iam a abordar aspectos de conteúdo da fotografia, as duas últimas, associadas a importância de se conhecer o fotógrafo, sua produção, e, se for o caso, o contratante do serviço, indicariam o desejo de tentar recuperar aspectos ideológicos da imagem fixada. (VIDAL; ABDALA. 2005 b)

Conforme Andrade (1990), a fotografia é um artefato humano e uma mensagem, que possui um caráter conotativo. É, portanto, uma construção de sentido radicalmente histórica.

Portanto, para se chegar àquilo que não foi imediatamente revelado pelo olhar fotográfico, há que se perceber: as relações entre signo e imagem, aspectos da mensagem que a imagem fotográfica elabora, e principalmente, inserir a fotografia no panorama cultural, no qual foi produzida, e entendê-la como uma escolha realizada de acordo com uma dada visão de mundo. (ANDRADE, 1990, p. 11)

Ao analisar a fotografia como um sistema de signos, a autora propõe que sua estrutura de significação seja percebida como fundada em um plano de forma de conteúdo e um plano de forma de expressão. Em sua perspectiva, a foto contém tanto figuras que se associam a personagens existentes na vida real (ícones), como signos que remetem ao mundo das representações e ideologias (símbolos).

Apreciar uma fotografia não se resume à contemplação de pessoas ou lugares conhecidos e que nos trazem recordação do passado. No entanto, a foto não esgota pela simples contemplação estética. O que prende a atenção à imagem é a possibilidade de reconhecer/ conhecer o real. As pessoas vêem-se transportadas no tempo e no espaço, tocando o passado, eternizado pela ação da máquina fotográfica.

Verdades fragmentadas, realidades passadas em memória, doces lembranças do passado tudo isso a fotografia pode ser. Entretanto, buscar uma única verdade é o mesmo que crer na ilusão da pura representação. Assim, da mesma forma que a imagem fotográfica representa ela comunica, pois, acima de tudo transmite significados reais e bem verdadeiros. (ANDRADE, 1990, p. 326)

No trabalho de pesquisa, o historiador deve fazer dialogar o documento fotográfico com as demais fontes disponíveis, facilitando o estudo do conteúdo das imagens, bem como concorrendo para fixar datas e locais de produção dos objetos em análise.

Na sua acepção, a fotografia é um artefato humano e uma mensagem, ao mesmo tempo, que resulta da incorporação de um ponto de vista social e de uma apropriação tecnológica, como trabalho humano, possui um caráter conotativo. É, portanto, uma construção de sentido radicalmente histórica. (VIDAL; ABDALA. 2005 b)

A fotografia é um documento e, como tal, conforme afirma Le Goff (2003), é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente. Portanto, faz-se necessário atentar para o conteúdo histórico a ser examinado.

### **2.3.2 Monumento**

Outro documento é o monumento, que é construído com o objetivo de marcar a pessoa ou algo, que será constantemente lembrado, ao ser visualizado. É o caso de esculturas comemorativas, obeliscos, alegorias etc.

Já os monumentos históricos, de acordo com Choay (2006, p. 45), “são portadores de uma segunda mediação, que confere autenticidade e confirma a dos livros. São testemunhos da realidade de um passado que se consumou”.

Da afirmação de Choay, conclui-se que os monumentos históricos devem ser preservados, uma vez que conferem veracidade à narrativa histórica e percebe-se que, quanto mais comprovação houver, mais veracidade é conferida à narrativa, tornando-a irrefutável.

Le Goff atenta que, durante o século XIX, o termo monumento era usado também para designar coleções de documentos. Foucault, em trecho citado pelo autor, faz a seguinte observação sobre a relação entre monumento e documento.

A história na sua forma tradicional, dedicava-se a ‘memorizar’ os monumentos do passado, a transformá-los em documentos e em fazer falar os traços que por si próprios, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e o que, onde dantes se tentava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, construir um conjunto. (FOUCAULT, p. 13-14, apud. LE GOFF, 2003, p. 546)

Na historiografia contemporânea, os monumentos históricos podem ser vistos como documentos, uma vez que servem como fontes de pesquisa para a narrativa histórica. A relação entre monumento histórico e documento é estreita. De acordo com Le Goff (2003, p. 526),

[...] a palavra latina *monumentum* remete a raiz indo-europeia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). [...] O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado da memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só uma parcela mínima são testemunhos escritos. [...] O termo latino *documentum*, derivado de *docere* ‘ensinar’ evoluiu para o significado de ‘prova’ e é amplamente usado no vocabulário legislativo.

### 2.3.3 Patrimônio material e imaterial

Le Goff (2003) afirma que se pode compreender o conceito de memória escolar mediante análise de patrimônio material e imaterial da instituição em questão, explicitando a abrangência do conceito próprio de documento escolar.

O termo “patrimônio histórico” tradicionalmente remete a prédios, monumentos e outras edificações de valor histórico e arquitetônico. A expressão patrimônio histórico vem sendo substituída por patrimônio cultural, pois entendem os historiadores que com o segundo termo é possível incluir, para além do estritamente material e arquitetônico, como o patrimônio documental, bibliográfico, iconográfico, oral, visual, museológico, de memórias, valores, crenças, saberes e práticas, costumes, modos de viver, éticas, estéticas ou visões de mundo.

O patrimônio imaterial, conceituado pela Unesco, consta no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como sendo

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (Fonte: IPHAN)

São considerados patrimônio imaterial as festas e celebrações, as músicas, danças, comidas, saberes e técnicas próprias da cultura popular.

Destaca-se, então, o fundamental papel da escola, e dos educadores em geral, na atualização constante dos princípios do relativismo cultural para as novas gerações; na valorização da diversidade cultural com respeito e tolerância; no estímulo permanente à curiosidade pelas culturas e identidades tradicionais das comunidades locais, divulgando-as para que sejam conhecidas e reconhecidas na própria comunidade e na sociedade abrangente. De modo que seja preservada a vontade de apreender, compreender, vivenciar, repassar e reinventar as tradições com liberdade, criatividade e senso de justiça social. Posto que a preservação da diversidade cultural e a superação das desigualdades socioeconômicas são um dos maiores desafios que a sociedade brasileira enfrenta neste século XXI. (VIANNA, 2008, p. 123)

## 2.4 Cultura Escolar

Julia (1995) define cultura escolar como

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos: normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas.



Também considera cultura escolar o que está além dos limites da escola, ou seja, modos de pensar e de agir da sociedade, que supõem ser a escola o único lugar onde se possa adquirir conhecimentos e habilidades.

Em sua visão, estudar a cultura escolar, requer um olhar para o funcionamento interno da escola, identificando as práticas de ensino utilizadas em sala de aula e o que ocorre em seu espaço interno. Para tanto, podem ser utilizadas variadas fontes, como os arquivos escolares, as disciplinas, as normas que regem a escola, os projetos pedagógicos, a profissionalização dos professores, os conteúdos ensinados e as práticas escolares.

Não existe na história da educação estudo mais tradicional que o das normas que regem as escolas ou os colégios, pois nós atingimos mais facilmente os textos reguladores e os projetos pedagógicos que as próprias realidades. Gostaria de insistir somente sobre dois pontos: os textos normativos devem sempre nos reenviar às práticas; mais que nos tempos de calma, é nos tempos de crise e de conflitos que podemos captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas à escola. Mas eu gostaria de fazer uma dupla advertência: o manual escolar não é nada sem o *uso* que dele for realmente feito, tanto pelo aluno como pelo professor. (JULIA, 1995, p. 9)

Estudar a cultura escolar de uma instituição requer do pesquisador a análise de seu funcionamento interno, como por exemplo, o que acontece nas aulas, o que acontece nas festas, nos recreios, na correspondência com os pais, como as normas disciplinares moldam o comportamento dos alunos e influenciam em sua vida adulta, qual o papel desempenhado pelas atividades artístico-culturais e pela educação física na formação dos alunos etc.

Tendo realizado essa breve abordagem teórica dos conceitos que serão utilizados na trama do texto, objetivando facilitar a compreensão da pesquisa para o leitor e, levando-se em conta que a realidade local não contém todas as explicações para os fatos ali acontecidos (políticos, culturais, sociais e econômicos), é indispensável estabelecer uma relação com uma realidade macro, para a compreensão dos processos históricos mais próximos, como será feito a seguir, com a implantação do ensino secundário no Estado de São Paulo (do qual o município de Mairinque faz parte) no período delimitado na pesquisa para, posteriormente, analisar a criação e implantação do Ginásio Estadual de Mairinque.

### 3 OS PRIMÓRDIOS DO ENSINO SECUNDÁRIO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Em virtude de a escola não ser uma instituição neutra, abstrata, visto estar inserida num amplo contexto social, que envolve aspectos políticos, econômicos e culturais, é necessário, ao pesquisar uma determinada escola, fazer uma abordagem do período em que ela foi criada e instalada. Considerando que a realidade local não contém todas as explicações para os fatos ali acontecidos (políticos, culturais, sociais e econômicos), torna-se indispensável estabelecer uma relação com uma realidade macro, para a compreensão dos processos históricos mais próximos.

O período escolhido foi iniciado em 1945, pois, como consequência da redemocratização e do crescente processo de industrialização, aumentou, a partir dessa data, a procura pela escolaridade, como forma de inserção no mercado de trabalho que se expandia com a implantação de indústrias e também como forma de ascensão social.

Na visão de Souza,

[...], é possível destacar duas formas pelas quais tem-se manifestado o discurso ideológico sobre a educação e os projetos de modernização do Brasil. Por um lado, a educação é ressaltada como fator de promoção do desenvolvimento econômico, incorporando a questão da preparação do trabalhador para o mercado de trabalho. [...] Por outro lado, é atribuído a ela um poder messiânico – capaz de transformar a sociedade; além de ser considerada meio para a incorporação das massas à vida moderna através da apreensão dos rudimentos da escrita, leitura, cálculo e noções científicas. [...] O termo educação era usado de tal forma que se confundia e muitas vezes substituía a própria ideia de escolarização. (SOUZA, 1992, 63-65)

#### 3.1 Contexto do Ensino Secundário

Ao reconstruir a trajetória do Ginásio de Mairinque, foi necessário, primeiramente, analisar o contexto da realidade política, social e econômica do Estado de São Paulo, partindo do global para explicar o local. Nesse sentido, foi feito um breve contexto histórico sobre as ações educacionais implantadas no período delimitado e os fatores que as influenciaram.

Após 1945, a criação de Ginásios Estaduais era prerrogativa dos deputados estaduais e do governador<sup>3</sup> do Estado, através de lei aprovada na Assembleia Legislativa. Os deputados passaram a atender reivindicações das diversas populações das cidades do interior, movidos por interesses eleitorais, pois isso fazia com que tivessem o reconhecimento da população beneficiada, transformando-se nos responsáveis pela criação de novos estabelecimentos secundários,.

Spósito, citando Beisiegel, em *Ação Política e Expansão da Rede Escola*, escreve:

Dados coligidos na Assembleia, pelo autor do trabalho, registram um total de 998 projetos de lei apresentados entre 1947 e 1958, pleiteando a criação de ginásios em todo o Estado. A proximidade dos períodos eleitorais acelerava a entrada desses projetos e, com isso, a aprovação de leis, de modo que poucos foram os municípios que não encontraram entre os deputados estaduais “um patrono de suas reivindicações escolares”. (SPÓSITO, 1984, p. 58)

Infelizmente, em razão do populismo<sup>4</sup>, muitas indicações para a criação de ginásios não atendiam às condições realmente necessárias, como por exemplo, a demanda, o que acabou causando problemas financeiros ao Estado, que não podia arcar com a crescente expansão do ensino primário e do ensino secundário, o que levou, também, a Assembleia Legislativa a ficar desacreditada pelos abusos cometidos.

Como os deputados estaduais criavam escolas sem planejamento, onerando os cofres públicos, acabaram obrigando o executivo a tomar medidas de contenção, viabilizando o uso racional das verbas públicas.

Passou o Executivo, na década de 60, principalmente a partir de Constituição Federal de 1967, que dispôs no Inciso II do Artigo 168 – “o ensino dos sete aos quatorze anos é obrigatório para todos e gratuito nos estabelecimentos primários oficiais”, a utilizar-se da estratégia de uso de prédios dos Grupos Escolares para a instalação de ginásios oficiais, até poder instalá-los em prédios próprios, e a

<sup>3</sup> Na Carta Constitucional do Estado de São Paulo, outorgada em 24 de outubro de 1945, por Fernando Costa, Interventor Federal no Estado de São Paulo, consta no *Artigo 16 - A iniciativa de projetos de leis e resoluções compete aos membros da Assembleia, ou ao Governador do Estado*. (Disponível em < <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/225216/decreto-lei-15204-45-sao-paulo-sp> <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/225216/decreto-lei-15204-45-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 10 maio 2012.

<sup>4</sup> Populista, no caso, era aquele que estava próximo do povo, ouvia suas aflições e conseguia compreendê-lo. Sentido comum em sociedades nas quais as elites políticas encontram-se distante das massas: onde não há canais de interlocução convencionais, o povo busca alternativas para ver atendidas suas demandas. Quando os populistas passaram a ocupar espaço na política, vencendo as eleições contra liberais e conservadores, o conceito começou a receber uma conotação pejorativa. O sentido negativo não diz respeito apenas à figura do político populista, mas ao fenômeno como um todo, pois só é possível a eleição de um populista por eleitores que não sabem votar ou que sempre se comportam de maneira dependente, como se estivessem à espera do “príncipe encantado”. (FERREIRA, 2001).

estabelecer critérios restritivos para a criação e instalação de novos estabelecimentos secundários, visando, principalmente, minimizar as precárias condições financeiras do Estado, resultante de alta inflação.

Procurando deter o crescimento desordenado dos ginásios, não acompanhado pelo aumento de arrecadação do Estado, causando problemas econômicos, o Executivo utilizou-se de alguns subterfúgios, como o veto<sup>5</sup> aos projetos de lei aprovados pelo Legislativo e a demora na instalação de estabelecimentos já criados.

Às vezes eram criados ginásios no meio do ano letivo, inviabilizando a instalação, o que fazia com que o governante, para acalmar a expectativa das populações que aguardavam a instalação, conforme citado por Sposito (1984, p. 240) autorizasse, de imediato, a instalação do Curso Preparatório para os Exames de Admissão, alegando assim, estar tomando as providências de preparar os alunos para o Ginásio.

Os exames de admissão ao Ginásio foram obrigatórios, nas escolas públicas do Brasil, no período de 1.931 até 1.971, quando a Lei Federal 5.692/71, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases (Lei Federal 4.024/61) os extinguiu. Eles foram criados através do Decreto N.º 19.890, de 18 de abril de 1931, que dispunha sobre a organização do ensino secundário, conhecido por Reforma Francisco Campos, o qual estabelecia:

### **CAPÍTULO III**

#### *Da admissão ao curso secundário*

**Art. 18.** O candidato à matrícula na 1ª série de estabelecimento de ensino secundário prestará exame de admissão na segunda quinzena de fevereiro.

§ 1º A inscrição neste exame será feita de 1 a 15 do referido mês, mediante requerimento, firmado pelo candidato ou seu representante legal.

§ 2º Constarão do requerimento a idade, filiação, naturalidade e residência do candidato.

§ 3º O requerimento virá acompanhado de atestado de vacinação anti-variolica recente e do recibo de pagamento da taxa de inscrição.

**Art. 19.** O candidato a exame de admissão provará ter a idade mínima de 11 anos.

Parágrafo único. Quando o estabelecimento se destinar à educação de rapazes, e o regime for o de internato, a idade do candidato não excederá de 13 anos.

<sup>5</sup> Na Carta Constitucional do Estado de São Paulo, outorgada em 24 de outubro de 1945, por Fernando Costa, Interventor Federal no Estado de São Paulo, consta:

**“Artigo 17** - Aprovado o projeto de lei, será ele enviado ao Governador, que o sancionará e promulgará, e o fará publicar.

§ 1º - Quando entender que o projeto é inconstitucional, ou contrário ao interesse público, o Governador, dentro de dez dias úteis, a contar daquele em que o receber, vetá-lo-á, no todo, ou em parte, devolvendo-o à Assembleia, com as razões da sua recusa.”

**Art. 20.** Não será permitida inscrição para exame de admissão, na mesma época, em mais de um estabelecimento do ensino secundário, sendo nulos os exames realizados com transgressão deste dispositivo.

**Art. 21.** O exame de admissão se realizará no estabelecimento de ensino em que o candidato pretender matrícula.

Parágrafo único. A banca examinadora será constituída, no Colégio Pedro II, por três professores do mesmo, designados pelo diretor; nos estabelecimentos sob regime de inspeção permanente ou preliminar, por dois professores do respectivo quadro docente, sob a presidência de um dos inspetores do distrito.

**Art. 22.** O exame de admissão constará de provas escritas, uma de português, (redação e ditado) e outra de aritmética (cálculo elementar), e de provas orais sobre elementos dessas disciplinas e mais sobre rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências naturais.

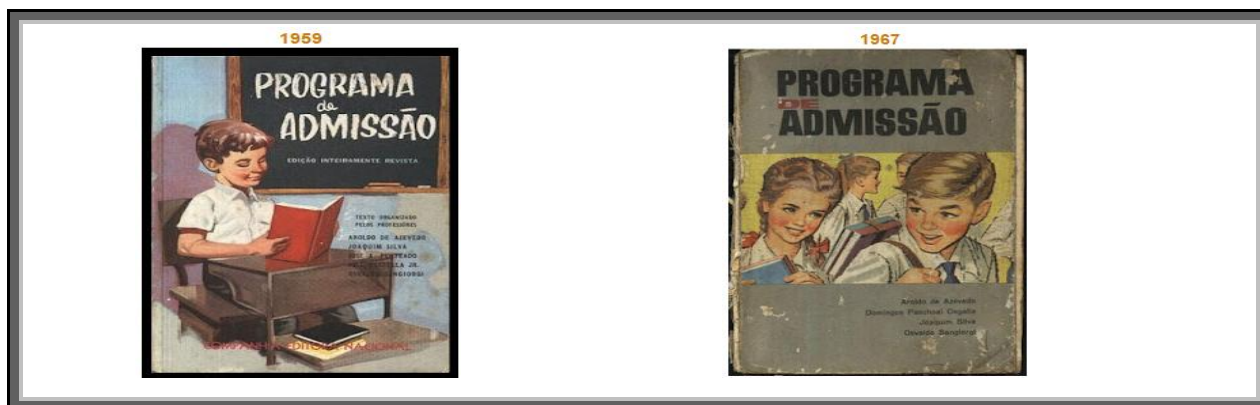
**Art. 23.** O Departamento Nacional do Ensino expedirá instruções que regulem o processo e julgamento dessas provas.

Ao criá-los, a intenção do governo era padronizar a educação ministrada no país, de forma a criar um mecanismo para substituição dos Exames do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, tido como referência educacional no país e, principalmente, regular a entrada dos alunos oriundos do Curso Primário, pois não havia vaga, nos Ginásios, para todos os formandos do Grupo Escolar.

Esse processo de seleção permaneceu por quarenta anos, sofrendo algumas alterações na legislação, quanto a datas, formas e conteúdos, porém mantinha a característica de selecionar o candidato que poderia ultrapassar a barreira do exame de admissão.

Os professores que lecionavam nos cursos de preparação aos exames de admissão ao ginásio (cujos cursos possibilitaram-lhes nova atuação rentável), ficavam atentos ao programa dos conteúdos, divulgados através das legislações, tentando preparar os alunos da melhor forma, para serem aprovados. Havia manuais especializados em conteúdos específicos para os exames de admissão, conforme exemplos na figura abaixo.

**Figura 01** – Livros utilizados nos Cursos Preparatórios para os Exames de Admissão ao Ginásio Disponível em <http://www.anosdourados.blog.br/>. Acesso em 01 jul. 2012.



Na época em que os alunos fizeram tais exames, não tinham maturidade suficiente para entenderem o motivo para a seleção pela qual passavam, ou seja, a falta de escolas.

Para dar prosseguimento à pesquisa, foi feito o levantamento dos governadores do Estado de São Paulo no período estudado, sendo elaborado o quadro abaixo.

**Quadro 01 – Governadores do Estado de São Paulo, de 1945 a 1980**

Elaboração própria. Fonte: <<http://www.galeriadosgovernadores.sp.gov.br/07govs/govs.htm>>. Acesso em 02 set. 2011.

| <b>Governador</b>                      | <b>Período do mandato</b>                                      |
|----------------------------------------|----------------------------------------------------------------|
| José Carlos de Macedo Soares           | 03/02/1945 a 14/03/1947                                        |
| Adhemar Pereira de Barros              | 14/03/1947 a 31/01/1951                                        |
| Lucas Nogueira Garcez                  | 31/01/1951 a 31/01/1955                                        |
| Jânio da Silva Quadros                 | 31/01/1955 a 31/01/1959                                        |
| Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto | 31/01/1959 a 31/01/1963                                        |
| Adhemar Pereira de Barros              | 31/01/1963 a 05/06/1966, quando é cassado pelo Governo Federal |
| Laudo Natel                            | 06/06/1966 a 15/03/1967                                        |
| Roberto Costa de Abreu Sodré           | 15/03/1967 a 15/03/1971                                        |
| Laudo Natel                            | 15/03/1971 a 15/03/1975                                        |
| Paulo Egydio Martins                   | 15/03/1975 a 15/03/1979                                        |
| Paulo Salim Maluf                      | 15/03/1979 a 15/05/1982                                        |
| José Maria Marin                       | 15/05/1982 a 15/03/1983                                        |

O texto a seguir foi feito com base no artigo *Ação Política a expansão da rede escolar*, de Beisiegel (1964), fazendo as relações cronológicas entre as ações políticas e o governador do Estado de São Paulo.

Adhemar Pereira de Barros, como governador eleito pelo voto popular, não fez oposição à criação de escolas pela Assembleia, que permitia maior visibilidade aos deputados estaduais, sendo que no seu governo (1947 a 1951) foram criados 99 ginásios estaduais e 45 escolas normais no Estado de São Paulo.

Lucas Nogueira Garcez, governador no período de 1951 a 1955, manteve conduta moderada quanto à criação e instalação de novas escolas, determinando um estudo das reais demandas e sobre a possibilidade de doações de terreno, visando minimizar as despesas do Estado.

O período de 1955 a 1959 foi caracterizado pelo populismo, as ações governamentais priorizavam as classes menos favorecidas. Jânio da Silva Quadros, governador, tornou-se um governante que ia até o povo, ouvia-lhe as reivindicações, acolhendo-as e tomando as providências para que fossem satisfeitas. Foi o

responsável pela crença do povo no político disponível, preocupado com as mazelas das massas populares. Ele não atendia às recomendações da Secretaria da Educação para conter as criações, pois Jânio determinava, às vezes através de bilhetes, aos seus assessores a criação de escolas, atendendo as solicitações da população, sem levar em conta os recursos disponíveis do Estado. Essa situação se agravava perto das eleições. Utilizava-se de um recurso denominado seções<sup>6</sup> de ginásios já existentes, ou seja, baixava um Decreto (sem participação direta do Legislativo) e instalava uma extensão de um ginásio já criado e instalado (num total de 33 na capital e 4 no interior, em 1958 conforme dados encontrados em Beisiegel, 1984).

Conforme Sposito (1984, p.240),

Confirmam essas atitudes do governador Jânio as declarações do professor Heládio Antunha, Chefe do Ensino Secundário e Normal. Muitas vezes foi obrigado a instalar novas extensões devido às ordens do governador e aos seus compromissos eleitorais, expressos nos tradicionais “bilhetinhos” que continham um “instale-se imediatamente”. A necessidade de funcionamento imediato da unidade criava problemas administrativos e pedagógicos para os técnicos da secretaria, pois o ano letivo já estava iniciado, sendo extremamente complexa a implantação no mês de agosto ou setembro. A solução encontrada foi a abertura de Cursos Intensivos Preparatórios aos Exames de Admissão, ainda no mês de setembro, entrando o ginásio em funcionamento efetivo somente a partir de 1959.

Segundo Beisiegel (1964, p. 160), “em 1958 havia 421 ginásios criados em 313 dos 435 municípios então existentes. E a Assembleia Legislativa já registrava projetos de lei de criação do estabelecimento para 74 dos 122 municípios que ainda não o possuíam”.

Com a publicação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei Federal 4.024/61, as Secretarias Estaduais tiveram que se adaptar à nova legislação, com a preocupação de providenciar a estrutura necessária para o funcionamento das escolas criadas no governo anterior – provimento de cargos docentes e administrativos, mobiliários adequados, investimentos em prédios, etc, o que ficou a cargo do governador Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, no período de 1959 a 1963.

---

<sup>6</sup> Chamavam de “seções” as classes criadas como extensão de uma escola, mesmo que funcionando em prédios diferentes e distantes, como forma de evitar criar nova escola.

Durante o governo de Adhemar Pereira de Barros, foi criado o Conselho Estadual de Educação, em 1963.<sup>7</sup>

Eleito novamente ao governo do estado, rompe com o então presidente da República, João Goulart. Também se alia aos governadores Carlos Lacerda (da Guanabara) e Magalhães Pinto (de Minas Gerais), a fim de colocar toda a força econômica, política e militar de São Paulo a serviço da conspiração que culminou no golpe militar de 1964. Torna-se uma das principais lideranças civis na sustentação do governo militar, até que o presidente general Castelo Branco, com o Ato Institucional nº 2, de 27 de outubro de 1965, dissolve todos os partidos políticos e estabelece que as eleições, para presidente e governadores, seriam realizadas de forma indireta. Inconformado, Adhemar passa a conspirar abertamente contra o governo militar. Em 6 de junho de 1966, tem seu mandato de governador cassado pelo Ato Complementar nº 10.

(Fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/adhemar-de-barros.jhtm>. Acesso em 10 jan. 2012).

O seu governo, no período de 1963 a 1966, passou por um período turbulento, caracterizado pelo autoritarismo, resultante do golpe civil-militar de 1964.

O golpe de 1964 foi uma manobra dos setores mais avançados da burguesia brasileira, que contou com o apoio e a aliança dos latifundiários, das multinacionais, do governo dos Estados Unidos da América, da classe média e dos militares responsáveis pela intervenção executiva. Esse Regime discricionário utilizou-se de muitos mecanismos repressivos para impedir a participação e a representação das massas populares em nível institucional. Por outro lado, buscou canais de legitimidade, ao utilizar-se de propagandas com forte cunho nacionalista, com o intuito de promover reformas nos setores educacionais e sociais. Esta legitimação aconteceria através de apelos constantes à democracia e à liberdade, quando na verdade estas eram reprimidas; pelo discurso favorável à erradicação do analfabetismo, e a valorização da educação escolar, enquanto pouco dinheiro se destinava para este fim, sem contar com a forte contenção política na instituição de ensino. (BATTISTUS; LIMBERGER, 2006, p. 227)

O novo governo federal, embora em regime de ditadura, conseguiu um crescimento econômico, através do desenvolvimento do setor industrial, baseado na captação de recursos externos, que causou o endividamento do país e a concentração de renda, favorecendo as elites (que eram capazes de consumir, aumentando-lhes o poder aquisitivo).

Nesse contexto aumentou ainda mais a demanda social por educação, pois ela era vista como possibilidade de ascensão social. As classes menos favorecidas passaram a exercer pressão sobre o governo, para aumentar o atendimento escolar

<sup>7</sup> Disponível em <[http://www.oarquivo.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2292:ademar-pereira-de-barros&catid=77:nacionais&Itemid=59](http://www.oarquivo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2292:ademar-pereira-de-barros&catid=77:nacionais&Itemid=59)>. Acesso em 10 jan. 2012.



de seus filhos, vislumbrando a possibilidade de se adequarem à sociedade urbana e ao setor econômico emergente – o das indústrias, que se encontrava em fase de expansão.

O governo federal, por meio dos Acordos MEC-USAID (Ministério da Educação e Cultura e United States Agency for International Development), buscou ajuda internacional. A partir de 1964, acordos entre o MEC e a USAID foram feitos, abrangendo todos os níveis de ensino.

Os técnicos desse acordo participaram da reorganização da educação brasileira, que passou a refletir toda a educação americana. Muito mais do que preocupados com a educação brasileira, estavam ocupados em garantir a adequação de tal sistema de ensino aos desígnios da economia internacional, sobretudo aos interesses das grandes corporações norte-americanas. Na prática, os acordos MEC-USAID não significaram mudanças diretas na política educacional, mas tiveram influência decisiva nas formulações e orientações que, posteriormente, conduziram o processo de reforma da educação brasileira na Ditadura Militar. Destacam-se a *Comissão Meira Mattos*, criada em 1967, e o *Grupo de Trabalho da Reforma Universitária* (GTRU), de 1968, ambos decisivos na reforma universitária (Lei nº 5.540/1968) e na reforma do ensino de 1º e 2º graus (Lei nº 5.692/1971). (Fonte: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_mec-usaid%20.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_mec-usaid%20.htm)>. Acesso em 01 fev. 2012)

A pretensão do governo, com os acordos efetuados, era reorganizar o sistema educacional brasileiro, desenvolvendo a área educacional, adequando-a à modernização das indústrias, as quais requeriam mão de obra barata com um mínimo de qualificação.

Com a cassação de Adhemar Pereira de Barros, assumiu o governo Laudo Natel, para o período de 1966 a 1967. Durante o seu governo foi publicado o Decreto N.º 47.404, em 19 de dezembro de 1966, que aprovou as Normas Regimentais dos Estabelecimentos Estaduais de Ensino Secundário e Normal, as escolas passaram a ter uma uniformização no seu funcionamento.

Durante o período da ditadura militar brasileira, o primeiro governador a ser eleito indiretamente foi Roberto Costa de Abreu Sodré, para o período de 1967 a 1971. Em 1969, ele expediu o Decreto N.º 51.334, criando 166 Ginásios.

A publicação da Reforma do Ensino<sup>8</sup>, na década de 1970, propunha reformular a estrutura física das escolas, procurando atender às necessidades do

<sup>8</sup> A Lei 5.692, de 1971, aumentou os anos de escolarização obrigatória para 8 anos, abrangendo a faixa etária de 7 a 14 anos. Passa-se a ter a obrigatoriedade de uma habilitação profissional para todos que cursassem o agora chamado 2º grau. O objetivo do ensino de 1º e 2º graus volta-se para a qualificação profissional e o preparo para exercer a cidadania. Essa nova proposta vinha atender aos interesses do Governo Militar, que seriam, entre outros, o de esvaziar os conteúdos, trazendo assim uma despolitização, ao mesmo tempo que iria preparar e aumentar a força de trabalho qualificada, que atenderia à

novo ensino, enfatizando que uma sociedade mais justa seria possível através do progresso e da cidadania consciente, o que se adquire através da educação, portanto esta foi colocada como eixo principal para a mudança da sociedade.

Essas reformas educacionais procuraram atender aos objetivos estratégicos de conseguir a anuência de uma parte significativa da população (particularmente da classe média), para que se realizasse a "limpeza" política de forma brutal e se implementasse a aceleração da industrialização, através do crescimento da dívida externa, visando ao crescimento da economia, justificado pela falsa promessa de que os sacrifícios daquele momento eram necessários ao crescimento do "bolo econômico" e seriam, posteriormente, recompensados pela distribuição dos benefícios para toda a população. (CLARK, 2006, p. 129)

Conforme Mimesse (2008), no artigo "A cultura escolar no período da reforma do ensino de 1º e 2º graus: os projetos educacionais dos governos paulistas", foram selecionados os projetos educacionais de cada governador do Estado de São Paulo e suas implicações, a partir de 1971.

Conforme a autora (2008, p. 155):

O texto da Reforma do Ensino, dentre outros pontos, previa o aproveitamento dos edifícios escolares para a implantação da nova escola de 1º e 2º graus. Essa ação foi criada para evitar os conflitos pedagógicos, como por exemplo, entre diferentes diretores numa mesma unidade escolar.

Art. 2º - O ensino de 1º e 2º graus será ministrado em estabelecimentos criados ou reorganizados sob critérios que assegurem a plena utilização dos seus recursos materiais e humanos, sem duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes. (Brasil, 1971).

Foi governador nessa época, Laudo Natel (período de 1971 a 1975). A Secretaria da Educação elaborou as diretrizes dessa Reforma:

Dentro da linha de atendimento prioritário aos problemas educacionais, definida pelo Governador Laudo Natel, a Secretaria da Educação deseja imprimir, aquele processo contínuo de ajustamento do sistema de ensino, segura orientação renovadora, concretizada em providências capazes de nos garantir, por aproximações sucessivas, a implantação de um modelo que corresponda ao da concepção prevista na Lei e reclamada pelo estágio de desenvolvimento desta unidade da Federação. Para isso toda uma programação deverá ser estabelecida de molde a que a rede de escolas venha a ser devidamente ampliada e equipada; que as autoridades tenham clara consciência quanto as suas responsabilidades no cumprimento do

---

demanda do desenvolvimento anunciado pelo "tempo do milagre", que dizia que o Brasil poderia fazer parte do bloco do 1º mundo. Na lei proposta em 1971, fica claro que a educação para o trabalho é algo desejável pelo governo. A ideia básica é a de que, se o aluno quiser, terá condições de prosseguir até a Universidade, mas, se não quiser ou não puder, poderá arranjar razoáveis empregos quando sair do 2º grau.

cronograma estabelecido para as várias fases do processo gradual da lista de implantação; que os professores se assenhoreiem seguramente das inovações a serem implementadas no ensino; que as famílias fiquem esclarecidas sobre o que lhes diz respeito no assunto; que finalmente os alunos possam ser orientados com acerto ante as novas perspectivas que a reforma lhes proporciona quanto ao preparo para a cidadania consciente numa sociedade aberta onde imperem a justiça, a liberdade e a ordem. (MIMESSE, 2008, p.154).

Com a publicação da Lei Federal 5.692/71, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Federal 4024/61, ocorreram várias mudanças, entre as quais, a extensão da obrigatoriedade escolar para oito anos, com a fusão dos antigos cursos primários e ginásio; a extinção do exame de admissão; a introdução do ensino profissionalizante através dos ginásios orientados para o trabalho e a implantação da profissionalização compulsória no ensino de 2º grau.

A extinção do exame de admissão deixou alguns professores do curso ginasial contrariados, a princípio, pois alegavam que essa ação causaria uma queda no nível intelectual geral. Essa crítica nada mais era do que negar o acesso das camadas menos favorecidas à educação. Alguns professores do curso primário, que fizeram críticas, no início do estabelecimento do exame de admissão ao ginásio, agora também ficaram contra a sua extinção, pois diminuíram seus ganhos (muitos lecionavam nos Grupos Escolares num período e, no contraturno, lecionavam para preparar os alunos para tal exame, o que lhes permitia um rendimento a mais).

Embora o exame de admissão tenha sido extinto, as práticas pedagógicas dos professores continuaram as mesmas, não se adaptando ao ingresso de um número maior de alunos (os quais não eram mais selecionados, apresentando diferentes níveis de aprendizagem), o que elevou as taxas de evasão e repetência.

Ainda conforme Mimesse (2008, p. 158):

Ainda no governo de Natel ocorreu a redação e divulgação dos Guias Curriculares propostos para as matérias do núcleo comum do ensino de 1º grau. Um dos principais objetivos desses Guias foi garantir a continuidade dos conteúdos das áreas de ensino, exatamente em função da instituição da escola básica com duração de oito anos. Pretendia instituir a continuidade no ensino dos conteúdos das disciplinas, mas como podemos verificar essa propalada continuidade é muitas vezes improfícua, na prática as críticas dos professores com relação a defasagem dos alunos recaia nos conteúdos trabalhados nas séries iniciais. Porque ainda persistia uma diferença concreta no número de professores e de disciplinas ministradas para os alunos das 4ª séries e os alunos das 5ª séries.

Ao aumentar a escolaridade obrigatória para oito anos, a Lei Federal Nº 5.692/71 retirou a vinculação da verba destinada à educação, revogando, entre outros, os artigos 92 a 95 que tratavam do financiamento da educação.<sup>9</sup>

*A desvinculação dos recursos foi desastrosa para a educação. Com efeito, após a desvinculação, caíram os recursos do MEC (Calmon, 1990, p. 16), chegando ao máximo de 8,69%, do Orçamento da União, "em 1969; caíram a 7,33% no ano seguinte; a 6,78% em 1971; a 5,62% em 1972; a 4,95% em 1974; e, enfim, a 4,31% em 1975". Iniciou-se então um período de luta tenaz pela volta da vinculação constitucional, liderada pelo eminente homem público, amigo da educação, senador João Calmon. [...] Em 25/5/76 o parlamentar apresentou Emenda Constitucional, assinada por 63 dos 65 senadores. Nessa proposta eram mantidos os 12%, que o revogado dispositivo da Lei nº 4.024/61 previa para a União, aumentando-se para 24% a obrigação dos Estados. Justificava-se o aumento, uma vez que a escolaridade obrigatória passara de quatro para oito anos. O governo manobrou de tal forma que não foi obtido quórum para a aprovação. Em 11 de agosto de 1983 volta à carga o senador Calmon. Elevam-se os mínimos: 13% no caso da União e 25% em se tratando dos Estados, Distrito Federal e municípios. [...] Assim, em 23/11/83, foi aprovada a Emenda Calmon, que dava a seguinte redação ao art. 176, § 4º da Constituição:*

Art. 176 (...) § 4º Anualmente, a União aplicará nunca menos de treze por cento, e os Estados, o Distrito Federal e os municípios vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos, na manutenção e desenvolvimento do ensino. (SENA, 1995, p.9-10)

Em nome da flexibilidade orçamentária e da pressão da população pelo aumento de escolas, houve, como consequência, o rebaixamento do salário dos professores, o que culminou com a procura destes pela dupla jornada de trabalho, para manter o padrão de vida a que estavam acostumados.

Aumenta-se o tempo da escolaridade e retira-se a vinculação constitucional de recursos com a justificativa de maior flexibilidade orçamentária. Mas alguém teria de pagar a conta, pois a intensa urbanização do país pedia pelo crescimento da rede física escolar. O corpo docente pagou a conta com duplo ônus: financiou a expansão com o rebaixamento de seus salários e a duplicação ou triplicação da jornada de trabalho. (CURY, 2000, p. 574).

<sup>9</sup> A antiga Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024/61), preceituava em seu art. 92, *caput*:

Art. 92. A União aplicará, anualmente, na manutenção e desenvolvimento do ensino, 12% (doze por cento), no mínimo, de sua receita de impostos e os Estados, o Distrito Federal e os municípios, 20% (vinte por cento), no mínimo.

O dispositivo citado foi revogado pela Lei nº 5.692/71. Antes disso, para dirimir controvérsias sobre a recepção ou não da lei pela Constituição de 1967 – que mais uma vez derrubava a vinculação – a Consultoria-Geral da República sustentou que a norma fora revogada pelo art.65 da Constituição de 1967. Cf. Parecer 723-H, da Consultoria-Geral da República – D.O. de 30/8/68. Há a outorga da Constituição de 1967 e o advento da Constituição da Emenda (1969). A vinculação de recursos perde o status constitucional com a primeira, e fica limitada aos municípios com a segunda, nos seguintes termos:

Art. 59. Aos municípios que não aplicarem, em cada ano, pelo menos 20% da *receita tributária* municipal no ensino de primeiro grau, aplicar-se-á o disposto no art. 15, § 3º, alínea f da Constituição (intervenção). (SENA, 1995, p.9-10)

Alguns professores do curso primário passaram a lecionar em dois períodos e alguns do curso ginásial passaram a lecionar nos três períodos, como forma de repor os rendimentos.

Com isso, aumentou a demanda por escolas, pois o número maior de escolas além de atender os alunos que estavam sem acesso a ela, também atenderia à parcela de professores que ficaram desempregados, em virtude da dupla, às vezes, tripla jornada de trabalho de alguns professores.

No Diário Oficial de 23 de outubro de 1971, foi encontrada a seguinte notícia, em destaque, na capa:

**GOVERNADOR AUTORIZA A CONSTRUÇÃO DE MAIS 13 PRÉDIOS ESCOLARES**

A construção de 13 novos prédios escolares, no valor total de Cr\$ 10.469.456,00, foi autorizada pelo governador Laudo Natel, dentro do programa de expansão da rede de estabelecimentos de ensino do interior do Estado. O FECE - Fundo Estadual de Construções Escolares construirá 10 prédios para ginásios estaduais, dois para grupos escolares e um para centro educacional, beneficiando 13 municípios paulistas. Foram autorizadas também pelo governador, ampliações de escolas em 10 cidades, num total de Cr\$ 838.539,00, bem como obras de reforma e ampliação no grupo escolar "Francisco Eugênio de Lima", em Casa Branca, no valor de Cr\$ 47.000,00. O FECE foi autorizado, ainda, a receber em definitivo, obras de construção de prédios escolares em três municípios, já concluídas, e a destinar equipamentos, moveis e utensílios para ginásios estaduais, centros educacionais e grupos escolares de 41 cidades. O governador Laudo Natel recebeu, por outro lado, informação do Fundo Estadual de Construções Escolares sobre o término da construção do primário anexo ao pluricurricular do Ginásio Estadual de Flórida Paulista; Grupo Escolar Experimental de Junqueirópolis e Grupo Escolar Experimental de São Pedro. Na construção destes três estabelecimentos, o governo do estado aplicou Cr\$ 3.207.000,00.<sup>10</sup>

Diante da importância dada à notícia, pode-se concluir que a construção de novas escolas era valorizada pela população, dando maior visibilidade ao executivo.

A expansão econômica exigia o aumento do nível geral de escolaridade do trabalhador, mas podia ser apenas o suficiente para que o funcionário conhecesse os rudimentos do trabalho e contribuísse para aumentar a produtividade, porém sem qualquer possibilidade de exigir melhores salários.

A implantação da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus realmente começou a ser efetivada no governo de Paulo Egydio Martins (período de 1975 a 1979), mas, a efetiva implantação acabou causando a falta de vagas nas escolas:

---

<sup>10</sup> Fonte: [www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br). Acesso em 26 maio 2011.

Desde sua publicação apenas algumas adaptações nas escolas foram efetuadas. Era necessária uma reorganização administrativa, que envolveria a regularização dos docentes, dos funcionários técnicos e administrativos, e de uma adequação dos recursos físicos das escolas, entre outros. De acordo com Rus Perez (2000) a meta principal do programa foi colocar em prática o Projeto de Redistribuição da Rede Física, na tentativa de efetivar a implantação das diretrizes da Reforma de Ensino, para evitar que as escolas continuassem a mudar somente a sua denominação e, mantivessem as segmentações entre o primário e o ginásio. Mas, o projeto de redistribuição implantado pelo governo causou outro agravante, a falta de vagas para todos os alunos. Não existiam edifícios escolares construídos em grande quantidade nos bairros ou nas periferias das grandes cidades. Os antigos Grupos Escolares e os Ginásios Públicos abrigaram seus alunos em prédios vistosos, sempre no centro ou próximos ao centro das cidades, a importância desses edifícios escolares era comparada ao dos edifícios da Prefeitura Municipal, ao da Câmara Municipal ou mesmo da Igreja. (MIMESSE, 2008, p.158-159)

Foi na gestão de Paulo Egydio Martins que as matrículas dos alunos passaram a serem condicionadas ao local da residência, o que até o momento é conhecido como *setorização*, isto é, o aluno deveria se matricular na escola mais próxima de sua residência – orientação que continua a valer até hoje. Os motivos para que essa medida fosse tomada foram extinguir o conceito de que algumas escolas da rede pública estadual eram melhores que outras (principalmente as centrais), evitar o deslocamento dos alunos e aumentar a valorização dos bairros.

A Reforma do Ensino previa, ainda, a instalação do ensino profissionalizante em todas as escolas de 2º Grau, como forma de deter o elevado número de alunos à procura dos cursos universitários, que não tinham condições de atender a toda a demanda:

Ainda no governo de Martins houve a implantação do ensino profissional nas escolas de 2º grau. A Reforma do Ensino previa essa instalação: [...] todos os estabelecimentos de ensino de 2º grau, públicos ou privados, deveriam, a partir de 1972, oferecer o ensino profissional. Esta obrigatoriedade foi uma forma de conter o número de alunos que ingressariam no ensino superior, porque, com a união do primário ao ginásio, a tendência seria a ampliação do número de estudantes nas séries subsequentes e, conseqüentemente, muitos destes tentariam cursar o ensino superior, que, por sua vez, não dispunha de vagas suficientes para todos. A profissionalização já existia, em algumas escolas técnicas de 1º grau, profissionalizavam seus alunos nas duas últimas séries e nas séries do 2º grau. Com a obrigatoriedade, o ensino profissional tornou-se a única opção. (MIMESSE, 2007. p.107).

A obrigatoriedade do ensino profissional demandou alguns problemas: adaptação nas instalações físicas de algumas escolas, redução de carga horária de algumas disciplinas do núcleo comum para a inclusão das disciplinas

profissionalizantes, contratação de professores para as disciplinas profissionalizantes, causando dissabores com os professores que tiveram sua carga horária reduzida.

Paulo Salim Maluf, governador no período de 1979 a 1982,

[...] recém empossado, passou a centrar seus projetos no ensino de 1º grau e, na ampliação de cursos pré-profissionalizantes nesse nível de ensino. Esse foi o mesmo programa seguido pelo vice-governador, Marins nos meses em que esteve no governo em substituição a Maluf. Mas, todos os projetos criados nesses governos foram extintos no governo seguinte, estes foram os últimos governadores eleitos indiretamente. (MIMESSE, 2008, p. 160).

Diante do estudo efetuado, pudemos perceber que cada governo via a área da educação como forma de visibilidade de suas ações, preocupando-se mais com a quantidade das escolas, e menos com a qualidade do ensino que era oferecido por elas.

### **3.2 Movimento de expansão do ensino secundário**

Ao estudar a criação do Ginásio de Mairinque, em 1960 e sua implantação em 1963, além da análise do contexto em que os ginásios estaduais foram implantados no Estado de São Paulo, é necessário analisar, também, como a sociedade reivindicava esse tipo de ensino, tido como meio de ascensão social dos jovens.

[...] “a educação secundária aparecia como a modalidade de instrução média que apresentava maior garantia de mobilidade ascendente, permitindo o exercício de ocupações socialmente mais valorizadas e melhor remuneração.” (SPOSITO, 1984, p. 220)

As matrículas nas escolas secundárias começaram a expandir-se a partir de 1945, com a queda do Estado Novo e o início do regime político baseado no voto. A população passou a aspirar à melhoria de vida, através dos estudos, principalmente em relação ao ensino secundário. Com isso, iniciaram-se os movimentos populares, solicitando a expansão desse nível de ensino.

No estudo Ação Política e expansão da rede escolar, feito por Beisiegel, consta:

A escola secundária aparece então para as populações como o caminho natural na ascensão segundo esses novos padrões. A gradual generalização destas expectativas de ascensão determinaria, assim, a crescente procura de oportunidades de matrícula no ensino secundário. O ginásio, gradualmente, vai perdendo a antiga condição de escola que atendia às necessidades de ilustração e encaminhamento escolar das camadas superiores e passa a representar, para as diferentes camadas sociais, o meio de conquista de novas e melhores posições na sociedade em transformação. Em 1940 havia no Estado 41 ginásios públicos, 3 na capital e 38 no interior. (BEISIEGEL, 1984, p.395).

A população, então, passou a procurar os deputados e a fazer suas reivindicações, principalmente em relação às instituições educativas. Todas as cidades paulistas passaram a solicitar a implantação dos ginásios.

Enquanto o “direito universal à escola elementar gratuita” já fazia parte das orientações do Estado e era aceito como legítimo pelas camadas dirigentes, o acesso à instrução secundária ainda integrava projetos sociais vinculados à formação desses setores favorecidos da sociedade. Assim, as pressões estabelecidas por setores das massas populares tendo em vista a instalação de escolas ginasiais e a sua capitalização política, feriam os valores dominantes entre essas elites.[...] As tentativas de contenção do movimento de abertura de escolas no interior e na capital originadas na Assembleia Legislativa e nos órgãos técnicos da secretaria da Educação, aliadas ao clima desfavorável instaurado em setores influentes da imprensa e à tradicional falta de recursos materiais e humanos, constituíam alguns dos obstáculos a serem ultrapassados para implantar novas unidades de ensino. [...] Estimulados pela política populista, os movimentos de bairros conseguiram alcançar a instalação de vários ginásios estaduais, rompendo com o clima adverso imposto pelas resistências, até então oferecidas. (SPOSITO, 1984, p. 220-221)

Os autores de projetos de lei que dispunham sobre criação de ginásios estaduais utilizavam como justificativa a necessidade do atendimento de reivindicações de moradores desfavorecidos, que não enviavam seus filhos às escolas particulares, pois não podiam arcar com essa despesa educacional. Ainda conforme Sposito (1984), esses autores apelavam ao senso democrático para sensibilizar os demais deputados, alegando que os filhos dos simples trabalhadores não poderiam ser condenados ao mesmo tipo de trabalho, pela falta de oportunidade de progredir, via educação.

Diante das pesquisas realizadas, a implantação dos Ginásios no Estado de São Paulo era vista como questão de desenvolvimento, tanto do próprio município, quanto dos alunos, que visavam à ascensão social e econômica. Passou a ser reivindicação da população, que via, nos ginásios, a possibilidade de os filhos terem



um futuro melhor, já que a maioria dos pais teve acesso somente à escola elementar (primário).

Na então Vila Mayrink não foi diferente, pois a população passou, também, a se mobilizar para essa conquista.

No próximo capítulo, será tratada a história local, focalizando inicialmente um pequeno histórico do município de Mairinque, em seguida, analisando a educação no município para, posteriormente, apresentar o processo legal de criação e instalação do primeiro Ginásio Estadual em Mairinque e, finalmente, analisar o funcionamento da escola, fazendo um entrelaçamento entre história e memória.

## 4 ENTRELAÇAMENTO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA

O início dos estudos, através da análise das fontes escritas, permitiu estabelecer o contexto político, econômico e social da implantação do Ensino Secundário no Estado de São Paulo, em nível macro. Neste capítulo, trabalharemos no nível micro, ou seja, especificamente em relação ao município de Mairinque, também com fontes escritas e através da memória, tanto individual, quanto coletiva.

Foram coletados depoimentos de pessoas que tiveram alguma ligação, direta ou indireta com a escola, como ex-alunos, pais, ex-funcionários e descendentes das lideranças locais, que tiveram participação no processo histórico de criação, instalação e evolução do objeto de estudo – o Ginásio Estadual de Mairinque.

Tais depoimentos foram coletados de duas formas: alguns através de conversas pessoais, outros através de email do Grupo Mairinque<sup>11</sup> (Apêndice F), mas sempre de forma espontânea, tendo como questão norteadora as lembranças da escola.

O entrelaçamento das fontes escritas com as fontes orais – através dos depoimentos, permitiu contextualizar o panorama político, econômico e social da época, ajudando a construir uma aproximação daquele momento.

[...] durante o processo de pesquisa, as memórias são construídas a partir da relação pesquisador e sujeitos entrevistados, pautadas em preocupações com determinadas problemáticas e com alguns objetivos de algum modo previstos; mas as memórias dos sujeitos parecem sempre extrapolar as expectativas, indicam novos temas e questões, nem sempre perceptíveis no momento mesmo do trabalho de campo e das primeiras análises. (DEMARTINI, 2006, p. 286)

Na interpretação dos depoimentos, foi necessário fugir das ambiguidades, pois os elementos do momento social, político e econômico da época, bem como aspectos culturais influenciariam os relatos. Foi preciso lidar com a subjetividade das narrativas e com a da autora, afastando as ligações afetivas, como forma de se isentar de qualquer tipo de interferência, que pudesse prejudicar o trabalho de pesquisa.

---

<sup>11</sup>Formado por ex-alunos da escola, na internet: [www.grupomairinque.com.br](http://www.grupomairinque.com.br).

Ao reconstruir a trajetória do Ginásio de Mairinque, a partir da sua história (fotos, documentos oficiais e escolares) e de sua memória (analisando os depoimentos e as “representações” que os envolvidos, em especial seus ex-alunos, fizeram da instituição), foi possível aprofundar a ideia da relação da instituição com a realidade socioeconômica e cultural da sociedade mairinquense, visto haver a inserção num contexto local e regional, portanto, não poderia ser analisada isoladamente.

No interior das instituições há um quebra-cabeça a ser decifrado. Uma vez dentro da instituição, trata-se de fazer o jogo das peças em busca dos seus respectivos lugares. Legislação, padrões disciplinares, conteúdos escolares, relações de poder, ordenamento do cotidiano, uso dos espaços, docentes, alunos e infinitas outras coisas se cruzam. Pode-se dizer que uma instituição escolar ou educativa é a síntese de múltiplas determinações, de variadíssimas instâncias (política, econômica, cultural, religiosa, da educação geral, moral ideológica, etc.) que agem e interagem entre si, “acomodando-se” dialeticamente de maneira tal que daí resulte uma identidade. (SANFELICE, 2006, p.77)

Os documentos encontrados registram e constituem a cultura material da instituição, são testemunhos da sua cultura e memória. Embora as escolas sigam a mesma legislação, desenvolvam o processo ensino-aprendizagem na relação professor/aluno, possuam alunos, professores e funcionários, ao mesmo tempo, cada uma tem as suas especificidades: clientela, comunidade do entorno, problemas disciplinares, de relacionamento etc.

De acordo com Le Goff (2003, p.537-538):

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento [...] que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.

Os documentos escolares costumam ser guardados em arquivos,

[...] integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere). (VIDAL, 2005 a, p. 24).

O início da movimentação da comunidade pela criação da escola estudada, em 1958, coincidiu com o processo de emancipação de Mairinque, que pertencia ao município de São Roque, supondo que o motivo que levou a essa movimentação foi a necessidade de se autoafirmar como município independente da sede, pois o ensino era visto como possibilidade de progresso profissional e, conseqüentemente, progresso da cidade.

Sanfelice (2006) defende que, para resgatar documentos, é necessário um estudo aprofundado das fontes, pois se estudo não for feito com muito critério, a pesquisa realizada fica sem fins científicos, resultando somente em relatos históricos.

Para se captar o que é a singularidade de uma instituição torna-se necessário olhar o universal (a totalidade). Se o singular não existe por si, uma vez que está contido no universal, o universal não se institui sem as contraditórias relações das múltiplas singularidades. Captar o movimento, a tensão entre o singular e o universal é o fundamental da pesquisa. Se o singular depende da sua materialidade única, o universal também não é uma abstração: é uma totalidade histórica determinada pelo seu modo de produção, pelas suas relações sociais, pelas suas práticas políticas, culturais, ideológicas e educativas, dentre outras. Penso então que o estudo das Instituições escolares e/ou educativas poderá acrescentar conhecimentos históricos à história da educação se além de revelar as minúcias das singularidades escolares, inserir a compreensão e a explicação delas na totalidade histórica. (SANFELICE, 2006, p. 198)

#### 4.1 HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE MAIRINQUE

Mairinque maravilhosa, é a cidade dadivosa de destinos soberanos!  
Meu rincão idolatrado que possui no seu passado muitos anos!

Mairinque de antiga era, da Fazenda Canguera, quase à beira do caminho...  
Daquela casa sombria, da gleba que pertencia ao famoso Manduzinho!

Mairinque de bênçãos cubro a 27 de outubro de oitocentos e noventa!  
Da Estrada Sorocabana! da Vila que surge ufana no quilômetro setenta ...

Mairinque da linda pá de prata e jacarandá, que em nossa história se finque!  
Do arrojo, da atividade do fundador da cidade: Francisco de Paula Mayrink!  
(Marcondes Verçoza)

Mairinque localiza-se a 65 km a oeste da capital do Estado de São Paulo e a 36 km a leste de Sorocaba, sua sede regional. Consta, no site do IBGE – Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>12</sup>, que o gentílico é mairinquense ou mairinquiniano, embora somente o primeiro seja utilizado.

De uma fazenda denominada “Canguera” - palavra guarani que significa “Ossada”, pertencente ao município de São Roque, a Companhia da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) adquiriu 264 alqueires de terras, para expansão da ferrovia, onde foi construído o pátio de manobras e também uma oficina para manutenção das locomotivas e vagões, constituindo um importante entroncamento da linha férrea para o Porto de Santos. Mayrink fazia a interligação entre os Estados de Mato Grosso (de onde vinha grande parte de bovinos, suínos e aves para o abate em São Paulo), do Paraná (de onde vinha grande produção de café) e de Minas Gerais (de onde vinham os minérios de ferro, principalmente a bauxita, utilizada na produção de alumínio) e o Porto de Santos, onde era feito o escoamento da produção.

A “Vila Mayrink” foi fundada em 27 de outubro de 1890. Aos poucos a população foi aumentando, majoritariamente constituída pelas famílias de empregados da Estrada de Ferro Sorocabana e, como consequência, foram construídos pela ferrovia alojamentos, hotel e moradias em cerca de três quarteirões próximos ao pátio de manobras. Paralelamente, foram surgindo pequenos melhoramentos, como farmácia, escola reunida, posto policial, jardim com coreto, açougue, iluminação a gás etc.

A população tinha, através da Estrada de Ferro Sorocabana, os serviços de água e esgoto, colocação de guias, sarjetas e coleta de lixo. No entanto, o município sede, São Roque, era o responsável pela cobrança dos impostos: predial, territorial e de indústria e profissões.

Em 1903, foi inaugurado o Horto Florestal<sup>13</sup> com a finalidade de extração de sementes e plantação de eucaliptos, para o feitiço de dormentes (mourões de madeira, no formato quadrado, e com 2,5 a 3 metros de comprimento, que eram colocados sobre as pedras, para assentamento dos trilhos férreos) e também para lenha nas locomotivas a vapor.

Neste mesmo ano, foi fundada a Sociedade Operária Musical e Recreativa, responsável pela construção do primeiro cinema da cidade<sup>14</sup> (atualmente SRM –

---

<sup>12</sup> Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 25 fev. 2010.

<sup>13</sup> O engenheiro agrônomo Dr. Jonas Zabrockis, lituano naturalizado brasileiro, era o responsável pelo Horto Florestal. Constatou nos depoimentos de alguns ex-alunos, que ele reunia seu filho, com os respectivos amigos de escola, no escritório e dava aulas de Matemática, na época das “sabatinas” escolares.

<sup>14</sup> O primeiro e único cinema da cidade, pertencente à Sociedade Recreativa Mairinque, hoje abriga o CEMEC – Centro Municipal de Educação e Cultura, numa parceria com a Prefeitura Municipal de Mairinque.

Sociedade Recreativa Mairinque). Os sócios pagavam uma mensalidade e toda a família tinha livre acesso, diário se quisesse, ao cinema. Depois foram ampliando as atividades, com bailes nas datas especiais da cidade e bailinhos, aos finais de semana, para os sócios e família – frequentados normalmente pelos jovens.

Também em 1903, foi instalada a Paróquia de São José, com a construção da igreja<sup>15</sup>, que teve como responsável (até 1940) o abade Dom Afonso Heun. Nessa época foi Arcebispo da Diocese de Osasco - ao qual o município de São Roque pertencia - Dom Gaspar D'Afonseca e Silva, que teve seu nome imortalizado na Praça central da cidade.

**Foto 01 - Igreja Matriz de São José - 2004**

Mairinque da nossa fé: da Matriz de São José, como nunca se viu  
Da devoção, do carinho, do alegre Padre Zezinho, do bondoso Padre Liu!  
(Marcondes Verçozza)

(Fonte: <<http://www.mairinque.sp.gov.br>>, Acesso em 23 jul. 2011)



Pesquisando com antigos moradores, estes informaram que a torre da Igreja (que tem no seu topo um relógio<sup>16</sup>, que pode ser visto dos quatro lados), foi construída por voluntários, sendo alguns deles: José Antonio Medina, na construção da alvenaria e Carmínio Caramante, responsável pela construção da escadaria de madeira que leva até o topo da torre. Havia um morador da cidade, “Seu Arruda” (Francisco Martins Arruda), um autodidata, que se punha a consertar relógios, dentaduras etc, que mantinha o relógio da igreja sempre funcionando. Depois do seu

<sup>15</sup> A igreja construída em 1903 tornou-se, hoje, a Igreja Matriz de São José, em virtude da instalação das diversas paróquias nos bairros mairinquenses.

<sup>16</sup> Através da Lei Municipal Nº 1023/62, o relógio da matriz foi considerado de utilidade pública, tendo uma verba reservada para sua manutenção. (Fonte: [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

falecimento, em 1970, o relógio deixou de funcionar regularmente. Hoje, após quarenta e dois anos, voltou a funcionar, dobrando o sino a cada trinta minutos.

Ainda sobre a Igreja Matriz, vale ressaltar o que foi lembrado em muitos depoimentos, que o sino da sua torre tocava, avisando aos católicos, alguns minutos antes dos horários das missas; porém, se o sino tocasse quando não havia missa, toda a população ficava atenta, pois na sua torre havia um alto-falante e, através dele, eram noticiados os falecimentos ocorridos no município.

Alô! Alô! Atenção! Alô! Alô! Atenção!

Quando a já habitual frase encheu os ares das redondezas da Matriz de São José, prendeu-se a respiração de todos, os ouvidos atilaram, os corações palpitarão apreensivos. [...] “Alô! Alô! Atenção!” E, então, finalmente vem a nota: “foi encontrada uma carteira com documentos. O proprietário poderá procurá-la com fulano no endereço tal”. Ufa! Que alívio. O ambiente se desanuvia. [...] Graças a Deus! Nada de mau. A tristeza desta vez não nos visitou. E que ventura – a solidariedade mora conosco: se alguém perdeu, outros encontraram; melhor ainda: apressam-se em avisar e acalmar quem por essa hora estará preocupado.

A comunidade está feliz! (AMARAL, 1980 a)

Continuando a cronologia, em 1904, a Vila Mayrink foi elevada à categoria de Distrito Policial, tendo como primeiro subdelegado Carlos Humann<sup>17</sup> e também foi criado o Registro Civil,

[...] tendo sido criado o Registro Civil em Mayrink em 1904 (detalhe obtido do dr. Joaquim Pinheiro Lima) [...] O primeiro “cartório” – como o povo conhece – instalou-se numa das salas do Posto Policial, na Rua Carlos Gomes. Posto Policial e Registro Civil trabalhavam lado a lado. [...] Curioso é sabermos que o pessoal dos escritórios da Sorocabana muito colaborou para o funcionamento do “cartório”, acumulando atribuições na ferrovia e no registro civil. [...] Outra novidade: o subdelegado e seus suplentes também eram ferroviários. [...] alguns nomes: Verlangieri, Aquiles e o Zé Angelini. (AMARAL, 1984)

Em 1906, Victor Dubugras<sup>18</sup> fez o projeto da Estação Ferroviária da cidade, da qual mais detalhes encontram-se no Anexo B.

Pela imponência e importância (considerada a primeira obra em concreto armado no Brasil), a estação tornou-se um dos símbolos da cidade, sendo

<sup>17</sup> Disponível em <http://www.mkcultural.com.br>. Acesso em 12 set. 2011.

<sup>18</sup> Victor Dubugras (Sarthe, França 1868 - Teresópolis RJ 1933). Arquiteto. Nascido na França, criado em Buenos Aires. Não se sabe muito sobre o período que passa na Argentina nem sobre sua formação. Em 1891, Dubugras muda-se para São Paulo.

(Fonte: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia&cd\\_verbete=5384&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=5384&cd_idioma=28555)>. Acesso em 03 ago. 2011

posteriormente tombada pelo **CONDEPHAAT** – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo<sup>19</sup>.

A Estação Ferroviária foi uma das obras que deram maior visibilidade ao distrito de Mayrink, cuja população continuou a reivindicar obras e melhorias, visando à sua independência do município de São Roque.

Em 1930, grande parte da oficina foi transferida para Sorocaba, o que causou certa estagnação no desenvolvimento da cidade. A partir de 1940, a Estrada de Ferro Sorocabana ampliou suas instalações no Distrito de Mayrink, surgindo o depósito de locomotivas (onde era feita a manutenção delas), almoxarifado, serviço florestal (estudo de sementes e replantio dos eucaliptos), serviço de eletrificação, armazém de abastecimento e farmácia, aos funcionários (que adquiriam os produtos com uma caderneta, cujo valor de compra era descontado mensalmente nos vencimentos).

Da imensa área adquirida pela Estrada de Ferro Sorocabana e que constituía a “Vila Mayrink”, a primeira propriedade vendida a um particular, foi a de Francisco de Assis Pinto de Oliveira<sup>20</sup>, cujo nome se perpetua numa das ruas da cidade.

Em 1940, foi inaugurado o CASM – Clube Atlético Sorocabana de Mayrink – que funciona até o momento - e que passou a oferecer espaços de esportes aos associados: campo de futebol e piscina.

Em 1950, foi inaugurado o Posto de Puericultura Dona Carmitinha B. Muylaert. Em 1951, foi fundada a Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e a Infância de Mairinque (APAMIM), cuja diretoria, em 1955, criou o Parque Infantil “Dona Tereza Cristina Whitacker Ribeiro de Lima” nome da filha do Dr. José Maria Whitacker<sup>21</sup>, possuidor, na época, de uma aprazível e próspera propriedade no município, a Fazenda Santa Amélia.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Disponível em < [www.condephaat.sp.gov.br](http://www.condephaat.sp.gov.br) >. Acesso em 04 abr. 2011.

<sup>20</sup> Francisco de Assis Pinto de Oliveira era pai da primeira professora pública mairinquense, Altina Júlia de Oliveira, que teve o seu nome imortalizado no estabelecimento de ensino pesquisado.

<sup>21</sup> Dr. José Maria Whitaker -20.05.1878-19.11.1970- Bacharel em Direito; banqueiro, financista e filantropo fundador do Banco Comercial do Estado de São Paulo; exerceu a Presidência do Banco do Brasil no período de 15 de dezembro de 1920 a 20 de dezembro de 1922 quando adotou relevantes medidas: criação da Câmara de Compensação de Cheques e das Carteiras de Redesconto e de Crédito Agrícola. (Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/portugues/institucional/ministros/rep027.asp>>. Acesso em 13/02/2011).

<sup>22</sup> A Fazenda Santa Amélia era cuidada pelo engenheiro agrônomo, Dr. Jonas Budreckas, lituano naturalizado brasileiro, sendo uma referência, no município, em relação aos cuidados às árvores frutíferas e variedade de flores que possuía, além da extração do mel de abelhas, que era um dos “xodós” do Dr. José Maria Whitaker. Hoje, parte da Fazenda Santa Amélia tornou-se o Bairro Jardim Vitória. Um fato pitoresco nos foi relatado: os filhos do Dr. Jonas Budreckas foram conhecer o açúcar refinado quando entraram na escola, pois na fazenda tudo era adoçado com mel.



**Foto 02** - Cobertura do galpão do Parque Infantil -

Reunião de moradores de Mairinque para fazer a cobertura do galpão que originaria o Parque Infantil (1955), demonstrando a importância da participação da população nas melhorias educacionais, visando o atendimento das crianças. (Fonte: arquivo da EM. "Tereza Cristina Whitaker Ribeiro de Lima")



No ano de 1950 foi formada a primeira Comissão de Emancipação, que foi presidida por Victorino Villiotti e tendo, ainda, como alguns dos participantes, Gastão Bussamara, Maurilio Pereira Araujo, João Chesine, João Lucas Ferreira e Arganauto Ortolani. A emancipação era vista pela comunidade como “corte do cordão umbilical” do município-sede – São Roque – pois sentia-se a rejeição por parte dele, por não ter arrecadação própria.

A Companhia Brasileira de Alumínio<sup>23</sup> (CBA), instalada em 1955, na Vila do Rodovalho (hoje município de Alumínio), passou a produzir alumínio, cooperando para o desenvolvimento do Distrito de Mairinque, que passou a ter arrecadação própria, ambição há muito desejada pelos seus moradores.

Nesse período, foi reformulada a Lei Orgânica dos Municípios, sendo publicada a Lei N.º 1, de 18/09/1947, que dispunha sobre a organização dos municípios, que estabelecia:

<sup>23</sup> Desde a inauguração de sua Fábrica, em Alumínio, SP, em 1955, a Companhia Brasileira de Alumínio trilha uma trajetória de sucesso, marcada pelo pioneirismo, inovações tecnológicas e responsabilidade socioambiental. Apresentando, ao longo de mais de 50 anos, um crescimento médio anual de 10%, é a segunda maior produtora brasileira do metal, com 475 mil toneladas/ano de alumínio primário. Posicionada entre as maiores empresas mundiais do setor, é a maior planta do mundo a operar de forma totalmente verticalizada, realizando, num mesmo local, desde o processamento da bauxita até a fabricação de produtos (lingotes, tarugos, vergalhões, placas, bobinas, chapas, folhas, perfis, telhas e cabos). Disponível em <[www.cia-brasileira-aluminio.com.br/](http://www.cia-brasileira-aluminio.com.br/)>. Acesso em 23 fev. 2011.

**Artigo 1.º** - São condições necessárias para qualquer território constituir-se em município:

**I** - População mínima de quatro mil (4.000) habitantes:

**II** - Renda mínima de duzentos mil cruzeiros «Cr\$ 200.000,00» anuais.

**§ 1.º** - O limite de renda estabelecido no n. II será reduzido a metade quando a sede do município distar, por via férrea ou de rodagem, vinte e cinco (25) quilômetros, pelo menos, da sede do distrito a ser elevado a município.

**§ 2.º** - Os municípios que não preencherem as condições estabelecidas neste artigo serão anexados a município ou municípios vizinhos, por escolha da população local, em plebiscito que se realizará nos termos dos artigos 6.º e 7.º, no que fôr aplicável.

**§ 3.º** - Poderão ser criados municípios localizados até quatro (4) quilômetros da linha limítrofe do Estado, sem as exigências estabelecidas neste artigo.

**§ 4.º** - Os distritos poderão dividir-se em subdistritos.

Como a “Vila Mayrink” distava 6 km da sede, havia impedimento para se constituir em município, inviabilizando o atendimento à reivindicação da população.

Naquela mesma Lei Orgânica, no Artigo 19 das Disposições Transitórias, constava: No primeiro quinquênio após a publicação desta lei, o limite de renda mínima para a criação de municípios será reduzido de 50 % para a hipótese do artigo 1.º n. II, e de 40 % para o caso do § 1.º.

A Vila havia crescido e a Companhia Brasileira de Alumínio produzia bastante e a arrecadação, conseqüentemente, cresceu muito. Era o ano de 1958. Foi formada a segunda Comissão de Emancipação, assim constituída: presidente, o vice-prefeito de São Roque, João Chesine; tesoureiro, o subprefeito de Mairinque, Francisco Rodolpho Bertolini; secretário, Arganauto Ortolani - na época vereador em São Roque e membros, os vereadores José Francisco dos Santos (Seu Zé Enfermeiro) e Luiz Zapparoli.

Com os impostos arrecadados através da CBA, o distrito já teria condições financeiras de subsistir como cidade. Nessa fase, foram de fundamental importância as lideranças locais – tanto os que fizeram parte da comissão de emancipação, quanto as que emergiram de Alumínio (dentre elas Abel Souto – comerciante e Orlando Silva – chefe da portaria da CBA, ambos eleitos vereadores na primeira legislatura do novo município de Mairinque).

Não foram poupados esforços para a emancipação, utilizando-se a comissão de todas as estratégias possíveis, buscando apoio político nas diversas esferas de poder, mobilizando a comunidade, através de abaixo-assinados, como forma de comprovar o número de pessoas que requeriam a independência administrativa do então distrito de Mairinque.

O prefeito de São Roque, Lívio Tagliassachi, foi solidário com a ideia, embora reconhecendo que o município de São Roque perderia numerário de impostos, em virtude da CBA, que ficaria pertencendo a Mairinque. O vereador Arganauto Ortolani conseguiu na Câmara de São Roque a aprovação de um requerimento dirigido à Assembleia Legislativa, apoiando a causa mairinquense.

[...] a separação Mairinque-São Roque, pela emancipação do primeiro, não trouxe enfraquecimento a nenhum dos municípios. [...] ambos passaram a experimentar progresso jamais registrado quando formavam uma só divisão político-administrativa. [...] não fizeram desvanecer o respeito e a amizade do filho que, ao atingir a maioridade, foi compreendido pelo pai e, no tempo oportuno, emancipado para que seguisse o seu próprio caminho. (AMARAL, 1981)

No dia 27 de dezembro de 1958, foi aprovado o projeto de lei que criava 67 novos municípios no Estado de São Paulo, inclusive o de Mairinque. O projeto foi sancionado pelo Governador Jânio Quadros, transformado na Lei 5.121, de 31/12/1958 (Anexo B), alterado, posteriormente, pela Lei 5285, de 18/02/59 (Anexo C).

O primeiro prefeito e a primeira Câmara Municipal foram empossados no dia 1º de janeiro de 1.960.

Foram vereadores na primeira legislatura (de 1960 a 1963) da Câmara Municipal de Mairinque: João Lucas Ferreira, Luiz Zapparoli, Severino Simões de Almeida, Waldemar Pereira, Antonio César Netto, Abel Souto, Ataliba da Silva, João Chesine, José Angelini, Orlando Silva e Raul Cavalheiro.

Os prefeitos de Mairinque, no período estudado, foram os seguintes: Arganauto Ortolani (de 1960 a 1963), João Chesine (de 1964 a 1968), Arganauto Ortolani (de 1969 a 1972), João Chesine (de 1973 a 1976), Antônio Alexandre Gemente (de 1977 a 1982, por prorrogação).

Em 1.961, através da Lei Municipal Nº 74/61, a “Vila Arraial dos Sapos” passa a denominar-se “Vila Sorocabana”, diminuindo um pouco as brincadeiras pejorativas que eram feitas com os moradores da tal vila. Um túnel, sobre o qual passava a linha férrea, fazia a divisa entre o centro da Vila Mairinque e a Vila Sorocabana (ao qual os moradores designavam e ainda permanece erroneamente como pontilhão).

Somente a partir de 1962, através da Lei Municipal Nº 86/62, de 06/06/62, o poder executivo, representado pelo prefeito Arganauto Ortolani, foi autorizado a receber, em caráter definitivo, o serviço de água e esgoto da Estrada de Ferro

Sorocabana, confirmando a importância da ferrovia para o município, pois até essa data, ela era a responsável por esses serviços.

Nesse mesmo ano, em 19/07/62, através da Lei Municipal Nº 92/62, o poder executivo foi autorizado a aplicar a verba orçamentária, no valor máximo de Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros), na construção de um prédio para ginásio, em terreno do Governo Estadual, na cidade de Mairinque, de acordo com as orientações da Secretaria Estadual de Educação.

Ainda em 1962, o município deu mais um passo para o reconhecimento da sua identidade, pois foi estabelecido, através da Lei Municipal 97/62, de 1186 97/62, o “Brasão de Armas da cidade e município de Mairinque”, posteriormente alterada pela Lei nº 814/1977, que introduziu modificações no Brasão de Armas do Município de Mairinque. (Anexo D).

[...] distinguiu-se o executivo na preparação da estrutura administrativa da municipalidade. [...] São citados, como exemplos: a organização contábil, o serviço fiscal, a implantação de um expediente bem programado, a formação do quadro de pessoal administrativo mediante seleção relativamente rigorosa em concursos públicos, as normas adotadas na instalação do almoxarifado e a criação de outros setores. [...] como as primeiras medidas com referência à água que abastecia a população e a ampliação desse serviço, iluminação pública, estradas municipais, início da formação da frota de veículos e máquinas etc. Foi o período em que tomaram corpo a legislação e a regulamentação básicas para governo do município. (AMARAL, 1980b)

No segundo mandato, de 1964 a 1968, quando governou o município o Sr. João Chesine, houve um rápido desenvolvimento, decorrente da implantação do ICM – Imposto de Circulação de Mercadorias, que aumentou a arrecadação (por conta do ICM da CBA).

A posição favorável que propiciava o legislativo e o surgimento de recursos financeiros, aliados ao reconhecido dinamismo do executivo, explicam o excepcional e rápido progresso [...]. Em tempo reduzido, foram refeitos completamente os sistemas de água e esgoto, a maioria das ruas foram asfaltadas, a iluminação pública moderna atingiu praticamente toda a cidade, foi construído o Paço Municipal e executada a quase totalidade das obras do túnel para veículos, sob o pátio ferroviário. Se o projeto do Paço Municipal impressionou toda a região, o túnel foi então, por muitos, considerado como uma segunda emancipação de Mairinque, haja vista ao estrangulamento em que vivia a parte central da cidade. (AMARAL, 1980c)

A construção do túnel sob a ferrovia, citado no texto acima (que foi chamado de pontilhão novo), possibilitou a passagem de ônibus e caminhões grandes, coisa

antes impossível, pois o pontilhão velho dava passagem para um único e pequeno veículo, ficando este último somente para passagem de pedestres.

A partir de 1964, foi oficializada a Festa do Pêssego (a primeira muda de pessegueiro veio de Istambul, Turquia, pelas mãos do Dr. José Maria Whitaker<sup>24</sup>) Exposição da Produção Agrícola na cidade de Mairinque, através da Lei Municipal Nº 158, de 14/11/64, devendo ser realizada, anualmente, no mês de novembro. Essa festa tornou-se um acontecimento ímpar na cidade, pois havia desfile de estudantes na sua abertura, além da presença de políticos influentes no cenário estadual.

No terceiro mandato, de 1969 a 1972, o Sr. Arganauto Ortolani, novamente prefeito, deu continuidade às obras e serviços públicos. Foi criado o Distrito Industrial, em decorrência de

[...] a ferrovia, até então receptadora de praticamente toda a mão de obra que surgia no local, começava, pela diminuição de sua atividade, a perder o seu papel de garantidora do futuro, modesto, mas seguro, dos filhos dos antigos ferroviários. [...] A companhia Brasileira de Alumínio, mesmo com a enorme e impressionante expansão programada [...], não poderia sozinha resolver o problema de trabalho de toda a juventude do município. É, então, providencialmente, criado o distrito industrial de Mairinque. [...] a esses mil e quinhentos empregos propiciados pelas indústrias recém-instaladas, outros duzentos e tantos proporcionados pelos novos estabelecimentos comerciais, firmas de prestação de serviço, oficinas, escritórios, agências bancárias etc., evidentemente resultado da expansão industrial experimentada pelo município. (AMARAL, 1979 a)

A partir de 1.969, com a promulgação da Lei Municipal Nº 387 (que dispunha sobre a isenção de impostos e doação de áreas de terra às indústrias que viessem a se instalar no município) e da Lei Municipal 388 (que criava o Distrito Industrial, citado acima, e estabelecia limitações para construção), ambas de 30 de junho de 1.969, a cidade iniciou uma fase de crescente progresso econômico. Várias indústrias vieram se instalar na cidade, como Chocolates Prink, Cargill Agrícola, Ferplast, Vanasa, AMF, Etruria, D'Oro etc, aumentando o número de empregos e o poder aquisitivo da população, tanto na cidade, quanto nos municípios circunvizinhos.

No quarto mandato, de 1973 a 1976, o Sr. João Chesine, novamente eleito prefeito,

[...] distinguiu-se a gestão por realizações grandiosas, que propiciaram saltar à vista o surto progressista da comuna. Dentre as inúmeras medidas postas em prática, marcou esse mandato a aquisição, pela municipalidade,

<sup>24</sup> Depoimento de João Roberto Pinto Figueiredo (Pelica).

de vasta área que pertencia à ferrovia e atravancava a expansão da cidade de Mairinque. Em decorrência dessa ampliação dos próprios da Prefeitura, foi possível a diversificação do Distrito Industrial, a doação de áreas para clube esportivo, hospital e prédios públicos, a cessão de áreas como solução para a expansão urbana – glebas para a construção de casas populares através de órgão do Estado e o loteamento do Jardim Cruzeiro, em alienação de caráter social, plano hoje consagrado pelo ritmo impressionante das construções [...] (AMARAL, 1980d)

Esse revezamento de prefeitos (Arganauto, Chesine, Arganauto, Chesine) refletiu, para o município, as complementações das gestões, isto é, Arganauto na organização administrativa e Chesine na realização de obras estruturais ganhando, com essa parceria, a população.

Pela análise dos documentos encontrados, foi possível verificar o comprometimento dos políticos dessa época, sempre procurando trabalhar em prol do bem estar público e em benefício do município, diferentemente do que se assiste com os políticos atuais.

Na sessão solene, realizada em 27/10/1976 pela Câmara Municipal de Mairinque, comemorando o aniversário de fundação de Vila Mayrink, o vereador José Pinto do Amaral discursou, onde recomendando:

[...] Falemos do porvir! Tracemos o futuro de Mairinque! Não apenas como cogitação, que cogitação é própria daquele que atua somente como observador! Não sob a influência do deslumbramento momentâneo, porque o deslumbramento pode perturbar a visão e prejudicar a perspectiva ainda informe e por ser delineada!

Se a tradicional e sábia máxima popular diz que “o futuro a Deus pertence”, não quer isso significar que vamos nos postar na janela do tempo assistindo e aplaudindo o desfile dos acontecimentos, confiantes nas bases lançadas, pois essa atitude a Deus também não agrada. Outrossim, não podemos supor que é possível vivermos dos juro de apenas uma etapa de progresso! Utilizemos a experiência; levemos em conta os exemplos; emprestemos os ensinamentos da ciência; exploremos a técnica – que são armas e instrumentos com que o Criador dotou o homem, e tomemos, enquanto é tempo e agindo com previdência e responsabilidade, as medidas acauteladoras que deverão propiciar um desenvolvimento harmonioso da urbe que se expande; pensemos e adotemos providências que evitarão as dificuldades, as carências e as complexidades inevitáveis nos crescimentos em que a velocidade e a emergência patenteiam! [...] Em respeito às gerações vindouras, que um dia vão julgar a nossa conduta como responsáveis por etapa tão importante e decisiva, formulemos sem qualquer demora as medidas disciplinadoras do desenvolvimento de Mairinque! [...] Pensemos no futuro de nossa cidade em termos de planificação!

- Ao passado de Mairinque: o nosso coração cheio de reconhecimento e desvelo!

- ao seu presente: a nossa admiração e o nosso orgulho!

- ao seu futuro: o nosso bom senso e a razão!

(Arquivo de Luzia Celeste Chesine Monfrinato)

Em 1977, já no quinto mandato, no governo de Antônio Alexandre Gemente (de 1977 a 1982), Mairinque deu outro importante passo, na construção da sua identidade, através da Lei Municipal N. 804, de 17/10/77, foi instituída a bandeira do município de Mairinque. (Anexo E)

Em 10 de dezembro de 1982, a cidade de Mairinque foi elevada à categoria de Vara Distrital.

Em 1991, através da Lei Municipal 1665, de 10 de dezembro, promulgada pelo presidente da Câmara Municipal, Paulo Assini Júnior, a composição “Canto à Mairinque” (Anexo F), com música composta pelo maestro Benedito de Camargo e letra do professor José Pinto do Amaral, foi instituída como Hino Oficial da Cidade de Mairinque, obrigando a sua execução em todas as solenidades cívicas realizadas no município e incentivando as escolas a colocarem em sua programação o ensino do Hino.

A população de Mairinque sempre se destacou pela solidariedade e participação.

[...] sentimos aqui, na realidade, e num grau bastante elevado, a ações das pessoas que servem [...] de modo altamente zeloso e eficaz, revelam um ânimo invulgar e um anseio belíssimo de *dar*, não um pouco ou o que sobra, mas tudo o que conseguem, numa tentativa animada e vigorosa, num misto de filantropia e ideal de participação. [...] organizam-se e surgem as festas, os bazares, as participações que aproveitam a afluência do povo e até – vejam só – espetáculos de música e bailados, e as mais variadas modalidades de arrecadar meios para a finalidade! (AMARAL, 1979b)

Comprova a filantropia da população, o depoimento do Sr. José Francisco dos Santos, conhecido por todos como “Zé Enfermeiro”, no Jornal Cidade(1990, p. 20), comemorativo do centenário de fundação da Vila Mayrink,

Sempre me dei bem com o povo, inclusive este terreno em que resido agora, fui eu que comprei, mas os moradores da cidade se cotizaram e construíram a casa, dando-me de presente. Minha casa foi construída pelo povo de Mairinque.

## 4.2A EDUCAÇÃO EM MAIRINQUE

Mairinque da dona Altina, a professora tão fina do antigo meio campônio ...  
Daqueles caboclos guapos do velho Arraial dos Sapos, da escola do Mestre Antonio!  
[...]

Mairinque dos estudantes, dos professores brilhantes, do operariado viril,  
Saúdo a tua pujança, linda cidade Esperança, pedaço do meu Brasil!

(Marcondes Verçoza)

Conforme Bellini (1999), a primeira Escola Pública foi criada em 27/10/1890, no Bairro Arraial dos Sapos, atual Vila Sorocabana.

Aproximadamente em 1900 a Estrada de Ferro Sorocabana construiu 03 quarteirões de casas de alvenaria, todas iguais, para os seus funcionários e reformou dois prédios, um do lado do outro, para se destinar às escolas. Um prédio era só para meninos e o outro só para meninas. Em 1910 a escola do Arraial dos Sapos, foi transferida para este prédio, formando as Escolas Reunidas de Mayrink, situadas na Rua de Cima, hoje Rua Eng. Luiz Mateus Maylask, nº 216 e 218. [...] Com o crescimento da Vila em 1922, as Escolas Reunidas não comportavam mais os alunos. Foi quando, para atender a demanda, o Engenheiro Henrique Scheveng, chefe da locomoção da Estrada de Ferro Sorocabana, em Mayrink, reformou e adaptou o antigo alojamento dos operários solteiros para onde transferiu as Escolas Reunidas, hoje Rua Gaspar Ricardo.

Em 08 de abril de 1911 foram nomeados pelo Estado os seguintes professores: Antônio Augusto da Silva, Altina Júlia de Oliveira, Dona Benta, Rosina e seu marido Euclides de Oliveira. D. Altina Júlia de Oliveira. [...]. (BELLINI, 1999)

A partir de 17/03/1930, as “Escolas Reunidas de Mairinque” tornaram-se o Grupo Escolar Mairinque e, por Decreto Nº 17.518/1947 foi denominado Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça”, situado na Av. Dr. Gaspar Ricardo Júnior, 172, no centro do distrito.

Foi encontrado em Figueiredo (1996), uma cópia de panfleto, convidando a população para assistir às comemorações pelo 68º aniversário da fundação da Vila Mayrink (ainda pertencente ao município de São Roque), de cujo programa a ser realizado no dia 26 de outubro de 1958, constava a inauguração da Escola Municipal “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira”.

Como era homônima da escola pesquisada, e, atualmente só esta existe, através do depoimento de D. Désa Lippi Ortolani (esposa do primeiro prefeito de Mairinque), foi possível saber que se tratava de escola municipal, instalada na Av. Francisco de Assis Pinto de Oliveira (onde hoje funciona o Banco do Povo), desativada quando Mairinque emancipou-se de São Roque, pois no local foi instalada a Prefeitura e a Câmara Municipal e os alunos que ali estudavam passaram a ser atendidos no Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça”.

Vale salientar que nessa época era possível nomear prédios públicos com nomes de pessoas vivas (visto que a Prof.<sup>a</sup> Altina faleceu em 1961). A partir da



promulgação da Lei Estadual N.º 1.284, de 18 de abril de 1977, somente poderia ser atribuído a prédios, rodovias e repartições públicas estaduais nomes de personalidades nacionais ou estrangeiras, desde que se trate de pessoa falecida.

**Artigo 1º** - A prédios, rodovias e repartições públicas estaduais poderão ser atribuídos nomes de personalidades nacionais ou estrangeiras, desde que:

I - se trate de pessoa falecida;

II - não haja outro prédio, rodovia ou repartição pública estadual com o nome da mesma pessoa que se pretende homenagear;

III - a proposta seja acompanhada da biografia e da relação das obras do homenageado;

IV - o homenageado tenha se salientado no campo do pensamento ou da ação e haja prestado serviços relevantes à sociedade, à Pátria ou à humanidade.

Parágrafo único - Quando a denominação proposta se referir a estabelecimento oficial de ensino, dar-se-á preferência a nome de educador, cuja vida se vincule de maneira especial à comunidade em que situa a escola.

Com a criação, em 1955, do Parque Infantil “Dona Tereza Cristina Whitacker Ribeiro de Lima”, a maioria das crianças mairinquenses teve ali a sua passagem, onde aprendiam, principalmente, regras de boa convivência e de relações humanas. Utilizavam uniforme composto de camiseta branca, calção bufante vermelho (para as meninas) e azul marinho (para os meninos), com elástico na cintura e nas pernas, para evitar a entrada de areia.

**Foto 03** - Inauguração do Parque Infantil - Dr. José Maria Whitaker e sua esposa, inaugurando o Parque Infantil “Thereza Cristina Whitaker Ribeiro de Lima” (1955)  
(Fonte: arquivo da EM. “Tereza Cristina Whitaker Ribeiro de Lima”)



Num dos emails do Grupo Mairinque<sup>25</sup>, uma integrante, recordando os velhos tempos do Parque Infantil, mencionou algumas pessoas que lá trabalharam, como D. Leontina Múfalo, D. Madalena Munhoz, Mirna Simões de Almeida e Teresa Schimith (Têda), e também citou uma música que era cantada na saída pelos alunos, inclusive detalhando que quem falasse “pan-pan” no final da música era mandado para o final da fila:

A marchar, a cantar e a brincar somos todos do Parque Infantil  
Amanhã saberemos também lutar pela paz e pelo bem do Brasil  
Minha infância tão cheia de esperança ouviu da minha voz cantar essa  
canção. No futuro virão outras crianças, que felizes no parque brincarão.<sup>26</sup>

O pedido de criação do ginásio, em 1958, através do Projeto de Lei 18/58 foi concomitante com o processo de emancipação da cidade, que ocorreu no final de 1958, comprovando a união da população pelas necessidades do então distrito.

“O próspero distrito de Mairinque, que tem população de cerca de 13.000 habitantes, conta com um grupo escolar, onde funcionam 16 classes, além de duas escolas municipais, nos quais, anualmente, mais de 200 alunos terminam o curso primário”. (FERREIRA).

Da citação acima podemos depreender que, anualmente, cerca de duzentos jovens precisavam deslocar-se da cidade para dar continuidade aos estudos no Curso Ginásial, causando todos os transtornos decorrentes do fato: distância, transporte, lanche etc.

Mairinque, por ser uma cidade predominantemente formada por ferroviários, oferecia às suas famílias passe livre para viajar de trem, o que era uma facilidade, evitando gastos com transportes. Isso possibilitava famílias inteiras viajarem nas férias ou os jovens estudarem nas cidades de São Roque ou Sorocaba, porém a preocupação com as viagens, o tempo empregado nelas e os gastos com lanches eram fatores a serem enfrentados.

Férias era sinônimo de Mongaguá! Era para lá que famílias inteiras de mairinquenses iam para curtir as férias escolares, durante o período do

<sup>25</sup> Grupo Mairinque: grupo formado na rede social (Internet) que reúne ex-alunos da Escola Estadual “Professora Altina Júlia de Oliveira”, com o intuito de comunicação e recordação dos “velhos tempos”. Disponível em <[grupomairinque@yahoo.com.br](mailto:grupomairinque@yahoo.com.br)>. Acessos diversos.

<sup>26</sup> Adaptação da música de Francisco Alves: *A brincar a marchar e a cantar vamos todos num mundo infantil. Amanhã saberemos também lutar, pela paz pelo bem do Brasil. Minha infância tão cheia de esperança ouviu da sua voz esta canção. No futuro virão outras crianças que felizes também a cantarão.* Fonte: <<http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=785>>. Acesso em 28 maio 2012.

verão. Havia um trem diário que permitia aos usuários admirar a beleza da Serra do Mar e assobiar como louco na travessia dos túneis, tomando um fôlego no instante de fazer baldeação, antes de completar o percurso até aquela cidade litorânea, espécie de refúgio de ferroviários. (FIGUEIREDO, 2008)

A criação do Ginásio Estadual no Distrito de Mairinque, município de São Roque, foi a 18 de maio de 1960. Sua instalação deu-se em 14 de agosto de 1962, mas começou a funcionar no início do ano letivo de 1963.

Quando de sua criação não havia prédio próprio para o funcionamento da escola. De 1962 a 1969, funcionou no prédio do Grupo Escolar Prof. Manoel Martins Villaça, na Av. Dr. Gaspar Ricardo Júnior, 172, Centro, em Mairinque, com a denominação de Ginásio Estadual de Mairinque.

Em 1963, o município de Mairinque contava com as seguintes escolas: Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça”, criado em 03/05/1918, no centro do distrito (e que ainda se encontra em funcionamento, agora como Escola Municipal “Prof. Manoel Martins Villaça”), Grupo Escolar Rural “Comendador Rodovalho”, criado por Decreto de 16/05/1944, na Vila Rodovalho (hoje município de Alumínio) e o Grupo Escolar do Bairro Marmeleiro, criado pelo Decreto 41.151, DOE 11/12/1962 (atual Escola Municipal “Prof.<sup>a</sup> Thereza Caramante Chesine”).

Aos poucos, a população do município de Mairinque foi crescendo, novos bairros foram surgindo e, conseqüentemente, novas escolas foram sendo construídas para atender a demanda de estudantes.

A partir de 1970, a Escola “Professora Altina Júlia de Oliveira” passou a funcionar em prédio próprio, à Avenida Dr. Lamartine Navarro, 556, também no centro de Mairinque.

Conforme relatado pela maioria dos depoentes, a cidade ganhou vida nova com a implantação do Ginásio, como se ele tivesse trazido uma imponência, uma valorização à comunidade, que se orgulhava em dizer que Mairinque já contava com esse nível de ensino, vislumbrando a ascensão social e econômica dos seus jovens.

### 4.3 Processo legal de criação e instalação do primeiro Ginásio Estadual em Mairinque

A população de Mairinque, preocupada com os alunos que se formavam no Curso Primário e precisavam se deslocar para cidades vizinhas, como São Roque ou Sorocaba, começou a se movimentar, buscando apoio político para a criação e implantação do Curso Ginasial, na então Vila Mayrink, ainda pertencente ao município de São Roque.

Além de alguns políticos que se mobilizaram, como Arganauto Ortolani (na época Vereador de São Roque), João Chesine (Vice-Prefeito), Luiz Zapparoli etc, também um grupo de educadoras, lideradas pela Prof.<sup>a</sup> Thereza Caramante Chesini organizou o curso preparatório, gratuito, para o Exame de Admissão, como forma de comprovar que havia demanda para tal criação.

Dessa movimentação inicial partiu-se em busca de oficializar o pedido e, em 07 de janeiro de 1958, foi apresentado na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo o Projeto de Lei Nº 18/58, pelos deputados Francisco Scalamandrê Sobrinho e Derville Allegretti, propondo a criação de Ginásio Estadual no Distrito de Mairinque, município de São Roque.

Na sessão de 26 de maio de 1958, recebeu parecer favorável da Comissão de Justiça e, em 21 de outubro, foi aprovado em primeira discussão.

Segundo o Diário Oficial de 23 de março de 1960<sup>27</sup>,

entra em segunda discussão e é, sem debate, aprovado, salvo emenda, o Projeto de Lei n. 18/58, apresentado pelo deputado Scalamandrê Sobrinho, criando ginásio no distrito de Mairinque, município de São Roque. Com emenda. Parecer n. 605/58 da Comissão de Justiça favorável. Pareceres N. 250 e 251/59 de Relatores Especiais, favoráveis ao projeto de lei e à emenda. Posta a votos é rejeitada a emenda.

O Diário Oficial de 19 de março de 1960<sup>28</sup> publica o seguinte:

O Projeto de Lei n. 1545/58 apresentado pelo deputado Santilli Sobrinho, criando ginásio no Distrito de Mairinque, Município de São Roque, entra em primeira discussão e é, sem debate, aprovado. O Parecer n. 2238/58 da Comissão de Justiça é favorável.

No Diário Oficial do Estado de São Paulo, de 06 de maio de 1960<sup>29</sup>, há um Parecer número 250/59, do Deputado Aloysio Nunes Ferreira, relator especial:

<sup>27</sup> Disponível em <[www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br)>. Acesso em 04/04/2011.

<sup>28</sup> Idem

Os nobres deputados Scalamandr  Sobrinho e Derville Allegretti apresentaram o Projeto de Lei n. 18, de 1958, objetivando criar um ginásio estadual no distrito de Mairinque, município de São Roque.

A proposta já foi consagrada em 1  discussão pela Casa, o que se deu com o parecer favorável n. 605, de 1958, da douta Comissão de Constitui o e Justiça.

O projeto recebeu uma emenda (folhas 4) de iniciativa do nobre deputado Martinho de Cicero, dispondo sobre a cria o de uma escola normal em Porto Feliz.

Fundamentando a iniciativa em exame escrevem os autores:

“O próspero distrito de Mairinque, que tem popula o de cerca de 13.000 habitantes, conta com um grupo escolar, onde funcionam 16 classes, além de duas escolas municipais, nos quais, anualmente, mais de 200 alunos terminam o curso primário.

  de se notar que estão localizados no distrito em apreço as oficinas da Estrada de Ferro Sorocabana e a Cia. Brasileira de Al m nio. Essa empresa emprega mais de mil operários, os quais têm seus filhos matriculados no grupo escolar localizado nas imedia es da referida Companhia.   necessário, portanto, a cria o de um ginásio em Mairinque a fim de propiciar a seus escolares a oportunidade de prosseguirem nos estudos sem os inconvenientes que as constantes locomo es acarretam, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento educacional”.

  evidente, diante das razões apresentadas pelos autores, que a inexistência de um curso ginasial no distrito de Mairinque vêm causando dificuldades e transtornos aos estudantes que ali residem, os quais são obrigados, para prosseguirem os seus estudos, a se locomoverem até outros centros, com todos os inconvenientes que essas deslocac es acarretam.

Por conseguinte, consideramos dignos de aprova o o projeto e a emenda de folhas 4. O nosso voto   nesse sentido.

  o nosso parecer.

Sala das Sessões.

(a) Aloysio Nunes Ferreira – Relator Especial

A Câmara Municipal de Mairinque, objetivando ajudar nas tratativas da implanta o do Ginásio em Mairinque, enviava ofícios   Assembleia Legislativa, solicitando a aprova o do Projeto N.  18/58 que dispunha sobre a cria o do Ginásio Estadual no distrito de Mairinque, município de São Roque; ao Exmo. Sr. Governador - Dr. Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto – pedindo a san o do projeto, assim que o mesmo fosse aprovado pela Assembleia, reiterando a urgência para a instala o do mesmo e ao chefe de Serviço de Prédios Escolares indicando o lote, no final da Avenida Gaspar Ricardo Júnior para a constru o do prédio.

No Diário Oficial do Estado de São Paulo, de 05 de maio de 1960<sup>30</sup>, na parte relativa ao Diário da Assembleia, consta a discussão de projeto de lei n. 321, de

<sup>29</sup> Ano LXIX, N. 99, p. 39. Disponível em <[www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br)>. Acesso em 04 abr. 2011.

<sup>30</sup> Ano LXX, N. 98 de 05/05/1960, p. 66. Disponível em <[www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br)>. Acesso em 04 abr. 2011.

1960, apresentado pelo deputado Chaves de Amarante, criando Ginásio em Mairinque e de projeto de lei n. 322, do mesmo deputado, criando delegacia de polícia em Mairinque.

Foram encontrados, através da pesquisa em Diários Oficiais do Estado de São Paulo, dois projetos de criação de Ginásio em Mairinque, um dos deputados Scalamandrê Sobrinho e Derville Allegretti (Projeto de Lei N.º 18/58) e outro do deputado Santilli Sobrinho (Projeto de Lei 1.545/58), o que reforça a citação de Beisiegel, de que os deputados passaram a atender reivindicações das diversas populações das cidades paulistas, movidos por interesses eleitorais, transformando-se nos responsáveis pela criação de novos estabelecimentos secundários, mesmo que às vezes, em proposições repetidas.

A grande proposição de criação de ginásios, pelos Deputados Estaduais, e a situação econômica do Estado, em virtude da alta inflação, levou o Governador, Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, em 1959, a vetar a autorização de criação de escolas, paralisando a tramitação de projetos alegando que a Comissão de Educação e Cultura, presidida por Bento Dias Gonzaga, pudesse oferecer um estudo técnico para a criação de ginásios e grupos escolares, priorizando zonas de população estudantil que reclamasse e realmente necessitasse de estabelecimentos de ensino, evitando projetos que beneficiassem demandas pequenas e inexpressivas.

Os deputados concordaram em não apresentar projetos que tratassem do ensino, a fim de aguardar mensagem do Executivo, que melhor atendesse às exigências do Estado.

Porém, entrou o ano de 1960 e os técnicos do governo não ofereceram subsídios necessários para a normatização do assunto, o que desagradou profundamente os Deputados Estaduais, que tiveram seus projetos paralisados.

No Diário Oficial de 19 de maio de 1960, foi publicada a reclamação do deputado Scalamandrê Sobrinho, da urgência da instalação do Ginásio Estadual em Mairinque e o desagravo ao Governador. Segundo declarações do deputado supracitado, o governador estaria dando um “pega menino” nos deputados, ou seja, achando que os deputados podiam ser manipulados como crianças.

Após dois anos tramitando na Assembleia Legislativa, à espera da resolução do impasse criado entre os deputados (que queriam a criação de ginásios) e o governador (que solicitava que paralisassem os projetos até que se fizesse um

estudo da situação educacional no Estado), finalmente os deputados acabaram derrubando o veto do governador e aprovaram o projeto de criação do Ginásio em Mairinque<sup>31</sup>.

A criação do Ginásio Estadual no Distrito de Mairinque, município de São Roque, foi em 18 de maio de 1960, através da Lei Nº. 5678/60 (Anexo G), por Projeto de Lei dos Deputados Estaduais Scalamandrê Sobrinho e Derville Allegretti, com a denominação Ginásio Estadual de Mairinque, sendo publicada no Diário Oficial em 19 de maio de 1960.

Sua instalação deu-se em 14 de agosto de 1962, sendo designada para a direção a Prof.<sup>a</sup> Hely Grillo Mussi.

Em 19/07/62, através da Lei Municipal Nº 92/62, o poder executivo foi autorizado a aplicar a verba orçamentária, no valor máximo de Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros), na construção de um prédio para ginásio, em terreno do Governo Estadual, na cidade de Mairinque, de acordo com as orientações da Secretaria Estadual de Educação.

A escola começou a funcionar em 6 de março de 1963. Quando de sua criação não havia prédio próprio para o funcionamento da escola, portanto, de 1962 a 1969 funcionou no prédio do Grupo Escolar Prof. Manoel Martins Villaça, na Av. Dr. Gaspar Ricardo Júnior, 172, Centro, em Mairinque, com a denominação de Ginásio Estadual de Mairinque. Suas classes se concentravam no período da tarde, funcionando, de manhã, as classes do curso primário.

Foi então que o primeiro corpo docente passou a conviver na comunidade escolar e na cidade.

Inicialmente, foram contratados em caráter emergencial, alguns professores da cidade, para o início das aulas, até que se procedesse a inscrição de professores.

Os primeiros alunos vieram de São Roque (do Instituto de Educação Horácio Manley Lane, da Escola Técnica Contábil Barão de Piratininga e Instituto de

---

<sup>31</sup> Na Carta Constitucional do Estado de São Paulo, outorgada em 24 de outubro de 1945, por Fernando Costa, Interventor Federal no Estado de São Paulo, consta no **Artigo 18** - Devolvido o projeto, será ele, ou a parte vetada, dentro em trinta dias a contar de seu recebimento, ou da reunião da Assembleia, submetido com ou sem parecer, a uma só discussão, considerando-se o projeto aprovado, se obtiver o voto de dois terços dos deputados presentes.

§ 1º - Neste caso, o projeto será enviado, como lei, ao Governador, para promulgação.

§ 2º - Não sendo a lei promulgada dentro de quarenta e oito horas, o Presidente da Assembleia fá-lo-á, nestes termos: "O Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo faz saber que o Poder Legislativo decreta e promulga a seguinte lei".

Educação São José) e de Sorocaba (Ginásio Santa Escolástica, Colégio Ciências e Letras e Ginásio Acadêmico Anchieta).

No primeiro ano a escola tinha 140 alunos na 1ª série, 42 na 2ª série e 16 na 3ª série, totalizando 198 alunos (Apêndice B).

O uniforme usado na época da inauguração era camisa branca, em que deveria ter aplicado no bolso o brasão do Estado e o nome da Escola (bolso este, que era vendido em lojas e que nem sempre era do mesmo tecido das camisas . . .) sapato colegial (de cadarços, para amarrar), meias brancas (curtas para os meninos três quartos – até abaixo do joelho, para as meninas, calça comprida para os meninos e saia pregueada para as meninas, ambos em tecido azul marinho. Se as meninas quisessem usar algum adereço nos cabelos (tiara, fita, presilha, etc) só poderia ser na cor branca, caso contrário, tinha de ser tirado na entrada da escola.

As aulas de Educação Física eram ministradas numa quadra do Clube Atlético Sorocaba (CASM), que ficava a três quadras da escola. Os alunos faziam aulas com um professor e as alunas com uma professora. As alunas usavam calções vermelhos, bufantes - como se dizia. A saia era curta, cobrindo o calção, pregueada e branca, camiseta de malha branca, meias três quartos brancas e conga branco<sup>32</sup>. Não havia opção de calçado, pois na época eram usados sapatos colegiais pretos, com cadarço para assistir as aulas e conga branco para praticar Educação Física. Os meninos usavam calção azul marinho, sem ser bufante, camiseta de malha, meia curta e conga brancos.

No livro de Termo de Visita de Inspeção de Educação Física, encontramos o seguinte registro inicial:

Têrmo 27-6-963

Nesta data, fiz a verificação prévia neste Estabelecimento de Ensino.

Rubriquei as cadernetas da seção feminina. As cadernetas da seção masculina estão fora do estabelecimento, de posse do Snr. Professôr. Isto não é permitido!

As aulas de Educação Física são ministradas no Clube Atlético Sorocabano de Mairinque.

Este educandário funciona no prédio do Grupo Escolar Pro. Manoel Martins Villaça, não possuindo prédio próprio.

Solicito do Snr. Diretor, avisar aos Snrs. Profs. da urgência de se enviar os Relatórios de Educação Física do mês de março.

Material existente para as sessões de exercícios físicos: 15 pares de maçãs, 2 bolas ao cesto, 1 rede para voleibol, 1 cronômetro, 2 bolas de futebol, 1 trena de 20 metros, 2 discos: 1 feminino e 1 masculino.

<sup>32</sup> Destaque-se, que na época havia um produto cujo nome era NUGGET, que era passado nos congas para que eles ficassem bem branquinhos, pois com as constantes lavagens eles iam ficando amarelados.



Solicito aos Snrs. Professores, completarem as cadernetas com os resultados dos exames médico-biométricos e práticos, que já foram realizados. Atenciosamente  
Gila Barcellos Betto

Constam, ainda, do referido livro, Termos de Visita de 04/08/1966, de 13/6/1967 e de 30/9/1969, que tratam das rubricas das cadernetas, do número de alunos por turma, da necessidade de haver um lugar para “os ofícios, circulares, enfim tudo o que se refere à Educação Física, deve ser arquivado em pasta própria para Educação Física”. No termo de 1969 consta o registro das “condições precárias para a prática da Educação Física”.

Em 12/03/1964, às vinte horas, no Salão da Sociedade Recreativa Mairinque, situada na Praça Dom José Gaspar D'Afonseca, nº 23, realizou-se a primeira Assembleia para a instalação do Órgão de Cooperação Escolar do Ginásio Estadual de Mairinque<sup>33</sup>, comandada pela Diretora da Escola, Maria Aparecida Rosa de Andrade. A mesa foi composta pela Diretora, pelos professores Same Jorge Góes, Maria Luiza Picena, Marilena Hebling Santos, Déa do Nascimento Zaparolli, Maria Emília Miranda, Helena Natale Ciochetti, Mária Simão Abib, Wadad Abib, Catharina Vighy Hanna e José de Abreu. Foram ainda convidados os seguintes pais de alunos: Thereza Caramante Chesini e Jonas Zabrockis. A Diretora relatou os motivos da reunião e passou a ler o Estatuto Padrão dos Órgãos de Cooperação Escolar dos Estabelecimentos de Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo, o qual foi transcrito no livro de registro da reunião, da página um anverso, até a página sete verso, o que deve ter demorado, calculamos, pelos menos uma hora e meia para ser lido. Em seguida foram apresentadas duas chapas que disputariam a Diretoria do Órgão de Cooperação, apresentando o nome, a ocupação, o estado civil e a

<sup>33</sup> O Órgão de Cooperação Escolar dos Estabelecimentos de Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo tem sua constituição legal amparada pelos preceitos do Art. 79 e parágrafos do Ato N.º 10, de 27/01/1950 e pelo Ato N.º 11, de 15/02/1952, baixados pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação. Consta no Estatuto as suas finalidades: “a) União entre os alunos; b) Intercâmbio entre pais, mestres e amigos da escola; c) Iniciativas que visem a prestigiar social e materialmente o Estabelecimento; d) Manutenção e assistência às demais Instituições Escolares; e) Assistência social e material a todos os alunos regularmente matriculados; f) Fundação, orientação e superintendência de novas instituições; g) Intercâmbio cultural, recreativo e esportivo com outros estabelecimentos de ensino; h) Patrocínio de festas escolares de caráter cultural e cívico; i) Organização de campanhas para aquisição de livros, material didático, fonógrafo e gravações, aparelhos projetores, mimeógrafos, material para o gabinete dentário e tudo mais que possa auxiliar a obra educativa da Escola; j) Mimeografar, encadernar e vender, a preços módicos, aulas inaugurais, palestras e conferências de professores e convidados especiais; k) Constituição de um fundo de reserva, no sentido de amparar instituições de outras escolas congêneres na mesma região, mediante empréstimo autorizado e regulado pela sua Direção; l) Organizar excursões dos Clubes de Estudos, quando não afetos a outras instituições, custeando-lhe, se possível, as despesas; m) Manter, de acordo com suas possibilidades bolsas de estudo; n) Instituir e regular a doação de prêmios a alunos que se distingam durante o Curso; o) Oferecer sugestões à Direção do Estabelecimento sobre os todos os assuntos pertinentes à vida escolar, mormente aqueles que digam respeito ao círculo de atividade própria do educando; p) Servir de mediador entre a escola e a comunidade citadina, sempre que, entre uma e outra, existirem fatos e problemas que a ambas digam respeito; q) Servir de base, quanto à sua regulamentação estatutária, aos estatutos das demais Instituições Escolares, os quais devem entrosar-se harmonicamente com os seus”.

residência de cada um dos candidatos. Após a eleição, feita através de votação secreta, obtiveram-se os seguintes resultados: cento e noventa e um votos para a chapa um, cento e seis votos para a chapa dois, dois votos em branco e nove votos nulos, totalizando trezentos e oito votos.

Como a escola possuía duzentos e noventa e quatro alunos em 1964, ano em que se deu essa reunião e houve a participação de trezentas e oito pessoas, constatou-se a valorização da escola pela comunidade, que não se furtava em colaborar. Fazendo uma comparação com a escola atual, onde se ouve reclamação dos dirigentes escolares sobre a pouca participação dos pais, podemos dizer que essa reunião teve uma presença maciça.

**Quadro 02** - Primeira Diretoria do Órgão de Cooperação Escolar do Ginásio de Mairinque

Elaboração própria. (Fonte: Livro de Atas do Órgão de Cooperação Escolar do Ginásio Estadual de Mairinque – Arquivo da escola)

| <b>Cargo</b>    | <b>Nome</b>                                                              |
|-----------------|--------------------------------------------------------------------------|
| Presidente      | Maria Aparecida Rosa de Andrade – Diretora da Escola                     |
| Vice-Presidente | Maria Luiza Picena – Professora de Geografia                             |
| Secretário      | Mário Rodrigues da Paz – Escriturário do Ginásio                         |
| Tesoureiro      | Roque Hopata Fila – Gerente do Banco Mercantil e Industrial de São Paulo |
| Conselheiros    | Same Jorge de Góes - Professor                                           |
|                 | Déa do Nascimento Zaparolli - Professora                                 |
|                 | José de Abreu - Professor                                                |
|                 | Marilena Hebling Santos - Professora                                     |
|                 | Roque Pires de Almeida – Pai de Aluno                                    |
|                 | Jurandir Silva – Pai de Aluno                                            |
|                 | Ivone Santos - Aluna                                                     |
|                 | José Iracy Fonseca - Aluno                                               |

Em seguida foi dada posse aos membros da Diretoria e agradecida a presença de todos.

Em 16/05/64 foi aprovado na Câmara Municipal de Mairinque, o Requerimento Nº. 34/64, com o seguinte teor, manuscrito:

Requeremos, ouvido o Plenário, seja oficiado, com a devida justificação, ao Exmo. Snr. Governador do Estado, propondo o nome da Professora Altina Júlia de Oliveira, ao Ginásio Estadual desta cidade.

Em anexo, os dados biográficos.

Sala das Sessões, 16/06/64.

(a) Argonauta Ortolani

(Arquivo: Désa Lippi Ortolani)

A partir de 30 de setembro de 1964, o Ginásio Estadual de Mairinque passou a chamar-se Ginásio Estadual “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira” (GEAJO), homenageando a primeira professora do município (Anexo J), conforme Decreto do Exmo. Governador do Estado, Adhemar Pereira de Barros, sob Nº. 43.861, de 28 de setembro de 1964, publicado no Diário Oficial Estadual de 24 de janeiro de 1976.

Em 1964, aconteceu a solenidade da primeira formatura da quarta série, com os alunos oriundos da terceira série do ano anterior. (Apêndice C). Pela grandiosidade do acontecimento, as solenidades da entrega dos diplomas do Curso Ginasial aconteciam no cinema, que possuía oitocentos e cinquenta lugares, que ficavam quase repletos com os familiares dos formandos e membros da comunidade.

Através da Lei Municipal N. 312/68, promulgada pelo então prefeito, Sr. João Chesine, foi autorizada a celebração de Convênio da Prefeitura Municipal de Mairinque com a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação para a construção de um prédio destinado ao funcionamento do Ginásio Estadual Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira, contribuindo o município até NC\$ 120.000,00 (cento e vinte mil cruzeiros novos), devendo a diferença ser coberta pelo Fundo Estadual de Construções Escolares.

Na obra “Instituições Escolares no Brasil” (NASCIMENTO, 2007), há um trecho que parece escrito para a situação do Ginásio de Mairinque, pois o prédio da Escola Altina Júlia encontra-se ao lado do prédio da Prefeitura Municipal; ambos imponentes e de arquitetura mais moderna, destacam-se no centro da cidade, localizando-se num ponto elevado, no final da Av. Dr. Gaspar Ricardo Júnior.

A escolha do local na área central da cidade e próximo da Prefeitura Municipal fez parte de uma estratégia para harmonizar, num mesmo espaço urbano, diferentes construções que simbolizavam uma intencionalidade de modernizar a cidade. Ao mesmo tempo, parecia relevante transformar o espaço do Ginásio numa instituição diferente dos outros edifícios públicos, com uma visibilidade que permitisse distinguir o local como organizador de uma determinada cultura. (NASCIMENTO et al, 2007, p. 196)

**Foto 04** - Quadra, Escola e Prefeitura - Em primeiro plano a Quadra, em seguida o Ginásio Estadual “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira” e, no fundo, o Paço Municipal “Prefeito João Chesine”. (1972)

(Fonte: Arquivo de Luzia Celeste Chesine Monfrinato)



Em 1970, foi inaugurado o atual prédio da escola, passando o estabelecimento de Ginásio a denominar-se Colégio Estadual, permanecendo o mesmo patronímico - “Professora Altina Júlia de Oliveira” (CEAJO), com a autorização de funcionamento do Curso Colegial, conforme Decreto Nº. 52.401, de 26/02/1970, instalado a partir de 01/03/1970. O Curso Colegial instalado teve a fundamentação legal nos artigos 16 e 23 da Lei Federal 5.692/71, de 11/08/1971. Os primeiros alunos do Curso Colegial constam no Anexo L.

**Foto 05** - Inauguração do prédio próprio da Escola em 15/11/1969

Vê-se ao centro a Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida Rosa de Andrade, Diretora da Escola, ao seu lado esquerdo o Padre Antonio Liu, o Sr. João Miranda, Diretor do Grupo Escolar Comendador Rodovalho, em Aluminio, à época distrito de Mairinque, hoje município, e o Prefeito de Mairinque, Sr. Argonauta Ortolani. Discursando, o representante do Sr. Roberto Costa de Abreu Sodré (então Governador do Estado). Fonte: arquivo da escola



Destaque-se o empenho do Sr. Arganauto Ortolani, à época prefeito da cidade, que, conforme depoimento abaixo, não mediu esforços para conseguir a implantação do Curso Colegial para o município.

Tanto a implantação do curso ginasial como colegial foram frutos de grande movimentação política, o primeiro se eu não me engano em 1962 e o segundo no ano de 1970. Hoje a criação é automática, mas naquela época devido a grande demanda da sociedade e planos governamentais foram atendidas inicialmente as grandes cidades e as menores tiveram que lutar muito mais frente a Secretaria de Educação e o Governo Estadual.

Meu pai foi importante interlocutor nessas duas etapas. O mais difícil foi o ginasial, mas me lembro de meu pai viajar mais de uma dezena de vezes para São Paulo com o objetivo de obter a autorização da abertura do curso colegial. Uma das etapas a serem vencidas era a construção de um prédio especial para albergar o novo curso. Com dinheiro do Governo de São Paulo e com economias feitas e aplicadas pela Prefeitura Municipal de Mairinque foi construído o "Altina", sendo trabalhado ao mesmo tempo a obtenção do curso colegial. Para obter essa autorização foi necessário muita intervenção política de alguns deputados amigos de Mairinque e contatos diretos com o Governador, Secretário da Educação e congêneres. (Depoimento de Enrico Lippi Ortolani)

Com a instalação desse curso, novo ânimo foi proporcionado à população, que percebia o esforço da comunidade escolar e política na ampliação do atendimento aos escolares. Mais orgulhosos ficavam, ainda, quando os jovens eram aprovados nos vestibulares, demonstrando a boa qualidade do processo ensino-aprendizagem desenvolvido na escola, valorizando seus professores e funcionários.

Em 1970 curtimos a Copa do Tri. Lembro perfeitamente que cada aluno "carregava" sua cadeira até o pátio do colégio para assistir aos jogos do Brasil. Era a maior torcida. A cada gol a escola vibrava de emoção e alegria. Inesquecível!!! Os anos 1970, 1971 e 1972 foram marcantes. Nossa "turma" começou o Colegial com tudo. Todos afiados. Na nossa classe, "tinha de tudo". Comportados ao extremo, menos agitados, e agitados "prá lá da conta". Mas todos bons alunos. Da nossa turminha "saíram" médicos (Ênio Momma, Paulo Cesar, Adriano Salge), engenheiros (Mauro Armando, Marcio Fabri, Luis F. Simões - o Pateta), Tecnólogos (eu e Enio dos Santos). Tanta coisa boa. Até a matança de aula p/ jogar pebolim no Bar do Beléu. Acho que fomos a primeira turma do Colegial. Se não tivéssemos essa alternativa em Mairinque, teríamos que enfrentar o Manley Lane, da "Terrível" Antonieta, em São Roque. Escapamos dela. Bons tempos aqueles.... (Depoimento de Sérgio Primo Moreschi)

O uniforme escolar passou a ser saia da cor cinza-chumbo, com uma prega na frente, chamada de prega-macho, cinto vermelho, camisa branca, com gola redonda, com o bolso com o brasão do Estado e o nome da Escola, sapatos pretos modelo colegial e meias  $\frac{3}{4}$  brancas e os meninos com calça comprida da mesma cor e camisa branca, porém, com gola esporte.

Quando o uniforme era em azul marinho, havia mais igualdade. Quando passou a ser cinza chumbo, havia tons diferentes, a diretora me cobrava que olhasse os alunos na entrada e não deixasse entrar quem não estivesse de cinza chumbo, era muito difícil, pois alguns vinham

com o uniforme bem desbotado para a escola, eu ia lá saber se aquilo era chumbo ou não! (Depoimento de Álvaro Chagas Júnior)

Os alunos participavam da cerimônia de formatura devidamente uniformizados, conforme foto abaixo.

Segue foto de colação de grau da primeira turma de colegial da "Altina", alguns não participaram, era moda ser diferente. Foi uma época maravilhosa, que nos deu oportunidade de sonhar. Fundamos um Grêmio Estudantil, fizemos peça de teatro, enfim éramos bem ativos e também fugíamos do pai do Sérgio Moreschi. (Depoimento de Edna Palomar Sodré Chagas, por email)

**Foto 06 - Primeiros formandos do Curso Colegial – 1972**

Formandos uniformizados. (Fonte: Edna Palomar Sodré Chagas e Sérgio Primo Moreschi, por email)



Conforme Decreto Nº 51.334, de 29 de janeiro de 1969, foi criado o Segundo Ginásio Estadual de Mairinque, no Distrito de Alumínio (que passou, posteriormente, a denominar-se Ginásio Estadual “Prof.<sup>a</sup> Isaura Kruger”), o qual se espelhava na Escola Altina, que se tornou referência de boa escola.

O Ginásio Estadual “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira” atendeu os jovens aluminenses por oito anos, que vinham ao único Ginásio do município-sede e também alunos da cidade de São Roque, motivados pela qualidade de ensino que a escola oferecia. Conforme Resolução SE 20, de 23, publicada em 24/01/76 o Colégio Estadual foi transformado em Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus (EPPSG.) “Professora Altina Júlia de Oliveira”.

A partir de 09/02/1976, conforme autorização publicada no Diário Oficial de 08/06/1976, a escola passou a oferecer o 1º Grau completo, incluindo as classes de 1ª a 4ª séries, pois a Lei Federal 5692/71 unificou o Curso Primário e o Curso Ginásial, transformando-os em Curso de 1º Grau, com 8 anos de duração.

A partir de 1980, passou a oferecer a Habilitação Específica de Segundo Grau para o Magistério, com aprofundamento na área da Pré-Escola, conforme autorização publicada no Diário Oficial de 17/03/1979, através de Resolução S/N, cuja primeira formatura ocorreu em 1982, cuja listagem de alunos consta no Apêndice E.

#### **4.3.1 A escola hoje**

A escola continua a funcionar, regularmente, oferecendo somente o Ensino Médio, em decorrência de dois importantes fatos da política educacional: a reorganização do ensino realizada em 1995, no governo de Mário Covas e, posteriormente, a municipalização do Ensino Fundamental, ocorrida a partir da implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Federal N.º 9.394/96.

Na Resolução SE 100, de 1º, publicada a 2 de setembro de 1998, a escola consta como integrante da Rede Pública Estadual, após a reorganização e municipalização.

A partir de 2.011, além do Curso de Ensino Médio, regular e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a escola passou a abrigar o Centro de Estudos de Línguas – CEL – criado através do Decreto Nº 27.270, de 10/08/87, alterado pelo Decreto Nº 54.758, de 10/09/09 e instalado conforme Resolução SE-81, de 04/11/09, oferecendo aulas de Espanhol e de Inglês.

Atualmente funciona nos três períodos, com um total de 18 classes, sendo sete classes de 2ª e 3ª séries do Ensino Médio Regular, com 259 alunos, no período da manhã; cinco classes de 1ª série do Ensino Médio, com 201 alunos, à tarde e três classes, uma de cada série do Ensino Médio regular, com 137 alunos e três classes

de Educação de Jovens e Adultos de Ensino Médio, com 133 alunos, no período da noite, totalizando 730 alunos.

Tem como corpo administrativo:

**Quadro 03** - Corpo administrativo da atual escola  
Elaboração própria. (Fonte: Livro de Ponto Administrativo – Arquivo da escola)

| Nome                                   | Cargo                          |
|----------------------------------------|--------------------------------|
| Luciene Teixeira de Carvalho Gramático | Diretora                       |
| Rosemary Rodrigues Neves Pinto         | Vice-Diretora                  |
| Aparecida Eduardo da Silva             | Gerente de organização escolar |
| Antonio roque dos Santos               | Agente de organização escolar  |
| Dória Lopes Monteiro                   | Agente de organização escolar  |
| Valdivina de Lima Gomes Barbosa        | Agente de organização escolar  |
| Maria Aparecida da Silva Santos        | Agente de organização escolar  |
| Claudio Henrique Ribotta               | Agente de organização escolar  |
| Gisene Maria Cavalheri                 | Agente de organização escolar  |
| Helen Fernandes Moraes Pinto           | Auxiliar de limpeza            |
| Luciana Rosa Pereira                   | Auxiliar de limpeza            |
| Maria da Conceição Correa              | Merendeira                     |
| Olga Lopes Ferreira Nepomuceno         | Merendeira                     |
| Brigida Coelho da Rocha                | Merendeira                     |

A Escola, embora localizada na área central da cidade, atende não só alunos do centro, como também de vários bairros da cidade e de cidades próximas, como São Roque e Alumínio. A cidade conta somente com quatro escolas de Ensino Médio, esta objeto de estudo, que fica no centro da cidade, a EE. “Prof.<sup>a</sup> Maria de Oliveira Lellis Ito”, no bairro Jardim Cruzeiro, a EE. “Prof. José Pinto do Amaral”, na Vila Barreto e a EE. “Estação Dona Catarina”, no bairro Dona Catarina.

**Foto 07** - Fachada atual da escola  
Entrada do prédio da EE. “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira” 2010 (Fonte: arquivo da escola)





#### 4.4 Análise do funcionamento da escola

Ao ser definido o tema de trabalho, imediatamente foi procurada a direção da escola, que disponibilizou o acesso ao material disponível.

Ao chegar no chamado “arquivo morto”, foi encontrado um quartinho no corredor do primeiro andar, com prateleiras de madeira, onde os livros foram depositados sem muita organização, alguns em péssimo estado, pois foi relatado que no lugar anterior onde tais documentos estavam alojados, houve uma enchente, numa das tempestades de verão, danificando e inutilizando muitos deles. Segundo um funcionário, muitos documentos foram descartados.

Num primeiro momento, houve a necessidade de separar os livros e documentos por assunto: livros ponto, livros de Associação de Pais e Mestres, livros de matrícula, livros de termos de visita, livros de resultados finais, livros de exames de admissão, livros de inscrição para os exames de admissão, etc, no meio de muitos documentos referentes ao pagamento de professores, prontuários de professores (estes, mais ou menos organizados), etc.

Num segundo momento foram separados aqueles que estavam dentro do período demarcado para a pesquisa, de 1963 a 1981.

Após uma pequena higienização dos livros, passou-se a registrar os dados contidos, possibilitando fazer um “retrato” da escola a ser pesquisada.

O trabalho ainda é longo, visto haver dificuldades e muito por fazer. O funcionário que se disponibilizou a ajudar na pesquisa, trabalha na escola há 30 anos e demonstra vínculo afetivo muito grande com toda a história da escola, demonstrando estar desolado pela situação em que se encontram os documentos, mas vê-se impossibilitado de reorganizá-los, por falta de tempo, pois o serviço administrativo, agora *on line*, demanda todo o tempo e atenção dos funcionários, impedindo-os de se dedicarem a essa organização.

Algumas pessoas que se interessaram em organizar esse quartinho não têm ideia da preciosidade que ele guarda, então começaram simplesmente a descartar alguns livros e documentos, que não estavam em bom estado, sem atentar para a importância deles para a história da escola.

Foi solicitado que os livros separados para a pesquisa não fossem misturados aos demais, caso precisassem ser novamente consultados.

A direção permitiu a retirada de alguns livros e documentos, o que proporcionou facilidades para copiá-los e fazer os levantamentos necessários.

Há de se destacar o apoio e incentivo que a direção e os funcionários da escola deram para a pesquisa, cobrando uma cópia deste trabalho para integrar o acervo da biblioteca escolar.

“investigar o processo de criação e de instalação da escola, a caracterização e a utilização do espaço físico (os elementos arquitetônicos do prédio, sua implantação no terreno, seu entorno e acabamento), o espaço de poder (diretoria, secretaria, sala dos professores), a seleção de conteúdos escolares, os professores, a legislação, as normas e a administração da escola. Estas categorias permitem traçar um retrato da escola com seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e seu significado para aquela sociedade.” (Buffa, 2002, p.27)

#### **4.4.1 A temporalidade**

Ao pesquisar uma instituição escolar, é necessário o recorte temporal, para que se possa contextualizar o seu funcionamento, levando-se em consideração as dimensões políticas, econômicas e sociais da época, relacionando os diferentes momentos da existência da escola com o seu contexto temporal.

Ao escolher a periodização do presente trabalho – 1958 a 1981 – foi priorizado o movimento popular, em 1958, para a criação do Ginásio em Mairinque em 1960, a posterior instalação em 1963, a autorização em 1970 da instalação do Curso Colegial, o atendimento dos alunos de primeira a quarta séries, a partir de 1976, decorrente da fusão do primário e ginásial em Ensino Fundamental de oito anos (Lei Federal 5692/71) e a autorização para a instalação da Habilitação Específica de Segundo Grau para o Magistério, com aprofundamento na área da Pré-Escola, que, a partir de 1980, passou a preparar a formação dos professores na própria cidade, o que trouxe novo ânimo, principalmente às jovens que vislumbravam a carreira docente.

#### 4.4.2 A administração

Em 14 de agosto de 1962, a Prof.<sup>a</sup> Hely Grillo Mussi instalou o Ginásio de Mairinque no prédio do Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça”, na Av. Gaspar Ricardo Júnior, 172, no centro de Mairinque. Ela mesma foi designada para a direção por Ato de 1, publicado em 2 de outubro de 1962.

Em 24 de novembro de 1962, foi indicado José Maria Camargo Júnior, professor de Canto Orfeônico, do Colégio Estadual “D. Luiza Macuco”, em Santos, para as funções de diretor.

Por Ato de 28, publicado a 29/11/62, passou a fazer parte da escola a primeira funcionária, Sra. Terezinha Pereira Sodré, servente mensalista, redistribuída do Grupo Escolar “Barão de Piratininga” de São Roque.

No Diário Oficial de 10 de janeiro de 1963, foi nomeado, no regime extranumerário mensalista, referência 22, o escriturário Mário Rodrigues da Paz.

No dia seguinte, 11 de janeiro de 1963, foi nomeada, no regime extranumerário mensalista, referência 22, na função de Inspetor de Alunos, a Sra. Maria Aparecida Campos Azzini.

Em 12 de janeiro, por Ato expedido com autorização do Sr. Governador foi nomeado, no regime extranumerário mensalista, referência 15, na função de Servente, o Sr. Álvaro Chagas Júnior.

Os funcionários eram nomeados por políticos, no meu caso, foi o deputado Ciro de Albuquerque, ligado à Maçonaria de Itapetininga, quem me indicou, por interferência do meu sogro, que era maçom. (Depoimento de Álvaro Chagas Júnior)

Em 1963, o Ginásio Estadual de Mairinque iniciava efetivamente sua vida. Foi então que o primeiro corpo docente passou a conviver na comunidade escolar da cidade. Foram admitidos os seguintes professores: em 6 de março de 1963, Wadad Abib para as aulas de Francês, Eleonora Araium Ghissardi, de Educação Física Feminina, Maria Aparecida Dias, de Geografia, Mária Simão Abib, de Canto, Marilena Hebling Santos, de História, Neide Schumacker, de Português. Em 7 de março, os professores: Araré dos Anjos Teixeira, de Inglês e Português, Nelson Wilson, de Artes Industriais Masculina, Same Jorge de Góes, de Ciências, Déa do Nascimento Zaparoli, de Matemática, Helena Natale Ciochetti, de Desenho e Artes Industriais Feminina, Maria Emília Miranda, de Português. Em 11 de março, Guido

Chattel Stetner, de Educação Física Masculina. Em 13 de março, Geni Gimenes, de Matemática e, em 27 de maio, Edna Ivone Holtz, de Matemática.

No dia 5 de março de 1963 o Prof. José Maria de Camargo Júnior, designado para dirigir o Ginásio de Mairinque, fez a primeira reunião de professores, contando com os seguintes professores: Déa do Nascimento Zaparoli, Neide Schumacker, Maria Emília Miranda, Marilena Hebling Santos, Maria Aparecida Dias, Eleonora Araiun Ghissardi, Wadad Abib, Mária Simão Abib e Helena Natale Ciochetti, sendo secretariada pelo escriturário Mário Rodrigues da Paz.

Abrindo os trabalhos, o Prof. José Maria de Camargo Júnior congratulou-se com os professores, principalmente os residentes em Mairinque, ressaltando a importância que esse fato representa para a população local e adjacências, frisando bem, em seguida, que está empenhado e conta com a irrestrita colaboração dos professores no sentido de que essa escola desempenhe todo o papel que está reservado, quer sobre o ponto de vista social educacional, quer sobre o ponto de vista da legislação em vigor.

Consta da Ata da referida reunião, que o diretor ainda solicitou o empenho de todos para a conservação do prédio, que era emprestado; ressaltou a importância do respeito à disciplina, dizendo que todos os casos deverão ser enviados a ele; deu prazo até o dia 25 de março para a entrega dos programas de ensino, que deveriam ser elaborados com o máximo cuidado; sobre os uniformes escolares: das aulas normais e de Educação Física, nomeando a Prof.<sup>a</sup> Helena Natale Ciochetti para auxiliar sobre o assunto, avisando que a partir de primeiro de abril nenhum aluno entraria sem uniforme.

Eu me baseei nos uniformes dos colégios tradicionais de São Paulo: para as meninas saia preguçada azul marinho, camisa branca com o brasão do Estado de São Paulo estampado no bolso, meias  $\frac{3}{4}$  brancas e sapato colegial (com cadarços, de amarrar) preto; para os meninos calça comprida azul marinho, a mesma camisa, meias pretas e o mesmo tipo de sapato. No inverno era usada uma malha azul marinho. Ah! Os sapatos eram comprados na loja do Paulo Teófilo. (Depoimento da professora Helena Natale Ciochetti)

**Foto 08** - Formandos do Curso Ginásial – 1967  
Formandos utilizando o primeiro uniforme escolar (Fonte: arquivo da escola)



Na reunião seguinte, ocorrida em 03 de abril, os principais assuntos foram: o problema da “cola, tendo já aparecido um caso nas provas mensais”, foi sugerida que a reunião de pais fosse feita das classes em separado, “a fim de proporcionar uma comunicação mais fácil”, a necessidade de instalação do Órgão de Cooperação Escolar, “que entre outras, terá a função de manter os alunos que não dispõem de suficientes recursos econômicos”, a adoção de livros didáticos, o convite da Companhia Brasileira de Alumínio para uma visita, que se “propôs a seleção dos alunos que participarão da mesma, estabelecendo o nível de notas (8 a 10), isto é, os alunos que alcançarem a média estabelecida serão premiados com a referida excursão”; outras excursões programadas: para Morro Grande, “a fim de observar o tratamento de água que lá é feito”, ao Planetário e ao Museu do Ipiranga; o último assunto foi o uniforme, sendo solicitado pelo Sr. Diretor a fiscalização dos uniformes “a fim de que os mesmos sejam usados de maneira conveniente pelos alunos”.

Para o Curso Preparatório de Admissão ao Ginásio foram admitidas, em 15 de abril de 1963, as professoras Aparecida Lopes Camara e Emília Miranda Borges Pereira, em 17 de abril, Ineide Bertolini Pereira; em 22 de abril, Dinorah Fernandes de Oliveira e em 2 de maio de 1963, Catharina Elias Jacob.

A partir de 16 de abril de 1963, o Prof. José Maria de Camargo Júnior, que vinha respondendo pela direção, solicitou a sua dispensa, conforme publicado no Diário Oficial de 29 de maio de 1963.

Foi designado o Sr. Ivaldo Villaça, secretário do Instituto de Educação “Horácio Manley Lane”, de São Roque para, a partir de 6 de junho de 1963, responder pelo expediente da Diretoria, cargo lotado pelo Decreto n. 41783, de 4, publicado a 6 de abril de 1963.

Em 31 de outubro, o Sr. Ivaldo Villaça, designado para dirigir o estabelecimento de ensino, reuniu-se com os professores para comunicar o artigo publicado no Diário Oficial solicitando “aos professores dos estabelecimentos oficiais do Estado de São Paulo, as sugestões para a organização do novo currículo, que deverá apresentar as matérias obrigatórias e as optativas e o número de aulas de cada matéria”, posteriormente passou-se a discutir o aproveitamento dos alunos. Uma última questão foi a do uniforme e o Sr. Diretor “sugeriu que durante o verão fosse facultativo o uso do blusão”.

Nessa mesma data, 31 de outubro de 1963, deu-se a escolha de Maria Aparecida Rosa de Andrade como Diretora, que tomou posse em 3 de fevereiro de 1964. Em 16 de março de 1964 foi comissionada para o Centro Regional de Pesquisas da Cidade Universitária (CRP), para frequentar o III Seminário de Treinamento de Pessoal em Pesquisas Educacionais, conforme publicação no Diário Oficial de 27 de junho de 1964.

Em 2 de março de 1964 apresenta-se a primeira professora para exercer, em caráter efetivo a cadeira de Geografia, cargo lotado pelo Decreto n. 42358 de 16/08/63, Maria Luiza Picena, removida por Ato de 29, publicado a 30 de janeiro de 1964, do Ginásio estadual “Zacarias Antonio da Silva”, em Cotia.

Para substituir o afastamento da titular do cargo de Diretor, a Prof.<sup>a</sup> Maria Luiza Picena passou a responder pela direção da escola.

Com o golpe civil-militar de 31/03/1964, foram dispensados, via Diário Oficial do Estado de São Paulo, os funcionários indicados por políticos. Logo em seguida, no final do mês de abril, foram reintegrados nos mesmos cargos que ocupavam anteriormente.

Nessa época o pagamento era feito em espécie, na Coletoria Estadual, quem efetuava os nossos pagamentos era o coletor Narciso Albiero. Com essa dispensa que ocorreu, logo após a revolução de 1964, os funcionários dispensados, mesmo depois de reintegrados, ficaram nove meses sem receber os salários. O seu Luiz Zapparoli garantiu o pão e leite lá de casa e o meu sogro manteve a nossa família no armazém do seu Arlindo Taraborelli. Quando saiu o dinheiro, durou pouco, pois eram só dívidas pra pagar. Depois normalizou tudo. (Depoimento de Álvaro Chagas Júnior)

Em 12/05/1964, houve uma reunião pedagógica com a Prof<sup>a</sup> Maria Luiza Picena, então diretora substituta, na qual, além de analisar o rendimento escolar dos alunos, comunicou aos professores a aquisição de um projetor para ilustrar as aulas. Nessa reunião, convidou “a Prof.<sup>a</sup> Leocádia Gomes para uma preleção sobre sua viagem aos Estados Unidos da América do Norte”.

Na reunião pedagógica de 19/11/1964, ainda dirigida pela Prof.<sup>a</sup> Maria Luzia Picena, os professores foram surpreendidos com o Comunicado 119, publicado no Diário oficial de 13 de novembro de 1.964, o qual tratava sobre o período de aulas, pelo qual se soube que elas deveriam ser ministradas até o fim de novembro, sendo solicitado aos professores “verificar, nesses últimos dias, o aproveitamento geral dos alunos, para o bom êxito de seus exames”.

Analizando os livros escolares, verificou-se que foram vários os diretores da Escola. Como forma de simplificar, foi elaborado o quadro abaixo, que possui espaços sem preenchimento, decorrentes da ausência de livros ponto administrativo no arquivo morto (que sofreu uma enchente, danificando e inutilizando muitos documentos, que foram descartados). Os nomes de alguns diretores foram lembrados pelos ex-funcionários da escola e pelos atuais.

**Quadro 04 - Diretores da Escola Altina Júlia de Oliveira**  
Elaboração própria. (Fonte: livros ponto administrativo – arquivo da escola)

| <b>Período</b>      | <b>Nome</b>                                    | <b>Afastamento</b> |
|---------------------|------------------------------------------------|--------------------|
| 1960 a 16/04/62     | Cargo Vago - Hely Grillo Mussi                 |                    |
| 24/11/62 a 16/04/63 | Cargo Vago - José Maria de Camargo Júnior      |                    |
| 06/06/63 a 02/02/64 | Cargo Vago - Ivaldo Villaça                    |                    |
| 03/02/64 a 1971     | Maria Aparecida Rosa de Andrade                | CRP - 1964         |
| 1964                | Substituta - Maria Luiza Picena                |                    |
| 1971                | Cargo Vago - Nelson Wilson                     |                    |
| 05/04/76 a 26/08/76 | Cargo Vago - José de Abreu                     |                    |
| 26/08/76 a 20/08/81 | José Navarro                                   | DRESO              |
| 26/08/76 a 12/10/76 | Substituto – José de Abreu                     |                    |
| 13/10/76 a 08/04/78 | Substituta – Elizabeth Sewaybricker            |                    |
| 08/04/78 a          | Substituta - Déa do Nascimento Zaparolli       |                    |
| 21/08/81 a 04/01/85 | Dirce Larotonda                                |                    |
| 07/01/85 a 06/03/85 | Cargo Vago – Maria Madalena Ferreira Aguiar    |                    |
| 07/03/85 a 25/03/87 | Satiko Sakoda Brand                            | A p/ 28/07/86      |
| 28/07/86 a 25/03/87 | Substituta – Marlei Neves Álvares Lisboa Frota |                    |
| 26/03/87 a 31/08/88 | Maria Madalena Ferreira Aguiar                 | Eleição - 01/09/88 |
| 01/09/88 a 16/11/88 | Substituta – Marlei Neves Álvares Lisboa Frota |                    |
| 17/11/88 a 02/12/90 | Maria Madalena Ferreira Aguiar                 |                    |
| 03/12/90 a 31/08/92 | Cargo Vago - Maria Helena Chesine              |                    |
| 01/09/92 a 08/07/94 | Maria Aparecida de Lima Dias                   |                    |

|                     |                                           |               |
|---------------------|-------------------------------------------|---------------|
| 09/07/94 a 14/03/96 | Cargo Vago - Irene de Matos Lippi         |               |
| 15/03/96 a 28/06/98 | Cargo Vago - Magda Cristina Fulan Bellini |               |
| 29/06/98            | Luciene Teixeira de Carvalho Gramático    | Até o momento |

Legenda: CRP - Centro Regional de Pesquisas da Cidade Universitária; DRESO – Divisão Regional de Ensino de Sorocaba.

O livro de registros de empregados, da firma Ginásio Estadual “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira”, sob número de matrícula 2.011.771 no Ministério do Trabalho e Previdência Social, Divisão Regional de Sorocaba, tendo como registro o N.º 6209, com data de 22/05/1968, continha os seguintes dados: nome do funcionário, N.º e Série da Carteira Profissional, data em que foi admitido, disciplina que ministraria, valor do salário-hora, filiação, nacionalidade, data e local de nascimento, estado civil, residência e beneficiários. No verso constava a opção pelo regime de trabalho – Regulamento do Fundo de Garantia do Tempo de serviço, aprovado pelo Decreto Federal N.º 59.820, de 20/12/66. Das dezesseis folhas preenchidas, destacamos os seguintes apontamentos, para fins de registro:

#### **Quadro 05 - Professores contratados**

Elaboração própria. (Fonte: Livro de registro de empregados. Arquivo da escola)

| Nome                              | Data     | Nº Aulas | Disciplina (s)                       |
|-----------------------------------|----------|----------|--------------------------------------|
| Maria Madalena Ferreira de Aguiar | 01/04/68 | 36       | Português e Francês                  |
| Maria Virgília Frota              | 01/04/68 | 36       | Português e Francês                  |
| Edna Moreira da Cunha             | 01/04/68 | 10       | Canto Orfeônico                      |
| Hélio Carlos Dias                 | 01/04/68 | 15       | Ciências                             |
| Carmen Carolina Moretto           | 01/04/68 | 12       | Geografia                            |
| Euclides Martins Oliveira Filho   | 01/04/68 | 36       | Ciências                             |
| Mouna Kayal Gabriel               | 01/04/68 | 08       | Inglês                               |
| Lázara Edna Albano                | 02/04/68 | 15       | Educação Física Feminina             |
| Filomena Magda Racca              | 13/08/68 | 36       | Português e Francês                  |
| Baby de Souza Oliveira            | 07/10/68 | 35       | Português                            |
| Iracema de Oliveira Amaral        | 03/03/69 | 08       | Inglês                               |
| Ivo de Oliveira Vaz               | 03/03/69 | 36       | Ciências                             |
| Maria Helena Witter De Lucca      | 04/03/69 | 18       | Educação Física Feminina             |
| Sérgio da Cunha Castro Júnior     | 08/03/69 | 24       | Ciências                             |
| Bernadete Pinto da Silva          | 10/03/69 | 25       | Português e Francês                  |
| Helena Natale Ciochetti           | 01/05/69 | 20       | Artes Industriais Feminina e Desenho |

Esses professores contratados, recebiam NCr\$ 6, 25 (seis cruzeiros novos e vinte e cinco centavos) por aula.

Foi encontrado, no arquivo morto da escola, um livro de registro de ponto docente de 1969, dos professores que lecionavam Religião, disciplina que sempre



constou, legalmente, como obrigatória para as escolas e facultativa aos alunos, e que a maioria dos alunos frequentavam. Constam como professores: o padre José Yao, Elizabeth de Cássia Viaro, Elza Maria Silveira, Eleonora Bellucci Corrêa, Vera Lúcia Mateus Emmert, Darli Aparecido Cresciulo, Neide da Silva, Neuza Maria Miorim, Vera Lúcia Miorim, Aparecida Alves Ferreira, Maria Cândida Silva Bertolini, Maria Luiza Pereira Lelis Ito, Maria Eliza Aldigheri, Maria de Lourdes Prado, Rose Mariuse Lopes, Terezinha de Almeida, Edna Alexandre Aguiar, Maria Teixeira, Clérída Aparecida Nequirito, Sueli Vieira, Clotilde Frare, Vera Lúcia Pereira Vilhena, Rute Clélia Fiuza, Lucinda Soares de Oliveira, Lúcia Reis Bernardo. Destaque-se que à folha 8, anverso, o visto e o carimbo da Prof.<sup>a</sup> Izabel Maria Muniz Cunha, Inspetora E.M.- 2<sup>a</sup> I,R, Cap, denotando a importância dessas aulas.

Um fato que caracteriza a escola é a permanência, tanto de funcionários quanto de docentes, citando como exemplos o Sr. Álvaro Chagas Júnior que foi admitido em 12/01/63 e aposentou-se, compulsoriamente, ao completar 70 anos de idade, em 25/04/2004, dedicando 41 anos de trabalho à escola, além de ter ocupado a zeladoria, no prédio próprio, de 1963 até sua aposentadoria; a secretária Aparecida Eduardo da Silva, que foi admitida em novembro de 1978 e o escriturário Antonio Roque dos Santos, que começou a trabalhar em janeiro de 1979, e que continuam até o momento desempenhando as suas funções - são considerados pela comunidade de Mairinque, conforme muitos depoimentos, “patrimônios humanos da Escola Altina”, as serventes Therezinha Pereira Sodré, Marina Baptista, Tereza Aparecida Quaresma Pinto, Maria Cleide Nascimento Camara, Yolanda Grazzini Barbosa, Remartino Anselmo, Jovelina Dias Fernandes, a secretária Maria Tereza Soares, as escriturárias Cleusa Batista Carneiro e Dória Lopes Monteiro (que ainda trabalha na escola), os professores Elcio Roque Boccato, Mário Biazzi, Maria Luiza Picena, Sálua Daher, Irene de Mattos Lippi, Marina de Almeida Moraes.

Tal fato, o da permanência, confirmou-se, também, pelo livro de Inscrição para Remoção, que abrangia o período de 1965 a 1969, onde constavam 3 inscrições de professores em 1965, 1 em 1967 e 1 em 1969, demonstrando que a maioria dos professores não queriam se remover da escola.

Verificando alguns prontuários de alunos, foi possível constatar que a documentação requerida para a inscrição ao Exame de Admissão, na década de 1960 era: requerimento do aluno (com autorização do pai ou responsável ao final do documento), atestado do Diretor do Grupo Escolar, devidamente autenticado no

Cartório, declarando que o aluno estava cursando a quarta série do Curso Primário e atestado médico fornecido pelo Posto de Saúde, num impresso com o brasão do Estado de São Paulo, onde constava:

SECRETARIA DA SAÚDE PÚBLICA E DA ASSISTÊNCIA SOCIAL  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE DO ESTADO  
DIVISÃO DO SERVIÇO DO INTERIOR  
ATESTADO Nº \_\_\_\_

Atesto que (nome do aluno), com (quantidade) anos de idade, filho de (nome do pai) e (nome da mãe) acha-se em estado aparente de integridade física e mental, não sofre de doença contagiosa ou repugnante e foi nesta data revacinado contra a varíola, nada havendo, portanto, que o impossibilite de inscrever-se para o Exame de Admissão ao Ginásio Estadual de Mairinque.

Mairinque, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.96\_  
Assinatura do médico sanitário.

Nos registros, verificou-se que em 13/12/66, por exemplo, fizeram parte da Comissão de Exames de Admissão os seguintes professores: José Duarte Vannuchi, de Português, Mário Biazzi, de Matemática, Maria Luiza Picena, de Geografia e Elcio Roque Boccato, de História.

Após aprovado no Exame de Admissão, o aluno preenchia um requerimento de matrícula (com autorização do pai ou responsável ao final do documento, onde também autorizava, ou não, o aluno a frequentar aulas de religião), certidão de nascimento (a maioria original), uma foto (3x4) em preto e branco (ainda não havia foto colorida) e atestado médico, como citado acima. Esses documentos eram entregues a cada ano escolar, exceto a certidão de nascimento.

Com a finalidade de registro, foi procurado o prontuário com RM (registro de matrícula) número um, ou seja, do primeiro aluno a ser matriculado no Ginásio Estadual de Mairinque. Estava em nome de Ruth Maria da Silva, nascida a 26 de maio de 1957, em Presidente Wenceslau, filha de Joaquim José da Silva e Maria Lima da Silva, residente à Avenida Francisco de Paula Mayrink, 439, Vila Sorocabana, em Mairinque. Pela data de nascimento e ano em que a aluna estudou, foi constatado tratar-se de substituição do primeiro registro, pois a escola começou a funcionar em 1963 com o curso ginásial, e os alunos o iniciavam com aos 11 ou 12 anos e, em 1963 a aluna teria 6 anos, portanto nem no curso primário estaria (visto o aluno ser matriculado aos 7 anos nesse curso).

#### 4.4.3 A arquitetura

A ocupação do espaço físico não é neutra, pois os espaços são destinados para determinadas funções. Normalmente, a estrutura física de uma escola é pensada de forma a manter a disciplina, o controle sobre os alunos, com locomoção rápida e a sala de aula, onde acontece o processo ensino-aprendizagem, é o foco da arquitetura. Os usuários, ou seja, os discentes, às vezes, transgridem e determinam outros destinos para os espaços, como por exemplo, transformando pátio em lugar de encontros.

Nos seus primeiros anos de funcionamento, no prédio do Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça” os alunos assistiam às aulas em salas cujos vitrôs ficavam na altura dos ombros dos adultos, os alunos, sentados, viam somente o céu, e as carteiras eram duplas, baixas, apropriadas para alunos pequenos.

O ensino tradicional, centrado no professor, prevê um certo tipo de espaço e de mobiliário e sua disposição: carteiras enfileiradas fixas no solo, mesa do professor, quadro-negro à frente e algum recurso didático como globo terrestre, mapas, gravuras. A concepção moderna de ensino, centrada no aluno, propõe mesinhas deslocáveis para permitir diversos arranjos, armários baixos, livros e materiais didáticos na própria classe, enfim, preocupa-se com a escala da criança.(...)

Assim, por exemplo, quando a Lei n. 5692/71 juntou o ensino primário e o ginásial, criando o ensino de primeiro grau, que muitas vezes funcionou em prédios de grupos escolares, era possível ver alunos irrequietos (mal) acomodados em carteiras destinadas a crianças de 7 a 11 anos. É bem difícil conseguir a atenção, o interesse e a aprendizagem de alunos nessas condições. (NASCIMENTO, 2007, p. 159)

Isso foi comprovado, pois na reunião pedagógica de 19/11/1964, os professores reclamavam com a diretora substituta, Prof.<sup>a</sup> Maria Luzia Picena, sobre “o sério problema referente às carteiras duplas, existentes no estabelecimento onde funciona o ginásio”, pois precisavam confiar na honestidade dos alunos, em dias de provas. Solicitavam, ainda, verificar a possibilidade de separação das classes numerosas.

Em 1968, começou a construção do prédio próprio do Ginásio:

A concorrência para construção do Altina foi vencida por uma firma de São Paulo, que pela primeira vez construía em Mairinque. O projeto arquitetônico foi feito para não destoar, mas ao contrário, para se alinhar com o nosso belo Paço Municipal. Outra coisa interessante, meu pai tinha viajado aos Estados Unidos e ficou impressionado com os prédios públicos municipais. As escolas, não tinham cercas e solicitou ao arquiteto que isso fosse implementado no projeto do Altina. O arquiteto achou difícil, pois o prédio poderia estar sujeito

a depredações, mas aceitou. O projeto do Altina certamente, embora humilde, teve a linha arquitetônica mais arrojada da região. Me lembro de sua inauguração. (Depoimento de Enrico Lippi Ortolani)

**Foto 09** Construção do prédio do Ginásio – 1969  
(Fonte: Arquivo Luzia Celeste Chesine Monfrinato)



O novo prédio tinha, ao seu redor, um muro de um metro de altura, somente para delimitar o espaço escolar, não havia preocupações com a fuga de alunos, o que foi confirmado pelo depoimento de Álvaro Chagas Júnior, que foi servente da escola: “Você pode relatar no seu trabalho que quando foi inaugurado o prédio novo, o muro, ao redor da escola, era de um metro de altura e nenhum aluno fugia! Era muito diferente de hoje!”

No prédio novo, as inovações foram bem aceitas pelos alunos: as salas de aula tinham vitrôs bem mais baixos, que permitiam a visão ampla do exterior e carteiras, sendo individuais, possibilitavam algum movimento, quando era solicitado fazer trabalhos em grupos. Tais fatores contribuíram, conforme depoimentos, para ser mais prazeroso ir à escola, pois das classes que ficavam de frente para a rua era possível ver quem e o que passava, principalmente aos sábados, quando a frente da escola ficava cheia de namoradas e namorados à espera dos respectivos pares.

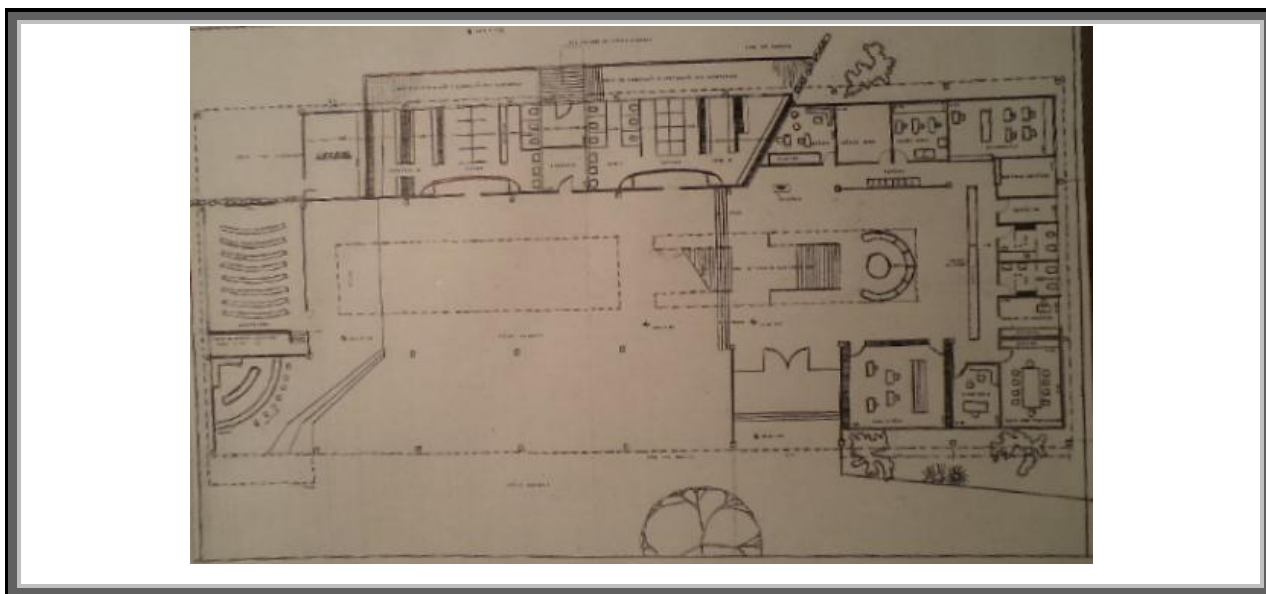
Quanto às carteiras, por serem maiores, acomodavam melhor os adolescentes.

Outra coisa que deslumbrava os alunos eram os banheiros, que além dos sanitários, dispunham de chuveiros, de pias grandes, com espelhos, onde os jovens viviam se olhando, visando se apresentar o melhor possível para as “paqueras” que se iniciavam, tinham uma antessala – vestiário – com bancos de alvenaria, onde

alunos se sentavam e conversavam, durante os intervalos escolares e ficavam sujeitos à intervenção dos inspetores de alunos, pois na maioria das vezes, os fumantes aproveitavam para acender um “cigarrinho”.

As salas de aula destinadas à disciplina Artes Industriais, masculina e Economia Doméstica, feminina, eram espaços grandes, com pias, bancadas e os alunos se entusiasmavam quando as frequentavam. O conteúdo das aulas era totalmente diferenciado, pois os alunos aprendiam pequenos consertos, faziam sacolas de barbante e construíam pequenos objetos de madeira; as meninas faziam fichas de receitas culinárias, que apresentavam ao final do ano em fichários de madeira para acomodá-las, aprendiam diversos pontos de bordados, noções de tricô e crochê, enfim, eram preparadas para serem donas de casa.

**Foto 10** - Pavimento térreo da escola - Foto da cópia reduzida da planta original da escola, datada de 11/04/68. Pavimento térreo. (Fonte: Departamento de Obras da Prefeitura Municipal de Mairinque)

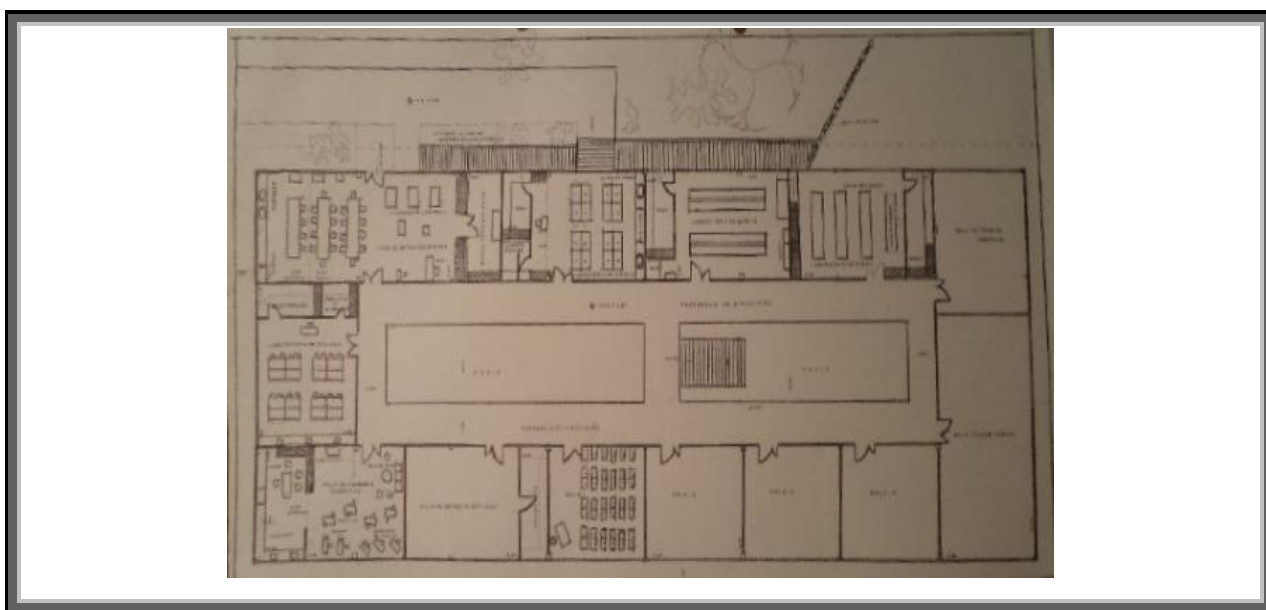


A biblioteca, que na planta original constava de frente para a rua, foi trocada pela secretaria, ficando num canto no andar térreo, pequena, porém aconchegante, era o único espaço que os alunos dispunham para pesquisa e acesso aos livros. A bibliotecária, funcionária readaptada da Estrada de Ferro Sorocabana era muito atenciosa e prestativa.

O pátio, espaçoso e com vista para a rua, era o lugar dos encontros, das “paqueras”, onde os pares de namorados se encontravam na entrada e no intervalo. Alguns relatam que marcavam hora e solicitavam autorização para ir ao banheiro, somente para se encontrarem nos corredores.

As salas de aula localizavam-se no primeiro andar e, por ter vão livre no seu interior, possibilitava ao inspetor de alunos uma ampla visão do pátio e da secretaria. A mesa onde ficava esse funcionário, era colocada estrategicamente perto da escadaria, o que lhe permitia acompanhar, com os olhos, sem sair do lugar, quem descia ou subia, ficando os alunos totalmente sob seu controle.

**Foto 11** - Pavimento superior da escola - Foto de cópia reduzida da planta original da escola, datada de 11/04/68. Pavimento superior. (Fonte: Departamento de Obras da Prefeitura Municipal de Mairinque)

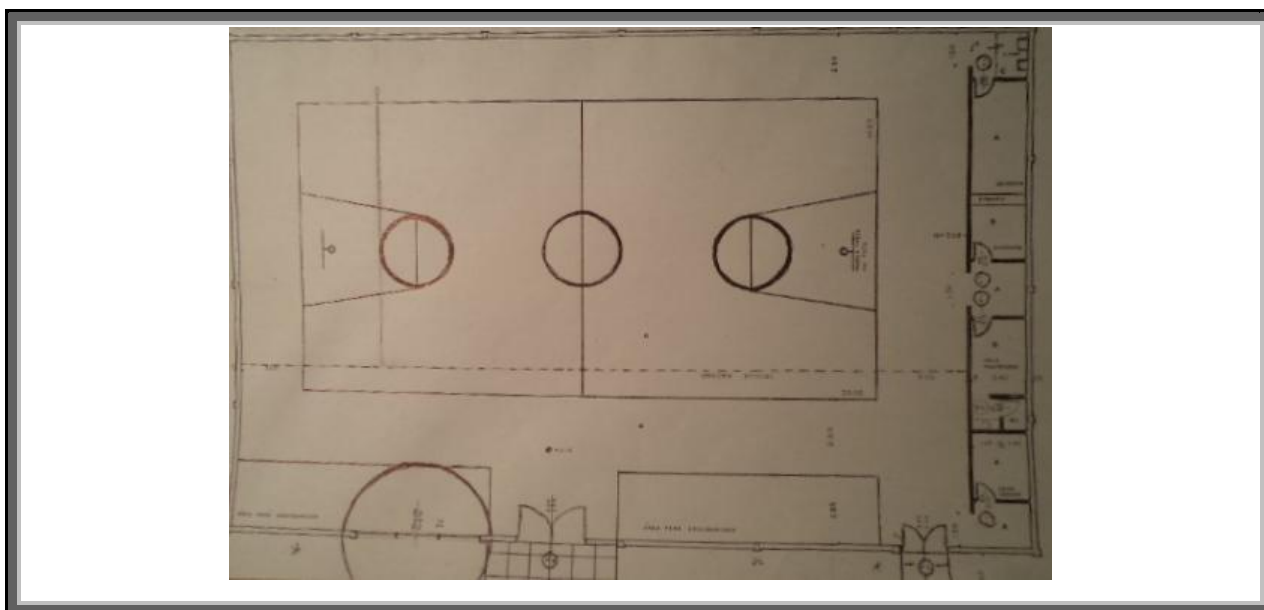


Por se tratar de um Ginásio, onde a grade curricular previa aulas de Educação Física, a construção de Quadra de Esportes era uma prioridade, porém não estava prevista na construção inicial, cujo projeto do arquiteto Marcello de Breyne Silveira, desenhado por Wilson P. Fernandes, datado de 11/04/1968, constava somente dos dois pavimentos do prédio escolar.

No seu depoimento, Enrico Lippi Ortolani, relatou que perto do final da construção do prédio escolar, seu pai, o então prefeito municipal, Sr. Arganauto Ortolani, foi procurado pelo responsável da construtora, sendo informado que havia um saldo no valor da obra, ao que o prefeito perguntou se tal saldo seria suficiente para a construção de uma quadra esportiva, visto tratar-se de um Ginásio, de cuja grade curricular constariam aulas de Educação Física e seria necessário um espaço físico apropriado. Feitos os cálculos, verificou-se que seria suficiente para construí-la, porém, de forma muito simples. A quadra foi construída com planta do mesmo arquiteto, porém desenhada por J. Nicolau, datada de 03/08/1969. Ao procurar pelas plantas da escola e da quadra, no Departamento de Obras da Prefeitura Municipal

de Mairinque e verificar, nelas, as datas do prédio e da quadra (com 1 ano e 4 meses de diferença) foi possível comprovar o depoimento. Portanto, a comunidade escolar deve ao Sr. Arganauto Ortolani a construção da quadra de esportes da escola, pois o saldo disponível poderia ter sido utilizado em outra obra.

**Foto 12** - Quadra da escola - Foto da cópia reduzida da planta original da quadra. Datada de 03/08/69. (Fonte: Departamento de Obras da Prefeitura Municipal de Mairinque)



A construção simples, porém, funcional, foi feita ao lado do prédio escolar, dispondo de quadra oficial, sala do professor, vestiário e depósito de materiais esportivos. Foi deixado um espaço pequeno para a construção posterior de arquibancada, uma vez que o saldo disponível não foi suficiente para construí-la<sup>34</sup>.

Analisando o que constava na planta original e comparando com o destino que hoje foi dado, no andar térreo: biblioteca (secretaria), diretoria e sala dos professores (arquivo da secretaria), secretaria (biblioteca), Orientador Educacional (Diretoria), Consultório Médico (Sala dos Professores), Grêmio Estudantil (Informática), Vestiário masculino (sala de aula), Vestiário Feminino (depósito), Anfiteatro (Sala de Aula), Cantina e Cozinha continuam próprias. No andar superior: os laboratórios de Ciências, de Física e de Biologia foram transformados em salas de aula, o único laboratório mantido foi o de Química. As salas de Artes Industriais e

<sup>34</sup> Em 1990, por iniciativa da funcionária Cleusa Batista Carneiro e do Prof. Mauro Corrêa, foram feitas campanhas para a reforma da quadra, que constou da troca do piso, da construção da arquibancada e da construção da quadra externa de areia.

Economia Doméstica foram transformadas em quatro salas de aula. O andar superior ficou composto de 14 (quatorze) salas de aula e um laboratório de Química.

#### 4.4.4 A organização

Inicialmente o Ginásio foi instalado com os alunos constantes do quadro abaixo, num total de 198, de primeira a terceiras séries, pois a escola passou a ter a quarta série somente em 1964 (classe formada pelos próprios alunos da terceira série de 1963)

**Quadro 06** - Números dos Primeiros alunos  
Elaboração própria. (Fonte: livros de matrículas, Arquivo da escola)

| Ano   | Série    | Matriculados | Transferidos | Desistentes | Aprovados | Reprovados |
|-------|----------|--------------|--------------|-------------|-----------|------------|
| 1963  | 1ª Série | 140          | -            | 7           | 74        | 59         |
|       | 2ª Série | 42           | -            | 1           | 31        | 10         |
|       | 3ª Série | 16           | -            | 1           | 13        | 2          |
| Total |          | 198          | -            | 9           | 118       | 71         |

Analisando o funcionamento do primeiro ano letivo da escola, têm-se os seguintes resultados: 4,5% de desistência; 59,6% de promoção e 35,9% de retenção. Tais resultados não são satisfatórios, em termos pedagógicos, pois embora haja registros de exames de primeira e de segunda épocas, os alunos tinham que estudar com professores particulares, pois não havia processo de recuperação com o próprio professor. As datas dos exames, tanto de primeira, quanto de segunda época, eram agendados e os alunos deveriam comparecer para fazê-los, sem contato com o professor da disciplina em que não fora aprovado inicialmente.

Quando funcionava no prédio do Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça”, havia aulas somente no período da tarde. A partir de 1970, com a mudança para o prédio próprio, a escola passou a oferecer o Curso Colegial e a funcionar no período noturno, de modo a atender o aluno trabalhador, o que mudou também o cotidiano da cidade, uma vez que os jovens não costumavam ficar nas ruas depois das 22 horas, redobrando a preocupação dos pais, até que seus filhos retornassem às suas casas, após as aulas.



A partir 1976, a escola passou a oferecer o 1º Grau completo, incluindo as classes de 1ª a 4ª séries, pois a Lei Federal 5692/71 unificou o Curso Primário e o Curso Ginásial, transformando-os em Curso de 1º Grau com 8 anos de duração e a partir de 1980, passou a oferecer a Habilitação Específica de Segundo Grau para o Magistério, com aprofundamento na área da Pré-Escola.

#### **4.4.5 O sócio-culturalismo**

A escola possui um espaço social próprio, formado por um conjunto de normas e regras de convivência, que uniformizam e controlam a ação dos alunos. Mas os estudantes costumam transgredir, às vezes individualmente, outras, através de forma coletiva. O tratamento uniforme dado pela escola, na maioria das vezes é questionado pelo aluno, pois a escola prega formar o aluno integralmente, porém não permite a sua total participação na vida escolar, como se fosse um mero expectador do seu processo ensino-aprendizagem.

[...] recordo-me que ao chegar à Escola tinha que mostrar uma carteirinha, ou caderneta, que tinha um lugar onde ficavam as notas. Recordo-me também da obrigatoriedade de cantar o Hino Nacional quando acontecia algum evento especial [...], (FIGUEIREDO, 2002)

Os tempos que a escola reservava para atividades de socialização eram mínimos, quando não reprimidos, pois o interesse maior era a transmissão dos conhecimentos. Tornou-se tradicional, na escola, os professores esperarem encontrar o aluno ideal na sala de aula: quieto, estudioso e interessado. Os que não se enquadrassem nesses requisitos eram tidos como indisciplinados.

Conforme muitos depoimentos de ex-alunos, o Sr. Álvaro Chagas Júnior, que na realidade era servente, mas atuava também como inspetor de alunos, sempre presente na escola, quando aparecia nos corredores superiores, onde ficavam as salas de aula, fazia com que os alunos imediatamente corressem para as salas de aula, sem contestação. Era uma mistura de respeito e, ao mesmo tempo, temor em ser repreendido, pois caso isso acontecesse, sabiam que ao retornar para casa e relatarem o fato, os castigos seriam severos – os pais cobravam muito o bom comportamento na escola.

A escola participava da vida social da cidade, principalmente nos desfiles: na comemoração da Independência do Brasil, em 7 de setembro no desfile cívico e na abertura da Festa do Pêssego, em novembro no desfile festivo.

Nunca gostei de desfilar, mas quando acontecia a abertura da Festa do Pêssego e a escola participava dos desfiles que atravessavam toda a cidade, inclusive a Vila Sorocabana, para encerrar-se lá no recinto da Fepema, a coisa era diferente. Era, num português bem claro, a oportunidade rara de unir o útil ao agradável. Desfilando, e aqui não reclamava de estar nas primeiras alas, era uma possibilidade única de ter uma visão diferente da festa, de quem chegava ao recinto como um coadjuvante e não como um turista. Era uma oportunidade de inflar o peito, inserido num contexto maior, do qual a fanfarra também fazia parte, de dizer aos turistas – entre os quais o governador Laudo Natel, que durante muitos anos participou destas solenidades, como convidado especial, mesmo quando fora do governo – que aquela festa era nossa, oferecida para eles, turistas. [...] como eu explicaria hoje para alguém, que uma pessoa, não gostando de desfilar, tinha paixão por este desfile específico, onde terminávamos invariavelmente molhados, - acho que todos se recordam que a chuva tinha uma relação íntima com a abertura da festa – mas satisfeitos. Um pêssego para quem der uma explicação convincente! (FIGUEIREDO, 2008)

Normalmente eram as alunas da escola que participavam da eleição de Rainha da Festa do Pêssego, cujo baile para a apresentação das candidatas e escolha da Rainha movimentava a cidade.

Na época havia duas pessoas que se destacavam em registrar os eventos, o fotógrafo José Martinez Rodrigues (Pêpe) e o pintor Mizael Garbim, que com a sua câmera, filmava os eventos em V8, que depois eram mostrados no cinema da cidade, antes da apresentação do filme do dia. Era uma festa as pessoas se verem no telão do cinema. Havia assobios e risadas quando apareciam os conhecidos.

**Foto 13** - Primeira Festa do Pêssego de Mairinque (FEPEMA), em 1964.

(Fonte: < <http://www.mairinque.sp.gov.br>>. Acesso em 21 jul. 2011.)



Consta no livro de Atas de Reuniões Pedagógicas que, na reunião do dia 19/11/1964, presidida pela diretora substituta, Prof.<sup>a</sup> Maria Luiza Picena:

Houve também, referência ao desfile que deverá ser realizado no domingo próximo, dia 22, início da primeira Festa do Pêssego da cidade. A convite das autoridades municipais, os alunos do Ginásio participaria e a Sra. Diretora julgou oportuna a ocasião para o incentivo de um estabelecimento ainda em fase embrionária. Solicitou, então, aos senhores professores que incentivassem os estudantes com sua presença no desfile.

Destaque-se que nesses desfiles a formação era em ordem decrescente, os alunos maiores iam à frente. Geralmente na semana anterior, havia ensaios na rua, para que a formação em quatro filas ficasse perfeita e, principalmente, para que as curvas fossem feitas de forma a não “entortar”.

[...] se não gostava muito de estudar, gostava menos ainda de desfilar, nas chamadas datas cívicas, quando a escola se preparava para adentrar as ruas centrais, repleta de populares e ficar defronte ao palanque oficial, onde fazia algum tipo de exibição. [...] Era sempre uma encrenca, principalmente em dias de frio, que, aliás, predominavam na Mairinque de então, pois nos obrigavam a desfilar em mangas de camisa, enquanto que eles, nossos mestres, aproveitavam para desfilar as blusas, que, parece, compravam especialmente para aquelas oportunidades. (FIGUEIREDO, 2008)

Os desfiles eram formas pelas quais eram reforçados, nos alunos, os valores cívicos dominantes da época, em que vigorava a Ditadura Militar, garantindo a reprodução da identidade nacional requerida pelo governo. A intenção dos governantes, ao exigirem os desfiles cívicos, era de fortalecer o espírito cívico e, ao mesmo tempo, impor o seu poder. Porém, na realidade, os alunos participavam dos deles pela visibilidade, pois a comunidade ia vê-los, e esta, por sua vez, assistia aos desfiles para ver seus filhos desfilando, para saber quem carregaria as bandeiras etc.

Os eventos cívicos passaram a ter nova motivação, por parte dos alunos que desfilavam e por parte das pessoas que assistiam, a partir da criação da Fanfarra do CEAJO – Colégio Estadual “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira”, comandada pelo instrutor Iracy Silveira, que impôs uma rígida disciplina, tanto para os ensaios quanto para as apresentações, sendo que foi apelidada de “a furiosa”.

**Foto 14** - Desfile Cívico – 07/09/1971  
(Fonte: Arquivo pessoal da autora)



A fanfarra passou a fazer parte da cidade, representando-a em diversos concursos regionais e até mesmo na capital, São Paulo, além de ser convidada para abrilhantar desfiles comemorativos de aniversários das cidades vizinhas.

Mas uma coisa é inevitável: a Fanfarra do Altina, como era conhecida, dirigida pelo Iracy Silveira, era a cara da nossa juventude. Tinha garra, tinha ritmo, era garbosa e eficiente. Eu nunca fiz parte da Fanfarra, mas sempre tive o maior orgulho dela [...] A fanfarra não se limitava a tocar, ela dava espetáculo, ela era o próprio espetáculo. Fosse um concurso de maratonistas, tenho a impressão que a fanfarra também ganharia, pois seus componentes tinham, além da aptidão, fôlego suficiente para caminhar, tocar, representar, interpretar e obedecer aos preceitos do seu diretor. Como era gostoso, principalmente na abertura da Festa do Pêssego, que era marcada pelo convite à várias fanfarras da região, dizer aos turistas que aquela era a nossa fanfarra! Como fazia bem para o ego perceber no olhar da multidão que aquele instante tinha sido mágico. Como era recompensador perceber que havia disciplina no grupo e que este grupo era coeso, sempre irradiando alegria e convicção de saber que estava fazendo a coisa certa. (FIGUEIREDO, 2002)

Destaque para um dos depoimentos coletados, em que a estudante relata a que ponto chegou a sua ansiedade com uma apresentação da fanfarra e, ao mesmo tempo, a responsabilidade com o horário, rigidamente cobrado pelo instrutor:

*Acordei de madrugada, coloquei correndo o uniforme da fanfarra, saia pregueada branca, túnica branca com botões e galões dourados, polainas brancas sobre os sapatos brancos e o chapéu vermelho, de galões dourados e corri ao quarto dos meus pais, assustando-os e cobrando que eles haviam “rodado” e não me chamado e que eu perdera a hora. Passado o*

*susto inicial, viram as horas e me fizeram tirar o uniforme e voltar para a cama, mas daí, adeus sono! (Depoimento de Eliana Luvizotto Medina)*

**Foto 15** - Fanfarra do Ginásio Estadual “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira” – Desfile Cívico – 07/09/1969  
(Fonte: Arquivo Rita de Cássia Merguizo Ribeiro)



Além do que já foi citado, também colaboraram para a integração escola-comunidade os bailes de formatura da escola, os quais se tornaram referências de alta qualidade na sociedade mairinquense, sendo muito frequentados, não só pelos formandos e respectivas famílias, como por toda a comunidade de Mairinque.

Para o baile de formatura de 1970, o Prefeito Municipal, Sr. Arganauto Ortolani, pagou a orquestra que veio abrilhantá-lo, por ser a primeira formatura de alunos no novo prédio.

**Foto 16** - Baile de Formatura do Curso Ginasial – 1970  
(Fonte: Arquivo pessoal da autora)



#### 4.4.6 As relações grupais

A convivência rotineira, na escola, acabou formando subgrupos de alunos, de acordo com alguns interesses: formaram-se os times de vôlei e basquete, os adeptos do xadrez, a turma da fanfarra, a turma do teatro, a turma da música, etc.

**Foto 17** - Alunos representantes da escola nos Jogos Regionais em Itu, de 1974.

Alunos em pé: Reinaldo Frare, Amaury César Amaral, sentados: Edson Frare, Oscar Angelini, Wilson Aquiles Ressutti, Jacy Mauro Fatore, Luiz Américo Sodré e Benedito Pereira (Dito Gordo) (julho de 1974) Fonte: < [www.grupo\\_mairinque@yahoo.com.br](mailto:mairinque@yahoo.com.br)>. Acesso em 20 dez. 2011



Embora a escola tratasse a todos igualmente, como se os alunos fossem homogêneos, eles mesmos se destacavam, transgrediam, para mostrar suas diferenças, mesmo que fossem em pequenos detalhes.

Hoje vejo professores em desespero com relação ao comportamento agressivo de alguns "alunos", e acho um problema sério a resolver. E dizer que fizemos a professora de matemática que antecedeu o Portella chorar, quando escondemos as fichas que ela usava para dar as aulas... (Depoimento de Sérgio Primo Moreschi)

Outros exemplos foram encontrados no livro de Ocorrências Disciplinares dos Alunos. Em 04/06/1964 o aluno I.G., da 1ª Série C, foi levado à Diretoria "por estar portando uma revista atentatória à moral", sendo que o Sr. Álvaro Chagas Júnior relata, por escrito, que

Desconfiando que alguma coisa de anormal estava acontecendo, fiquei a observar o referido aluno e quando certifiquei-me de estar acontecendo

qualquer coisa, fui até o mictório, onde constatei a veracidade do fato e peguei-o em flagrante (sic).  
Mairinque, 4 de maio de 1.964. (a) Álvaro Chagas Júnior.

Ao aluno, consta como penalidade:

Constatando a gravidade do fato, dada a obscenidade (sic) da revista, e de a mesma ter circulado pelo ginásio e lida em classe por diversos alunos, o Sr. I.G. foi suspenso por 1 dia, com a condição de se apresentar um responsável, sem o que não retornará às aulas. 05/06/64. (a) Maria Luiza Picena.

Em 06/06/64 o aluno I.R., também da 1ª Série C foi convidado a se apresentar na Diretoria, foi solicitado ao Prof. Seme Jorge Góes para que informasse o ocorrido:

Convidado pela Diretora do Ginásio para argüir o aluno na diretoria, com a finalidade de descobrir a procedência da revista e os demais alunos que a viram, assim o fiz, entregando à diretora a lista correspondente. Mairinque, 6 de junho de 1.964. (a) Seme Jorge Góes

Ao aluno foi dada a seguinte penalidade:

Constatando a gravidade do fato por ter o aluno trazido à escola revista tão obscena (sic), foi suspenso por 3 dias, com a condição de se apresentar um responsável, sem o que não retornará às aulas. 06/06/64. (a) Maria Luiza Picena.

Em 10/06/64, o aluno L.F.D., da 2ª Série A, foi convidado a se retirar da classe e comparecer à diretoria. Foi solicitado ao Prof. Seme Jorge Góes para informar:

O aluno L.F.D. por estar conversando foi repreendido. Em seguida, nova repreensão ocorreu, quando então por insolência, respondeu de maneira a provocar o riso dos demais. Foi então convidado a retirar-se da classe, o que, de maneira alguma queria fazê-lo, desafiando a autoridade do professor. Mairinque, 10/06/64. (a) Seme Jorge Góes

Em seguida, aparece a penalidade do aluno: Suspensão por 1 dia, por desrespeito à autoridade do professor. (a) Maria Luiza Picena.

Não havia mais registros de ocorrências, levando-nos a concluir que somente esses casos aconteceram. Porém, essa conclusão ficou sem efeito, com o depoimento da professora Helena Natale Ciochetti, quando declarou:

A professora Maria Luiza era muito pudica, qualquer coisa já a assombrava e ela registrava, temendo a volta da diretora, que poderia lhe cobrar providências. A Cida, diretora, era moderna, conversava com os alunos, dava-lhes bronca e mandava de volta para a sala de aula; pode não ter registros, mas que ela conversava e tomava providências era certo!



Há de se destacar que os relacionamentos eram muitos respeitosos, dificilmente os professores, direção ou funcionários eram desrespeitados, o que foi comprovado pela unanimidade dos 13 depoimentos dos ex-alunos, reforçando a ideia da cobrança dos pais sobre o bom comportamento dos filhos, confirmado, também pelo depoimento de Álvaro Chagas Júnior, já citado, na qual ressalta que o muro, ao redor da escola, era de um metro de altura e nenhum aluno fugia!

Os times de vôlei (feminino) e basquete (masculino) defendiam o nome da escola e da cidade nos municípios vizinhos, sempre com apoio da Prefeitura Municipal de Mairinque, que oferecia o transporte, conforme alguns relatos coletados.

Vários troféus foram conquistados, estimulando nos alunos a prática dos esportes e incentivando os mais jovens a começarem a treinar para participar dos eventos. Os alunos também representavam os esportes nos desfiles cívicos, conforme foto abaixo, com as alunas vestindo o uniforme que utilizavam nas aulas de Educação Física.

**Foto 18 - Alunos após desfile cívico de 1968**

Em pé: Amaury César Amaral (Piska), Carlos Roberto Ribeiro de Campos (Calóy), Rosari Cascardi, Iara Gonzales Pinheiro, Celso de Pádua Mendes, Rita Rolim de Paula. Sentados: Sandra Mara Garcia, Regina Capitão, Lúcia Helena Dudnick, Eliana Luvizotto Medina, Rosa Maria de Camargo e Rita de Cássia Merguizo. (Fonte: < [www.grupo\\_mairinque@yahoo.com.br](http://www.grupo_mairinque@yahoo.com.br) >. Acesso em 20 dez. 2011)



Em 1968 foi formado pelo Professor de Ciências, Hélio Carlos Dias, um grupo de teatro, cujos alunos se apresentaram no cinema da cidade, por várias vezes, e na região também, como na cidade de Iperó. Eram apresentados vários números: de



música (como a Isabel Cristina Siedler, que dançava e dublava Rita Pavone<sup>35</sup>), de teatro (a peça “A Bruxinha que era boa”, encenada pela Solange Vali, Eunice Luvizotto Medina, Ana Maria Medina), o Diálogo do Fala “F”, em que todas as respostas deveriam ser dadas com palavras iniciadas pela letra efe, interpretada pela Cida Medina.

Foi lembrada, no depoimento de Eunice Luvizotto Medina Pissolato, a música que era cantada num dos números do teatro:

No tempo em que eu não tinha tutu,  
Lá em Bangu  
Ninguém dizia “I love you”  
Agora cartas chegam de montão,  
Ai como é bom!  
Noivar com um bonitão.  
Agora o negócio é noivar  
É noivar sem casar no papel  
Dizendo se alguém perguntar  
São noivos em lua-de-mel  
Ah, eu tenho um noivo também  
Um bom rapaz  
Porque casar, porque casar  
Casar já não se usa mais!

Dentre os grupos femininos, havia uma verdadeira mania dos cadernos de recordação, nos quais compartilhavam pequenos segredos, que acabavam tornando-se públicos. Os meninos detestavam respondê-los . . .

[...] as meninas e seus cadernos de confidências, seus cadernos de recordações! Era um caderninho geralmente encapado e com folhas decoradas que no final do ano passava pela classe inteira para que as pessoas pudessem escrever alguma lembrança, versinhos ou mesma uma dedicatória de amizade. Seus cadernos de enquetes onde existiam dúzias de perguntinhas indiscretas do tipo “você gosta de alguém?” e no final ninguém escrevia a verdade, pois sabia que todo mundo ia ler. (FIGUEIREDO, 2002)

#### 4.4.7 A aprendizagem

Num primeiro momento, observar a sala de aula é constatar: uma turma de alunos, alguns interessados e bem comportados, outros nem tanto, porém não

---

<sup>35</sup> Rita Pavone: cantora italiana que fez muito sucesso nas décadas de 60 e 70.

podiam dar “bandeira”, senão lhes era chamada a atenção. A questão da disciplina em sala de aula era fundamental! “No tempo em que estudei, trazia lá de casa o respeito que me ensinava a levantar quando o mestre entrava na sala de aula.” (FIGUEIREDO, 2008)

Numa reunião pedagógica, acontecida em 06 de novembro de 1963, o então diretor designado, Sr. Ivaldo Villaça, discutiu com os professores o resultado do aproveitamento anual dos alunos, destacando que a 2ª e 3ª séries apresentaram bons resultados, com um mínimo de reprovações, no entanto, nas 1ªs séries “o resultado foi um pouco mais desolador”, pois foi grande o número de reprovadas, sendo justificado pelos professores que “os alunos não têm o devido preparo e maturidade psicológica para acompanhar o programa de uma série mais elevada”. O Sr. Diretor solicitou o empenho de todos para propiciar aos alunos que ainda possuíam alguma chance de aprovação, oportunidades de recuperação de notas.

A ênfase era dada ao quesito passar de ano, ou seja, ser aprovado ao final do ano letivo, então a prioridade eram as notas, portanto, não havia muita preocupação com o que o aluno realmente aprendia, ou seja, valorizava-se o resultado, não havendo grandes preocupações com o processo de aprendizagem, conforme depoimento abaixo:

O professor de Matemática, diziam que era uma sumidade, porém, eu saía da sala de aula sem entender nada. Quando chegava em casa, minha irmã, que é dois anos mais velha do que eu, “craque” na matéria, era quem me explicava e aí eu entendia e resolvia os exercícios. Não cheguei a ficar de exame para a segunda época, mas da primeira fiz dois anos seguidos! (Depoimento da autora)

Os professores estavam na escola para cumprir a sua missão: ensinar a matéria. Os alunos tinham uma reação própria a cada professor, conforme o tipo de relação que se estabelecia.

Eles não admitiam errar, pois professor não errava. Consta de um relato:

O professor de Português entregou as provas, conferi as questões e verifiquei que a minha nota estava errada, pois ele havia me dado nota maior. Fui lhe mostrar e ele me respondeu que fizera de propósito para verificar se eu era honesta. Conclusão, manteve a minha nota maior, dizendo que eu havia sido honesta! (Depoimento de Eunice Luvizotto Medina Pissolato)

Os relacionamentos professor x aluno são sempre lembrados nos depoimentos, demonstrando que alguns mestres realmente deixam marcas em seus pupilos. Tais marcas podem ser positivas ou negativas.

Um fato bem lembrado foi o (re) uso dos livros didáticos, que passavam do irmão mais velho ao mais novo, pois não havia, como hoje, a variedade e a atualização dos livros. Normalmente abria-se um livro e lá constavam os nomes de seus usuários, no mínimo três ou quatro.

Esqueci um livro de Português, do autor Domingos Paschoal Cegalla, na sala de aula, no dia seguinte ele foi entregue à minha irmã, pois também constava seu nome nele. Isso era comum, vários filhos, de idades diferentes, utilizando os mesmos livros didáticos. (Depoimento de Eliana Luvizotto Medina)

Não havia questionamento sobre o conteúdo estudado, muito menos explicação, por parte dos professores, sobre onde seriam utilizados aqueles conhecimentos aprendidos. Literalmente eram professores ativos para alunos passivos, não havia contextualização. Não se fazia idéia de qual currículo era trabalhado e muito menos com qual objetivo.

Na reunião pedagógica de 27 de fevereiro de 1964, presidida pela diretora titular, Maria Aparecida Rosa de Andrade, além de dar as boas vindas à Prof.<sup>a</sup> Maria Luiza Picena, professora efetiva que assumiu a cadeira de Geografia no início do ano letivo, “pôs os professores a par do novo currículo escola, publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo” e sugeriu aos professores, que fizessem sabatinas mensais para acompanhar melhor o aproveitamento dos alunos.

Um único registro de contextualização foi encontrado no livro de Atas de Reuniões Pedagógicas, onde em 12/05/1964, a diretora substituta, Prof.<sup>a</sup> Maria Luiza Picena solicita às professoras de História e Geografia que fizessem, em suas aulas, explanações sobre a Alemanha Ocidental e seu presidente, porque ele estava em visita ao nosso país. Nessa mesma reunião, uma demonstração de que a escola perpetuava os ditames da sociedade: as práticas educativas “deverão ser divididas, cabendo a parte de Desenho Técnico à secção masculina e Economia Doméstica à secção feminina”. As meninas continuavam a ser preparadas para serem donas de casa.

Na época era dada muita importância aos exames, porque eram documentos comprobatórios da aprovação/repetência dos alunos. Encontramos, no arquivo da

escola, o Livro de Carga e descarga de provas, utilizado para o registro de retirada e entrega de provas pelos professores. Ele era dividido em 11 (onze) colunas: Prova de, Série, Curso, Disciplina, Número de Provas, Data da Saída, Prazo para correção, Visto do professor, Data da entrega, Visto do Inspetor e Observação. O livro está totalmente preenchido, indo do período de 04/02/63 a 19/12/74. As duas últimas colunas: Visto de Inspetor e Observações não foram preenchidos. Não consta termo de encerramento. Desse livro pode se depreender a responsabilidade do professor ao retirar as provas de exames dos alunos para corrigir em casa, ao mesmo tempo em que os funcionários deveriam ser cobrados, caso ocorresse algum desvio de prova. Embora se trate de uma questão burocrática, deve ser levada em conta, pois demonstra a preocupação da direção da escola com a documentação dos alunos.

A maior dificuldade encontrada na pesquisa foi tentar localizar algum trabalho de aluno. Um único registro foi encontrado, constando de um relatório de 1979, da aluna Leila Segura Pereira, do 2º Magistério, referente ao 6º Painel – Educação Escolar no município, do qual, porém, não consta dia, mês ou onde foi realizado.

Tínhamos 4 horas de aula e matérias que desconheço existirem hoje – Artes, Canto, Laboratórios de Física e Química. Fazíamos educação física mais de uma vez por semana e tenho certeza, o que aprendemos nessas 4 horas, nenhum aluno de escola pública nos padrões atuais, aprenderá em 8 horas. Cabe reflexão, muita reflexão. Será que nossos netos, pelo menos, terão o mesmo padrão de educação que recebemos? Lá se vão 40 anos. (Depoimento de Domingos César Amaral)

Há de se destacar que a Prefeitura Municipal de Mairinque procurava incentivar os estudos, através de premiação, conforme encontramos na Lei N.º 166<sup>36</sup>, de 22/12/1964, a qual dispõe sobre a concessão de “livros de caráter eclético a título de incentivo aos alunos concludentes dos Cursos Primário e Secundário de Escolas Públicas e Particulares do Município, classificados com a melhor nota”.

Em 1968, a aluna Eunice Luvizotto Medina ganhou do Prefeito Municipal, Sr. Arganauto Ortolani, um jogo de caneta Parker (uma das melhores marcas da época). Isso incentivava os alunos a se dedicarem aos estudos.

---

<sup>36</sup> Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22/05/2011.

#### 4.4.8 Os Exames de Admissão

Analisando os livros oficiais da escola, obtiveram-se os seguintes dados, num dos Termos de Visita do Inspetor Federal, assinado por Zilda Barbosa Antony, datado de 13/03/63:

Por designação da Inspetoria Seccional em Circular n 4/63, visitei este Ginásio, cujas atividades tiveram início no corrente ano.  
O estabelecimento procedeu ao Exame de Admissão em 1ª época no Instituto de Educação “Horácio Manley Lane”, com 86 candidatos, sendo aprovados apenas 3.  
O Exame de Admissão em 2ª época realizado em Mairinque, com 134 candidatos, teve 80 aprovados.  
Foram recebidas transferências para as 2ª e 3ª séries, devendo os alunos transferidos apresentarem os documentos até o dia 30 do durante mês.  
Número total de alunos: 198.  
Diretor: não há, estando o Professor José Maria de Camargo respondendo pelo expediente.

Com estes dados – 3 alunos aprovados em São Roque e 80 aprovados em Mairinque e comparando com o livro de matrícula da 1ª série, verificou-se que em 1963 estudaram 140 alunos nessa série, então pergunta-se: de onde vieram os demais alunos?

Na dissertação de Mestrado “Aproximações sobre as origens do ensino público do município de Mairinque”, encontrou-se o seguinte trecho:

A comunidade mairinquense encontrou muitas dificuldades para a criação do Ginásio Estadual devido a muitas exigências da Secretaria do Estado, dentre elas que tivesse quarenta (40) alunos, aprovados no “Concurso de Admissão” para iniciar o primeiro ano.  
Lideradas pela Diretora do Grupo Escolar Manoel Martins Villaça, a Prof.<sup>a</sup> Thereza Caramante Chesini, juntamente com as professoras Emília Borges, Maria Aparecida Câmara (Dona Fia), Maria Aparecida Azzini (Cida) e Terezinha Brasílio Alves, organizaram o Curso de Admissão gratuito a todos os alunos que cursavam o quarto ano primário.  
Terminada essa fase, a Prof.<sup>a</sup> Thereza foi falar com a Diretora do Ginásio Estadual de São Roque, Prof.<sup>a</sup> Antonieta Cunha e solicitou que ela desse transferências aos alunos que fossem aprovados no Curso de Admissão, para poder formar classe única, e assim fosse criado o Ginásio. A Diretora Antonieta se negou a dar transferência. Entrando em contato com o amigo e político da região, o Dr. Arthur Fonseca, Diretor da Escola OSE (Organização Sorocabana de Ensino), em Sorocaba, este se propôs a dar transferências aos alunos que fossem aprovados. (BELLINI, 1999),

No depoimento de Luzia Celeste Chesine Monfrinato, filha de D. Thereza Caramante Chesini, foram confirmadas as informações acima:

Minha mãe coordenou, em caráter voluntário e como Orientadora Educacional, o Curso de Admissão ao Ginásio (10 classes), mantido pela Prefeitura de Mairinque em 1962. Empenhou-se vigorosamente para a instalação do Ginásio (hoje quinta a oitava séries do Ensino Fundamental) em nossa cidade. As exigências, para tanto, eram de que um determinado número de alunos obtivesse aprovação na prova de admissão ao ginásio, para posterior transferência para Mairinque. Estava lançado o desafio! Ela trabalhou incansavelmente para atingir esse objetivo. Lecionava pela manhã e, nos períodos da tarde e noite, dava aulas em caráter voluntário, em nossa própria casa, a muitos alunos, para prepará-los ao exame de admissão. Tarefa árdua, pois já tinha quatro de seus cinco filhos. Assim, após uma maratona, da qual também participaram vários professores da cidade, tais alunos foram levados a Sorocaba, onde se submeteram na OSE – Organização Sorocabana de Ensino, ao referido exame e obtiveram aprovação para frequência ao Curso Ginásial. Estava, assim, cumprido o essencial requisito dessa importante conquista para a comunidade mairinquense.

Da análise desses trechos, pode-se concluir que os demais alunos, necessários para se chegar ao total de 140 (ou seja, 57 alunos), vieram transferidos da OSE, em Sorocaba, após a aprovação no Exame de Admissão.

Nos livros de inscrição para os Exames de Admissão, que eram realizados duas vezes ao ano, onde consta o Termo de Abertura a cada data, o nome dos alunos, a data de nascimento, a filiação e o endereço de cada um, obtiveram-se os dados nas duas primeiras colunas abaixo, com os quais foram feitas comparações com os dados obtidos no livro de matrícula na 1ª Série Ginásial, verificando o número de alunos que ficavam sem o atendimento escolar. As lacunas devem-se à falta de documentação no arquivo da escola.

**Quadro 07** - Registros de Exame de Admissão  
Elaboração própria. (Fonte: Livros do Arquivo da escola).

| Data/Época | Número de Alunos Inscritos | Total do ano | Alunos que prestaram o Exame | Alunos aprovados | Número de Alunos matriculados na 1ª Série | Número de Alunos fora da escola |
|------------|----------------------------|--------------|------------------------------|------------------|-------------------------------------------|---------------------------------|
| São Roque  | 86                         |              | 86                           | 03               |                                           |                                 |
| 16/01/63   | 134                        | 220          | 134                          | 80               | 140                                       | -                               |
| 16/11/63   | 233                        |              | 233                          | 75               |                                           |                                 |
| 15/01/64   | 142                        | 375          | 143                          | 36               | 121                                       | 254                             |
| 16/11/64   | 268                        |              | 268                          | 69               |                                           |                                 |
| 15/01/65   | 149                        | 417          | 149                          | 45               | 171                                       | 246                             |
| 16/11/65   | 320                        |              | 320                          | 65               |                                           |                                 |
| 15/01/66   | 124                        | 444          | 395                          | 108              | 135                                       | 309                             |
| 03/07/67   | 371                        |              | 159                          | 25               |                                           |                                 |
| 22/08/67   | 05                         |              | 314                          | 251              | 175                                       | 201                             |
| 11/12/68   | 485                        |              | 376                          | 313              |                                           |                                 |

|          |     |  |     |     |  |  |
|----------|-----|--|-----|-----|--|--|
| 10/12/69 | 264 |  | 264 | 183 |  |  |
| 09/02/70 | 319 |  | 319 | 106 |  |  |
| 04/02/71 |     |  | 101 | 50  |  |  |
| 23/08/71 | 318 |  |     |     |  |  |
| 11/02/72 | 132 |  | 132 | 46  |  |  |

Pela análise do quadro acima, encontrou-se um grande número de alunos que ficavam sem atendimento escolar, havendo duas possibilidades: ou ficavam realmente um ano sem estudar, aguardando o próximo Exame de Admissão ou prestavam o mesmo em municípios vizinhos, onde cursavam a quinta série – ou somente parte dela – e voltavam para a Escola Altina Júlia, por transferência, caso em que a escola não poderia recusar a matrícula, a não ser em caso de inexistência de vaga, conforme relatos coletados.

Em 1968, o exame de admissão não podia ser abolido, por causa da legislação que o implantou ainda vigorar, porém, na prática, todos os alunos eram aprovados, porque havia vagas disponíveis, em virtude da expansão dos ginásios.

Embora a Lei Federal 5692/71 tenha extinguido o exame de admissão, assim como também os cursinhos preparatórios, para a realização do mesmo, foram encontrados registros de ambos até 1972, o que confirma aquilo consta no texto referente à implantação do ensino secundário no Estado de São Paulo: que a reforma educacional proposta pela lei supracitada demorou a ser posta em prática.

Destaque-se que, a partir dos estudos efetuados, foi possível perceber como o Exame de Admissão selecionava e excluía alunos, visto que, analisando os livros de inscrição para tais exames, aparecia um mesmo nome em vários anos, isto é, embora sendo reprovado, o aluno continuava tentando entrar no ginásio. Hoje entendemos que também havia o fator falta de vagas, porque a expansão de escolas não era proporcional ao aumento da população escolar. Isto não os afetava na época, até porque a preocupação era entrar no ginásio, os alunos não tinham maturidade para se preocuparem com quem ficava de fora.

#### **4.4.9 As atividades extraclasse**

As atividades extraclasse, como o próprio nome já indica, são atividades realizadas fora das salas de aula, dos espaços que são considerados pedagógicos.

Nessas atividades, o prazer e o lúdico são permitidos, porém nem todos os alunos participam, e nem os professores.

Foi citada a existência de Grêmio Estudantil, porém não foi encontrado, na escola, nenhum registro ou documento referente a ele, somente nos depoimentos de alguns ex-alunos.

[...] o que deixou de lembrança e por consequência como formação foi ser uma escola aberta (tínhamos liberdade para criar e falar o que queríamos, sem nenhuma intromissão da diretoria ou dos professores em nossos sonhos ou ideais) por conseguinte, sempre tivemos os estímulos e foi maravilhoso, como exemplo, fomos os primeiros a ter um grêmio estudantil independente na região e os primeiros a terem criado uma olimpíada estudantil. (Depoimento de Márcio Gilberto Fabri Garcia)

Para muitos alunos, e também para alguns professores, as atividades extraclasse eram consideradas perda de tempo, principalmente para os alunos da área rural, que dificilmente podiam participar devido ao trabalho agrícola.

Foi muito citado nos depoimentos que nas poucas vezes que os alunos combinavam não ir à escola, alguns desses alunos – da área rural – não faltavam, ficando até hoje a questão: não faltavam porque os pais não lhes permitiam (porque valorizavam os estudos) ou eles não faltavam como subterfúgio para não ir ao trabalho agrícola?

Nos depoimentos dos ex-alunos, eles citaram ter gratas recordações dos trabalhos extraclasse realizados no Curso Ginasial. Nos anos 70 os professores começaram a desenvolver trabalhos em grupos, novidade na época, e que trazia dificuldades para os alunos que moravam longe da escola, pois, na maioria das vezes, era à biblioteca escolar<sup>37</sup> que recorriam para a pesquisa, fora do horário normal de aulas, sendo que nas residências os alunos possuíam somente os livros didáticos adotados pelos professores. Poucos alunos dispunham das Enciclopédias Barsa ou Delta Larousse, como a biblioteca escolar, as quais eram muito utilizadas para pesquisas, sendo bastante lembradas nos depoimentos.

Quem estudou no Altina com certeza lembra-se da Biblioteca, organizada um tempo pela Nilda Calixto Maluf, onde aconteciam as reuniões do Grêmio Estudantil. Foi nesta sala que li, pela primeira vez, num recorte de jornal, a letra da música Cálice, composta pelo Chico Buarque e Milton Nascimento e soube, pela Nilda, que tratava-se de uma forma inteligente de criticar-se a

<sup>37</sup> O nome da biblioteca escolar – Maria Aparecida Rosa de Andrade – M.A.R.A., foi uma homenagem à diretora que, com sua dedicação e eficiência, elevou o nome da escola no cenário regional.



ditadura. [...] Para se fazer uma pesquisa escolar procurávamos alguma coisa na boa e velha enciclopédia, seja a Barsa (era caríssima) ou na Conhecer, de capa vermelha. (FIGUEIREDO, 2002)

## **5 REFLEXOS DA ESCOLA ALTINA JÚLIA**

A escola não é uma instituição neutra, abstrata, visto que está inserida num contexto social, que envolve aspectos políticos, econômicos e culturais. Historicamente é a transmissora da herança social, preservando e reproduzindo a cultura e os conhecimentos da humanidade, as crenças, os valores, as conquistas sociais, as concepções de vida e de mundo, É, ainda, a responsável pelo desenvolvimento de novos conhecimentos que motivam e capacitam os alunos para um bom desempenho social. É o espaço de encontro e convivência entre professores e alunos, socialmente designado e aceito para o desenvolvimento global do aluno em diferentes áreas: cognitiva, afetivo-emocional, social e profissional. Ela é contraditória, pois é um fator de manutenção da ordem vigente e que, ao mesmo tempo, transforma a cultura. Ela tem um conjunto de práticas que mantêm e transformam a estrutura social.

### **5.1 REFLEXOS NA CIDADE**

O Ginásio Estadual de Mairinque, criado em 1960 e instalado em 1963, decorrente de reivindicação da população local, ganhou expressão na cidade por meio de suas relações sociais, criando uma identidade própria, tornando-o reconhecido no município.

Segundo o depoimento de Désa Lippi Ortolani, a cidade “ganhou vida nova, pois nos horários de entrada e saída do Ginásio era uma alegria assistir àqueles jovens uniformizados, felizes, indo e vindo da escola”.

A identidade da escola foi construída através de diversos fatores, que acabaram causando mudanças nos costumes da época, conforme depreendido pelos depoimentos coletados:

1) no processo ensino-aprendizagem desenvolvido: os alunos conquistavam vitórias pessoais e grupais, e os professores, em decorrência, conquistavam o reconhecimento da comunidade local;

[...] o que deixou de lembrança e, por consequência, como formação foi ser uma escola aberta (tínhamos liberdade para criar e falar o que queríamos, sem nenhuma intromissão da diretoria ou dos professores em nossos sonhos ou ideais e, por conseguinte, sempre tivemos os estímulos). Foi maravilhoso, como exemplo, fomos os primeiros a ter um grêmio estudantil independente na região e os primeiros a terem criado uma olimpíada estudantil [...] e transparente (nunca escondemos os pontos fracos da escola, tanto com os professores como com a diretoria e os alunos, fizemos vários abaixo assinados para retirar professores incompetentes), livre e sem preconceitos (diversos professores e professoras namoraram os alunos, inclusive a diretora, sem prejudicar os ensinamentos e a hierarquia). (Depoimento de Márcio Gilberto Fabri Garcia)

2) na participação nas gincanas culturais promovidas pelo Grêmio Estudantil ou pela Prefeitura Municipal: os alunos se destacavam pelos seus conhecimentos e pelo trabalho em equipe, ganhando vários prêmios;

3) nos campeonatos esportivos, locais e regionais: onde os alunos representavam a escola e o próprio município, pois muitas vezes os times da escola, pela boa performance, tornaram-se os times municipais;

[...] fomos os primeiros a representar a nossa região nos jogos estudantis em São Paulo na final, para chegarmos lá tivemos que superar nossa região (São Roque, Ibiúna e Alumínio) a região de Sorocaba (Sorocaba, Salto, Indaiatuba, Itu, Piedade, Itapetininga, Tatuí e Cerquilha) conseguindo ser campeões [...] nesse mesmo ano fomos campeões inter-regionais, ou seja, passamos por Campinas, Piracicaba, Bauru, Botucatu e fomos finalmente para o Ibirapuera disputar as finais juntamente com o infantil [...] (Depoimento de Márcio Gilberto Fabri Garcia)

4) nas festividades locais e regionais: fazendo-se representar pela fanfarra da escola, que colaborou para a difusão do nome da cidade;

Tem que registrar que a fanfarra da escola, quando virava a esquina da Av. Lamartine Navarro, para descer a Av. Dr. Gaspar Ricardo Júnior, os corações dos estudantes e da população batiam fortes, de orgulho e emoção pelo espetáculo maravilhoso! Era uma descida inesquecível... (Depoimento da professora Helena Natale Ciochetti)

5) nas realizações de festas escolares, como as juninas que envolviam toda a comunidade do município, principalmente nas apresentações das quadrilhas.

A organização das festas juninas nas escolas era o período mais democrático, unindo o corpo docente e o discente com a única finalidade de diversão, até porque, desta união de forças, o resultado prático sempre se fazia representar por um punhado de “prendas” que, no seu conjunto, representaria também um pouco de dinheiro para os sempre minguados cofres escolares. [...] o alvoroço era um só: pessoas procurando outras para comporem o casal que iria dançar a quadrilha; marcação de ensaios, convites para pessoas representarem os padres e padrinhos na cerimônia do “casamento”, preparação das guloseimas que seriam servidas durante as festas e definição da professora que iria “cantar” a quadrilha. [...] para os

rostos ainda imberbes não havia outra alternativa que o carvão para criar uma aparência de barba, além do que um dente ou outro também era maquiado para ajudar na composição do tipo chamado caipira. (FIGUEIREDO, 2002)

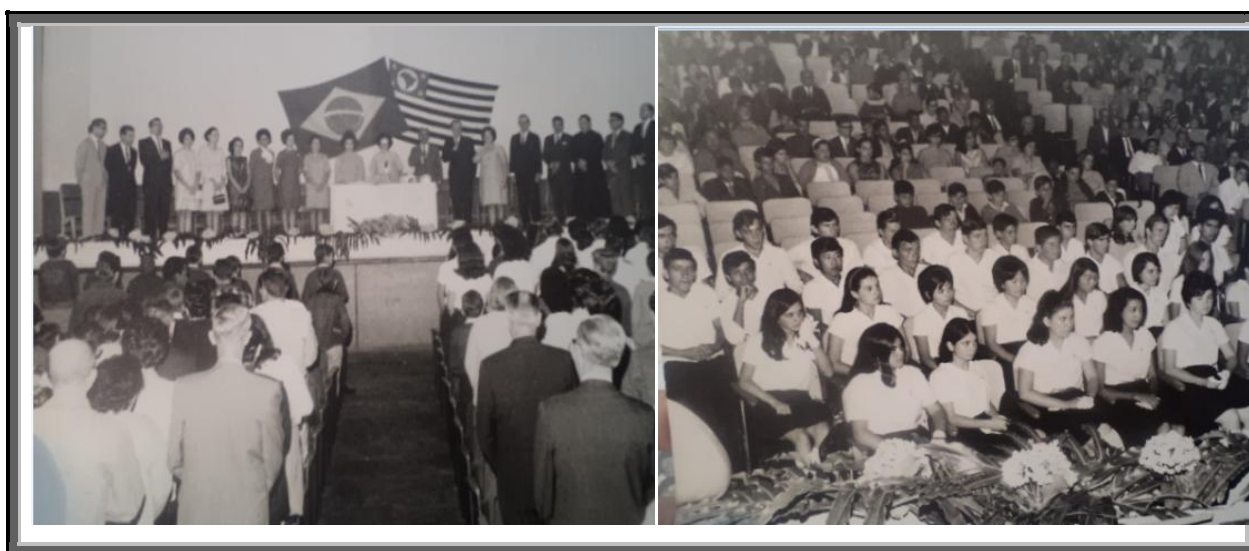
6) nas encenações de teatro com a formação de vários grupos, difundindo uma modalidade de arte que perdura até hoje, pois no Mapa Cultural, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, algum dos grupos de teatro da cidade sempre se faz presente nas competições;

7) nas solenidades e bailes de formatura que contavam com a presença da comunidade escolar e, ainda, com a comunidade e autoridades locais e regionais;

**Foto 19** - Solenidade de formatura. Autoridades no palco, 1967

**Foto 20** - Solenidade de Formatura do Curso Ginásial

Formandos, familiares e comunidade lotando a plateia do cinema, 1967 (Fonte: arquivo da escola)



8) na participação dos alunos e professores nas festividades municipais, em comemorações cívicas, desfiles cívicos e festivos, gincanas, concursos de escolha de rainha da Festa do Pêssego etc ;

9) na participação da vida religiosa da cidade: alguns alunos colaboraram para a mudança do comportamento na Igreja, pois

[...] um grupo de jovens, vestindo jeans e camiseta e com os cabelos tocando os ombros, estava ajudando a coordenar a chamada missa das dez, que passou a ser denominada de Missa dos Jovens. A revolução começou pelas músicas! [...] Outro grupo organizava os textos, [...] A linguagem era outra: eram jovens falando para os próprios jovens, que criava uma empatia tal que, em poucos meses, aquela missa era um sucesso de público. (FIGUEIREDO, 2008, p.49)

10) nas Exposições de Artes que aconteciam anualmente, na própria sala de Artes Industriais (que tinha a dimensão de três salas de aula, espaço suficiente para tal), em que se expunham os trabalhos realizados pelos alunos durante o ano letivo, em gesso, barbante, cerâmica, pintura a guache, nankin, a óleo, encadernação, porta livros, cintas e carteiras de couro, abajures de papel manteiga, redução e ampliação de figuras, texturas com macarrão, feijão, arroz, chinelos costurados, fichas de receitas culinários, álbuns de puericultura etc.

Todo ano, eu fazia curso de férias no Mackenzie e sempre trazia novidades, os alunos adoravam. Nessas exposições a escola recebia visitas de pessoas ilustres da região, como o Dr. Figueirôa, gerente da CBA e sua esposa, o Laudo Natel sempre estava presente com sua esposa, o prefeito de São Roque, enfim, era um acontecimento! (Depoimento da professora Helena Natale Ciochetti)

Por tudo isso foi possível constatar, durante os depoimentos dos ex-alunos, estes sentiam orgulho em estudar na escola, os ex-professores e ex-funcionários também sentiam orgulho pelo trabalho que desenvolviam e a escola passou a ser, no imaginário de muitas pessoas da comunidade, um estabelecimento de ensino de qualidade, conforme depoimento da professora Helena Natale Ciochetti, “tornou-se uma escola modelo, com suas festas tradicionais – Junina, Exposição de Artes, Desfiles com a fanfarra da escola etc – que além de movimentar a população de Mairinque, trazia autoridades de fora para participar e apreciar”.

Por ser bastante procurada, exigia padrões rígidos como, por exemplo, o uso do uniforme, o acompanhamento diário da frequência e a disciplina escolar, o que colaborava positivamente para o bom nome da escola, reconhecido tanto pelos pais de alunos, como pela comunidade.

A instalação da escola ainda possibilitou a diversificação e intensificação do comércio da cidade, pois os uniformes, os livros, os materiais para as aulas de Artes Industriais, como exemplos, passaram a ser vendidos e comprados localmente, fazendo com que os comerciantes ficassem atentos às solicitações dos professores do Ginásio, para o atendimento da nova demanda. Um exemplo foi o Bazar “Para Todos”, de propriedade de Dante Syllas Fabri (conhecido por Bazar da D. Iolanda), vizinho ao prédio do Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça” (onde inicialmente o Ginásio de Mairinque funcionou), que passou a vender bolsos das camisas de uniforme, os livros e os materiais solicitados pelos professores etc.

Os alunos, por sua vez, que estavam acostumados a viajar, diariamente, para as cidades vizinhas para estudarem, ao serem atendidos educacionalmente na própria cidade, passaram a participar mais da vida política, sendo que uma das influências foi do Sr. José Duarte Vannuchi, professor de Língua Portuguesa, que orientava seus alunos a assistirem às sessões da Câmara Municipal, como forma de apreciação do uso da linguagem formal, o que, por consequência, levava-os a estarem atentos aos projetos de leis discutidos.

Essas participações políticas dos alunos podem ser exemplificadas pela passeata que fizeram na praça da cidade, munidos de faixas, contra a instalação de uma indústria na cidade, em 1971, que poderia poluir a cidade e a fundação do CEMEAS – Centro Municipal de Estudos e Ação Social<sup>38</sup>, formado por ex-alunos, que, em 1978, organizaram o “Primeiro Encontro pela Unidade Democrática”, que aconteceu no anfiteatro da Prefeitura Municipal e contou com a presença de Cláudio Lembo, presidente da ARENA (Aliança de Renovação Nacional) e do senador Márcio Santilis, este último representando o presidente do MDB (Movimento Democrático Brasileiro)<sup>39</sup>, Fernando Henrique Cardoso, que teve um compromisso de última hora, impedindo-o de vir à Mairinque.

Infelizmente, hoje, essa imagem de escola de qualidade ficou desgastada, não porque essa escola, particularmente, tenha se deteriorado, mas porque a maioria das escolas estaduais perdeu sua qualificação, em decorrência de vários fatores internos (a- desvalorização do professor, por problemas de formação ou de desrespeito por parte dos alunos e seus familiares; b- desrespeito ao patrimônio público, muitas escolas apresentam condições inadequadas de funcionamento, sem manutenção etc e má qualidade do processo ensino-aprendizagem – depara-se com alunos mal alfabetizados, que não têm condições de prosseguimento de estudos, pois a democratização do ensino, que disponibilizou escolas e vagas para mais alunos, não foi proporcionalmente acompanhada de profissionais devidamente preparados para atenderem esse novo público) e externos (a- desestabilização

---

<sup>38</sup> Fonte: depoimentos de Márcio Gilberto Fabri Garcia e João Roberto Pinto Figueiredo (Pelica)

<sup>39</sup> O marechal Humberto de Alencar Castello Branco foi o primeiro presidente do período militar. Sua gestão começou com a decretação do Ato Institucional número 1, em 9 de abril de 1964, que determinou a eleição indireta. [...] Sob pressão, Castelo baixou o AI-2, em 17 de outubro de 1965. [...] A medida mais importante do AI-2 foi a extinção dos partidos, responsáveis pelas crises políticas, de acordo com os militares. Desse modo, deixaram de existir os partidos criados no fim do Estado Novo que, bem ou mal, exprimiam diferentes correntes de opinião pública. A legislação permitiu na prática apenas dois: a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que agrupava os partidários do governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que reunia a oposição. (Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/eleicoes/historia-1964.shtml>). Acesso em 16 jul. 2012.

familiar, com o sistema capitalista que obriga ambos os pais trabalharem para o sustento familiar, o que acaba fazendo com que a educação familiar não seja tão eficaz, com os pais não impondo os devidos limites aos seus filhos; b- problemas com a valorização dos estudos pela família, demonstrada através da falta de acompanhamento, por muitos pais, do processo ensino-aprendizagem dos filhos; c- a competição gerada pelos avanços da informática, tornando a aula obsoleta e sem atrativos para alguns alunos, que preferem participar das redes sociais nos seus computadores; d- algumas profissões – como jogadores de futebol, cantores, atores - que são desenvolvidas por algumas pessoas que não possuem escolaridade, mas que propiciam grandes salários, desvalorizando o ensino como forma de ascensão social e econômica).

## **5.2 REFLEXOS NA VIDA DOS EX-ALUNOS**

Neste trabalho, foi de fundamental importância a formação do Grupo Mairinque, pois, através das comunicações entre os seus membros, via meio eletrônico ou presenciais, foram lembrados fatos acontecidos na escola, o que levou a pesquisadora a querer aprofundar os estudos sobre a instituição escolar e sobre as marcas deixadas em quem dela participou, seja como aluno, funcionário, professor, diretor ou até mesmo de quem foi por ela excluído, pois a partir dos estudos efetuados, pudemos perceber como o Exame de Admissão selecionava e excluía alunos, visto que, embora reprovado, o aluno continuava tentando entrar no ginásio, tentando aprovação nos exames seguintes.

Na época em que cursaram o Ginásio, pela pouca idade (dez ou onze anos) os alunos não tinham maturidade para entenderem a seleção pela qual passavam, nem mesmo preparo crítico-político para entenderem que não havia escolas para todos, então o exame de admissão foi a estratégia política utilizada, uma vez que a demanda dos estudantes era muito maior que a oferta de vagas nas escolas.

Nos encontros do grupo também pudemos perceber a influência do processo escolar nas vidas profissionais: alguns, hoje professores (inclusive universitários), relataram que procuram ser diferentes de alguns dos professores, citando os

defeitos deles, outros relatando que procuram seguir os ensinamentos de algum professor e assim por diante.

Quanto aos professores, alguns marcaram minha vida. Vou citá-los, sem, contudo, desmerecer os demais – Vanucchi e Mário Biazzi (pelo conhecimento e didática), Maria Luíza Picena (minha conselheira), Élcio Bocatto (pela firmeza e rigidez), José P. Amaral (pela cultura e visão e de quem nunca fui aluno, mas passei a admirá-lo mais tarde, quando me tornei seu genro), Madalena Aguiar (amiga mais tarde, de benemerência), Helena Natali Ciochetti (tia e orientadora) [...] (Depoimento de Domingos César Amaral)

Importante destacar, também, que muitos professores do início do funcionamento do Ginásio residiam em Mairinque ou São Roque, então é possível, hoje, encontrar-se com alguns deles, momentos em que afloram lembranças dos “tempos de outrora” (parafraseando Marcondes Verçosa com o seu poema “Mairinque”, que consta do início deste trabalho).

Os professores ficaram na minha memória. Chico Verani, Didi, Tercilla, Amaral e Davi Portella, este um dos mais marcantes. Dava aulas de Física e Matemática. Um “figurão”. Calças boca-de-sino, cabelo Black Power (era moda), palavreado diferente de todos, que nem sempre agradava aos alunos. Foi “dedado” à diretoria, e quase perdeu o cargo. Foi ele que mais nos aconselhou a estudar mais para enfrentarmos o vestibular. Valeu Davi....Os funcionários eram queridos : Sr Álvaro (Alvarinho). Seu Nestor, meu pai, linha dura até em casa. Um fato não menos marcante, foi a formatura da “nossa turma”. Chico Verani foi nosso paraninfo. Outro dia, mais ou menos quinze dias atrás, nos encontramos. Não o via desde a formatura, em 1972. Ele se lembrou daquela data. Parecia que estávamos revivendo aquele dia. Conversamos sobre alguns professores, Élcio Bocatto, Maria Luiza Picena,.... bons tempos. (Depoimento de Sérgio Primo Moreschi)

As lideranças da cidade também marcaram a vida dos ex-alunos, complementando o processo educacional da Escola Altina Júlia, conforme o trecho abaixo.

Em 01/06/2001, quando criei o Centro de Documentação e Memória Mairinquense, denominei uma das salas com o nome do Argonauta Ortolani! No início da década de 70, quando era um dos coordenadores do Movimento Jovem da Igreja Católica de Mairinque, fizemos um convite para ele, Argonauta, então diretor da Associação Paulista de Municípios, para proferir uma palestra a nós, então jovens. Foi dele, nesta ocasião, que ouvi pela primeira vez a expressão “humanizar a cidade” e, desde então, venho, dentro das minhas possibilidades, procurando fazer a minha parte para tornar a cidade, onde habito, um pouco mais humana. (FIGUEIREDO, 2008, p. 22)

O autor acima referenciado, ainda relatou que sua inspiração para ser escritor foi despertada por um professor, que lhe deu aulas, aos sábados, de Comunicação



Social, demonstrando o reflexo do trabalho do professor na vida do aluno. “O Pedrinho Paschoal e eu, alunos que fomos do Beto Villaça, continuamos trabalhando na área de comunicação social.” (FIGUEIREDO, 2008)

Através da memória individual dos ex-alunos, membros do grupo, e complementação por outros depoimentos de pessoas que tiveram alguma ligação com a escola, foi possível preencher algumas lacunas, tornando a história da Escola Altina Júlia relatada nesta pesquisa, o resultado da memória coletiva.

Encerra-se este capítulo com uma frase que o Oscar Angelini, membro do Grupo Mairinque e ex-aluno da Escola pesquisada, costuma dizer: “Nós éramos felizes e sabíamos!”

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa foi possível através da análise de diversas fontes: escritas, iconográficas e orais.

A partir da contribuição historiográfica de vários autores, procurou-se contextualizar um período escolar do primeiro Ginásio de Mairinque, desvendando parte da história da educação mairinquense. Nos seus primeiros anos de funcionamento, a escola tornou-se referência, onde foi desenvolvido um bom processo educacional, que os alunos relembram até os dias atuais, demonstrando o significado do sentimento de pertencimento àquela comunidade escolar.

Isso ocorreu graças à sua organização, às suas normas internas rígidas, ao bom desempenho tanto dos funcionários quanto dos professores (que eram muito dedicados e se orgulhavam de serem professores), à participação da comunidade na escola, que se comprometia no acompanhamento do processo ensino-aprendizagem dos filhos, além de colaborar nos eventos por ela organizados e promovidos, e à participação da escola na comunidade, que alterou alguns usos e costumes da época, através da participação política, cultural e até mesmo religiosa dos seus alunos.

O início da movimentação da comunidade pela criação da escola estudada, em 1958, coincidiu com o processo de emancipação da cidade de Mairinque, que pertencia ao município de São Roque, portanto os motivos que levaram a essa movimentação foram, conforme os estudos feitos permitiram inferir, a necessidade de se autoafirmar, potencializando as suas possibilidades de atendimento à comunidade estudantil, criando sua própria identidade, enquanto município independente da sede, pois o ensino era visto tanto como possibilidade de progresso profissional, como de progresso da própria cidade, que seria constituída de indivíduos mais escolarizados.

As pessoas que participaram da sua implantação eram ligadas à educação, como as professoras Thereza Caramante Chesini, Aparecida Lopes Câmara, Emília Miranda Borges Pereira, Maria Aparecida Azzini e outras ligadas à política, como Arganauto Ortolani, João Chesine, Luiz Zapparoli.

O resgate da história da escola foi trabalhado através da memória de pessoas que tiveram alguma ligação com a escola (entre elas, 1 ex-professora, 3 ex-

funcionários e 13 ex-alunos, além de 5 pessoas que ainda continuam a trabalhar na escola e 1 da comunidade), realizando um mosaico de diversos olhares.

A memória foi trabalhada através de observações sobre a vivência na escola, a partir dos depoimentos de grupo focal (e dos encontros dos formandos), envolvendo pessoas que estiveram direta ou indiretamente ligadas à escola, e as reflexões que a vivência na escola reverberou na vida dessas pessoas.

A escola teve um papel muito importante na comunidade, fazendo com que os jovens mairinquenses se sentissem mais confiantes em estudar na própria cidade, sem ter que enfrentar conflitos grupais com os jovens da cidade que foi sede municipal, São Roque. Pelos depoimentos, foi possível, também, verificar que a relação estabelecida entre os professores, funcionários e alunos, eram muito boas, baseadas em muito respeito, mantendo-se certa distância, considerando-se a hierarquia. Segundo também os ex-alunos, a escola possibilitava a legitimação da posição social de aluno que a frequentava, visto que muitos ficavam fora do processo educacional do Ginásio, sendo reprovados no temido exame de admissão.

Os ex-alunos destacaram a importância que tinha ser aprovado no exame de admissão e ser matriculado no Ginásio, tanto que não foram encontrados, nos registros da escola, casos de desistência ou evasão dos alunos. Fizeram comparações com as escolas atuais, onde praticamente há vagas para todos, porém, a valorização dos estudos já não é mais vista como prioridade, como forma de ascensão social.

Os alunos, à época, eram disciplinados: quando o professor entrava na sala de aula, absoluto silêncio, eles ficavam em pé, davam bom-dia ou boa-tarde, sentavam-se em seguida e o professor tinha a atenção da classe para si, podendo utilizar todo o tempo da aula para o conteúdo a ser desenvolvido.

Ressalta-se que o alcance da pesquisa ficou limitado, pois para que ficasse mais completa, seria necessário ouvir mais pessoas, analisar mais aspectos da escola, porém, dentro das possibilidades procurou-se trazer contribuições aos alunos atuais, de como foi o início do ensino secundário no município de Mairinque e de como os sujeitos tinham (pouco) acesso a ele.

É importante analisar a trajetória de uma escola e dos seus alunos, como forma de valorizar o passado, entender o presente e procurar melhorar o futuro.

Pelos estudos efetuados, muitos fatores interferiam na criação e instalação de Ginásios Oficiais, na década de 1960, no Estado de São Paulo: o populismo dos

governantes que os criavam sem analisar custos para a instalação, às vezes demorando anos para serem instalados (como no caso de Mairinque, em que o Ginásio Estadual foi criado em 1960 e instalado somente em 1963); a prerrogativa dos deputados estaduais de proporem a criação de escolas como forma política de angariar votos, sem levar em conta as reais necessidades educacionais dos municípios e a reivindicação popular, onde a comunidade solicitava a criação de ginásios para que seus filhos pudessem dar continuidade aos estudos, após a aprovação no Curso Primário.

O município de Mairinque, assim como muitos outros, contou com uma comissão de moradores que reivindicou junto aos políticos, a criação do Ginásio em 1958. Após dois anos tramitando na Assembleia Legislativa, o projeto foi vetado pelo governador Carvalho Pinto, que assumiu o governo após Jânio Quadros (reconhecidamente populista), comprometendo-se a oferecer um estudo técnico para a criação de ginásios e grupos escolares, priorizando zonas de população estudantil que reclamasse e realmente necessitasse de estabelecimentos de ensino, evitando projetos que beneficiassem demandas pequenas e inexpressivas e, considerando ainda, a situação econômica do Estado, em virtude da alta inflação

Em 1960, os deputados Francisco Scalamandré Sobrinho e Derville Allegretti, autores do Projeto de Lei Nº 18/58, considerando a urgência da instalação do Ginásio Estadual em Mairinque e o desagravo ao governador, que não cumpriu o prometido, não apresentando estudo técnico algum, acabaram conseguindo, com os seus pares, derrubar o veto do governador e a Assembleia Legislativa aprovou o projeto de criação do Ginásio em Mairinque.

A criação do Ginásio Estadual no Distrito de Mairinque, município de São Roque, foi em 18 de maio de 1960, através da Lei Nº 5678/60, sendo publicada no Diário Oficial em 19 de maio de 1960. Sua instalação deu-se em 14 de agosto de 1962 e o seu funcionamento regular foi a partir de 6 de março de 1963. Funcionou, até 1969, no período da tarde, no prédio do Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça”, passando a funcionar no prédio próprio a partir de 1970.

No ideário de muitos moradores a escola significou progresso, tanto para a cidade, recém-emancipada de São Roque e que ganhou nova identidade por ter o ginásio próprio, quanto para a população, que viu sua reivindicação atendida e seus filhos dando continuidade aos estudos sem precisar se locomover para outras cidades. Além disso, o fato de ter se projetado como escola de qualidade- bem

organizada, disciplinada e com bom nível de ensino-aprendizagem, corroborou para o orgulho da população.

Alguns ex-alunos exercem suas atividades profissionais em Mairinque, participando da vida da comunidade onde estudaram e se formaram, tornando-se exemplos para os estudantes atuais, comprovando a qualidade da escola e a importância do bom aproveitamento do processo educativo.

Pelos depoimentos coletados e nas comunicações entre os membros do Grupo Mairinque, as lembranças do processo educacional nos alunos egressos do Ginásio Estadual “Profª Altina Júlia de Oliveira”, em Mairinquer/SP são fortes. A escola deixou marcas nos alunos, já que efetivamente os assuntos discutidos sempre a envolvem, direta ou indiretamente, demonstrando a importância não só do processo ensino-aprendizagem ali desenvolvido, como também das relações que se estabeleceram e que foram vividas. Relações estas que são lembradas carinhosamente, após mais de quarenta anos de formados, comprovando que são marcas que não se apagam, redobrando a responsabilidade de quem atua, hoje, nas escolas, porque a influência poderá reverberar por muito tempo.

Os resultados apresentados neste trabalho deixam claro que a história dos personagens analisados está entrelaçada com a história da instituição escolar, e que os anos de 1963 a 1981 da Escola Prof.ª Altina Júlia de Oliveira foram vivenciados de maneira intensa, com algumas transformações que marcaram vidas, conforme coletado através de emocionados depoimentos.

Este trabalho retrata uma parte da história de uma unidade escolar da cidade de Mairinque, que continua em funcionamento e, portanto, ainda terá muitos registros a serem feitos. Os alunos de hoje, poderão contar a história de amanhã.

Espera-se que mais pessoas tenham vontade e disponibilidade para fazerem os registros necessários, para que a Escola Altina Júlia (e outras escolas também) tenha seu acervo histórico preservado e atualizado, de forma que o seu legado histórico-educacional não se perca.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. Crônica de Mairinque: A oferta de empregos e os reflexos positivos na comunidade. **O Democrata**, São Roque, 15 jan. 1979 a.

\_\_\_\_\_. Crônica de Mairinque: Clubes de serviço e entidades assistenciais. **O Democrata**, São Roque, 06 jan.1979 b.

AMARAL, José Pinto do. Cosmorama de Mairinque – Que a comunicação seja assim! Jornal **O Democrata**, de 06/09/1980 a.

\_\_\_\_\_. Política e Administração Pública de Mairinque – Vinte anos – uma só situação, uma só oposição (III). Jornal **O Democrata**, São Roque, 13 dez. 1980 b.

\_\_\_\_\_. Política e Administração Pública de Mairinque – Vinte anos – uma só situação, uma só oposição (V). **O Democrata**, São Roque, 20 dez. 1980 c.

\_\_\_\_\_. Política e Administração Pública de Mairinque – Vinte anos – uma só situação, uma só oposição (VI). Jornal **O Democrata**, São Roque, 27 dez. 1980 d.

\_\_\_\_\_. São Roque - Mairinque - A emancipação que não separou. **O Democrata**, São Roque, 14 ago. 1981.

\_\_\_\_\_. Mayrink de outrora. **O Democrata**, São Roque, 20 out. 1984.

ANDRADE, Ana Maria Mauad de S. **Sob o signo da Imagem:** a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. Dissertação de mestrado. Niterói: UFF-CEGICHF, 1990.

BATTISTUS, Cleci Terezinha e LIMBERGER Cristiane. Estado Militar e as Reformas Educacionais. In: **Educere Et Educare** – Revista de Educação Unioeste. Vol. 1 nº 1 jan./jun. 2006

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Ação Política a expansão da rede escolar.** Pesquisa e Planejamento, São Paulo, v. 8, 1964, p. 99-197.

\_\_\_\_\_. Educação e sociedade no Brasil após 1830. In: Boris Fausto (Org.) **História geral da civilização brasileira.** 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1984, p. 383-416

BELLINI, Magda Cristina Fulan. **Aproximações sobre as origens do ensino público do município de Mairinque - SP.** Sorocaba, SP, 1999. 113 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, MARC. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRASIL. **Constituição Federal de 1967.** Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao67.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm). Acesso em 26/04/2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei Federal 4024/61**, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/108164/lei-de-diretrizes-e-base-de-1961-lei-4024-61>. Acesso em 26/04/2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei Federal 5692/71**, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases (Lei Federal 4.024/61). Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm). Acesso em 26/04/2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei Federal Nº. 9394/96**, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em 26/04/2010.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In ARAUJO e GATTI JUNIOR (orgs.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002 – (Coleção memória da educação) p. 25-38

CHOAY, Françoise. **Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2006.

CLARK, Jorge Uilson, NASCIMENTO, Manoel Nelito Matheus e SILVA, Romeu Adriano da. A administração escolar no período do governo militar (1964-1984). In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.124–139, ago. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/rev22e.htm> Acesso em 01/12/2010.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação como desafio na ordem jurídica. In: LOPES, Eliane Marta T., FARIA F., Luciano Mendes, VEIGA, Cynthia G. (Orgs.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 567 – 584.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Memórias que interrogam: formação e atuação docente. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, M. Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDUPURS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 279-296.

FERREIRA, Aloísio Nunes. **Parecer N. 250/59**. Fonte: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, Diário Oficial do Estado de São Paulo, 06 maio 1960. Disponível em [www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br). Acesso em 04 abr. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, [s/d].

FERREIRA, Jorge (org). **O populismo e sua história** – debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FIGUEIREDO, João Roberto Pinto (Pelica). **Altina Júlia de Oliveira**. Mairinque, SP. Datilografado, 1996.

\_\_\_\_\_. **No tempo dos bailinhos**. Mairinque, SP: MK Cidade, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ancoradouro de Barcos**. Mairinque, SP: MK Cidade, 2008.

GONÇALVES, Nádia Gaiofatto. A escola e o arquivo escolar: discutindo possibilidades de interlocução entre atividades de ensino, pesquisa e extensão. In: **IV Congresso Brasileiro de História da Educação - A Educação e seus Sujeitos na História**, 2006, Goiânia. Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação. Goiânia: UCG, v.1, 2006, p. 1-10. Disponível em <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-e-co-autorais-eixo07.htm>>. Acesso em 12/12/2011.

\_\_\_\_\_. **Arquivos históricos escolares: contribuições para o ensino de história e a história local**. 2007, p. 1 a 11. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo07/Nadia%20Gaiofatto%20Goncalves%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em 12/12/2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Centauro, 2004.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Cultural e Artístico. **Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIpahan>>. Acesso em 21 fev. 2012.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. 1995. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Publicação semestral da Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE janeiro/junho 2001 nº 1, p. 9 a 43. Disponível em <[http://www.sbhe.org.br/novo/index.php?arg=arg\\_publicacao&titulo=Linhas+de+Publicação&param=list%3D1&ext=php](http://www.sbhe.org.br/novo/index.php?arg=arg_publicacao&titulo=Linhas+de+Publicação&param=list%3D1&ext=php)>. Acesso em 30/08/2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão... [et. Al] – 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MAIRINQUE. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal Nº 74/61**, a “Vila Arraial dos Sapos” passa a denominar-se “Vila Sorocabana”. Disponível em: <[www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br)> Acesso em 22 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal Nº 86/62**, que autoriza o poder executivo a receber, em caráter definitivo, o serviço de água e esgoto da Estrada de Ferro Sorocabana. Disponível em: <[www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br)> Acesso em 22 maio 2011.



\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal Nº 92/62**, autoriza poder executivo a aplicar a verba orçamentária, na construção de um prédio para ginásio, em terreno do Governo Estadual, na cidade de Mairinque, de acordo com as orientações da Secretaria Estadual de Educação. Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal N. 97/62**, que dispõe sobre o “*Brasão de Armas da cidade e município de Mairinque*”. Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal N. 158/64**, que instituiu a Exposição da Produção Agrícola na cidade de Mairinque. Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal N. 166/64**, que dispõe sobre a concessão de “livros de caráter eclético a título de incentivo aos alunos concludentes dos Cursos Primário e Secundário de Escolas Públicas e Particulares do Município, classificados com a melhor nota”. Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal N. 312/68**, que autoriza a celebração de Convênio da Prefeitura Municipal de Mairinque com a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação para a construção de um prédio destinado ao funcionamento do Ginásio Estadual Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira. Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal N. 387/69**, que dispõe sobre a isenção de impostos e doação de áreas de terra às indústrias que vierem a se instalar no município de Mairinque. Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal N. 388/69**, que cria o Distrito Industrial no Município de Mairinque e estabelece limitações para construção. Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal N. 804/77**, que institui a bandeira do município de Mairinque. Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei N. 814/77**, que introduziu modificações no Brasão de Armas do Município de Mairinque. Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de Mairinque. **Lei Municipal N. 1.665/91**, que institui o “Canto à Mairinque” como hino oficial do Município de Mairinque. Disponível em: < [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22 maio 2011.

MIMESSE, Eliane. O ensino profissional obrigatório de 2º grau nas décadas de 70 e 80 e as aulas dos professores de História. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.26, p. 105–113, jun. 2007. Disponível em <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/26/art06\\_26.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/26/art06_26.pdf)>. Acesso em 30 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. A cultura escolar no período da reforma do ensino de 1º e 2º graus: os projetos educacionais dos governos paulistas. In: **Cultura Escolar e História das Práticas Pedagógicas**, Editora Universidade Tuiuti do Paraná, ed. 1, 2008. Disponível em <[http://www.utp.br/Cadernos de Pesquisa/pdfs/cad\\_pesq5/11 a cultura cp5.pdf](http://www.utp.br/Cadernos de Pesquisa/pdfs/cad_pesq5/11 a cultura cp5.pdf)>. Acesso em 30 ago. 2011.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura...[et al.], (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007. – (Coleção Memória da Educação).

NEVES, Lucília de Almeida. **Memória e história**: potencialidades da história oral. ArtCultura, Uberlândia, nº 6, 27-38, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Victor Dubrugas: Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Quota Empreendimentos Imobiliários, 2005, 144p.

SANFELICE, José Luís. História das Instituições escolares. In: NASCIMENTO, M. I. M.; SANDANO, W.; LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (orgs.). **Instituições escolares no Brasil**. Conceito e reconstrução histórica. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: Uniso; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2006, pp.75-93.

\_\_\_\_\_. História e Historiografia de Instituições Escolares. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 192-200, set.2009. Disponível em <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/35/art13\\_35.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/35/art13_35.pdf)>. Acesso em 30 ago. 2011.

SANTOS, José Francisco dos. O ambulatório era uma espécie de pronto socorro. **Jornal Cidade**, 27 out. 1990. Jornal comemorativo do centenário de fundação da Vila Mayrink.

SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo. **Decreto N. 19.890/31**, que dispõe sobre a organização do ensino secundário. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/5\\_Gov\\_Vargas/dcreto%2019.890-%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/dcreto%2019.890-%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm)>. Acesso em 25 nov. 2011

\_\_\_\_\_. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Lei N. 1/47**, que dispõe sobre a organização dos municípios. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1947/lei%20n.1,%20de%2018.09.1947.htm>. Acesso em 20/05/2012.

\_\_\_\_\_. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Lei N. 1.284/47**, que dispõe sobre nome ser atribuído a prédios, rodovias e repartições públicas estaduais. Disponível em < <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/212268/lei-1284-77-sao-paulo-sp>>. Acesso em 22 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Projeto de Lei N. 18/58**, que solicita a criação de Ginásios Estaduais. Disponível em <[www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br)>. Acesso em 04 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Projeto de Lei N. 1.545/58**, que solicita a criação de Ginásios Estaduais. Disponível em <[www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br)>. Acesso em 04 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Lei N. 5.121/58** alterada, posteriormente, pela Lei 5285, de 18/02/59. Disponível em: <[www.al.sp.gov.br](http://www.al.sp.gov.br)>. Acesso em 22 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Lei N. 5678/60**, que cria o Ginásio Estadual no Distrito de Mairinque, município de São Roque. Disponível em: <[www.al.sp.gov.br](http://www.al.sp.gov.br)>. Acesso em 22 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Governo do Estado de São Paulo. **Decreto de 16/05/1944**, que cria o Grupo Escolar Rural “Comendador Rodovalho”. Disponível em < <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/4079724/dosp-poder-executivo-05-09-1945-pg-8/pdfView>>. Acesso em 25 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Governo do Estado de São Paulo. **Decreto N. 17.518/47**, que denomina Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça”. Disponível em <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1947/decreto%20n.17.518,%20de%2028.08.1947.htm>. Acesso em 07 jul. 2010.

\_\_\_\_\_. Governo do Estado de São Paulo. **Decreto N. 41.151/62**, que cria o Grupo Escolar do Bairro Marmeleiro. Disponível em <<http://www.al.sp.gov.br/legislacao/norma.do?id=95603&ementa=S#inicio>>. Acesso em 25/03/2011.

\_\_\_\_\_. Governo do Estado de São Paulo. **Decreto N. 43.861/64**, que denomina Ginásio Estadual “Prof.<sup>a</sup> Altina Júlia de Oliveira” o Ginásio Estadual de Mairinque. Disponível em <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1964/decreto%20n.43.861,%20de%2028.09.1964.htm>>. Acesso em 20 fev. 2010.

\_\_\_\_\_. Governo do Estado de São Paulo. **Decreto N. 47.404/66**, que aprovou as Normas Regimentais dos Estabelecimentos Estaduais de Ensino Secundário e Normal. Disponível em:

<[www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1966/decreto%20n.47.404,%20de%2019.12.1966.htm](http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1966/decreto%20n.47.404,%20de%2019.12.1966.htm)>. Acesso em 12 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Governo do Estado de São Paulo. **Decreto N. 51.334/69**, que cria 166 Ginásios Estaduais. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/223720/decreto-51334-69-sao-paulo-sp>. Acesso em 12 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Governo do Estado de São Paulo. **Decreto N. 51.334/69**, que cria o Segundo Ginásio Estadual de Mairinque, no Distrito de Alumínio. Disponível em < <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/4363269/dosp-poder-executivo-27-01-1970-pg-42/pdfView>>. Acesso em 12 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Governo do Estado de São Paulo. **Decreto N. 52.401/70**, que autoriza a instalação do Curso Colegial, passando o Ginásio a denominar-se Colégio Estadual. Disponível em < <http://www.al.sp.gov.br/legislacao/norma.do?id=80639> >. Acesso em 12 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Governo do Estado de São Paulo. **Decreto N. 27.270/87**, alterado pelo Decreto Nº 54.758, de 10/09/09 e instalado conforme Resolução SE-81, de 04/11/09, cria Centro de Estudos de Línguas – CEL. Fonte: Arquivo da escola (recorte de Diário Oficial).

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. **Resolução SE 20/76**, que transforma o Colégio Estadual em Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus (EEPSG.) “Professora Altina Júlia de Oliveira”. Fonte: Arquivo da escola (recorte de Diário Oficial).

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. **Resolução S/N**, de 16/03/1979, que autoriza a instalação da Habilitação Específica de Segundo Grau para o Magistério, com aprofundamento na área da Pré-Escola. Fonte: Arquivo da escola (recorte de Diário Oficial).

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. **Resolução SE 100/98**, que dispõe sobre as escolas integrantes da Rede Pública Estadual, após a reorganização e municipalização. Fonte: Arquivo da escola (recorte de Diário Oficial).

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. Pensamento e Ação no Magistério. São Paulo: Scipione, 2004.

SENA, Paulo. A União e a aplicação dos recursos vinculados à manutenção e ao desenvolvimento do ensino. 1995. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.83, n.203/204/205, p. 7-22, jan./dez. 2002. Disponível em <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/118/120>>. Acesso em 10 ago. 2012.

SILVA, Francisco Ribeiro da. História Local: objectivos, métodos e fontes. In: **História local – Portugal**. Porto; Universidade do Porto. Faculdade de Letras. 1999, p. 382 a 395. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>>. Acesso em 02 set. 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. Demandas populares pela educação na primeira república: aspectos da modernidade brasileira. In: **Revista Educação e Filosofia**, Uberlândia, jan./dez. 1992, p. 63-70. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1136>>. Acesso em 10 ago. 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. **O povo vai à escola: a luta popular pela expansão**. Coleção Educação Popular. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

VERÇOZA, Marcondes. **Mairinque**. Campinas, 1967. Patrocínio da Prefeitura Municipal de Mairinque.

VIANNA, Letícia. Patrimônio imaterial: novas leis para preservar... O quê? In: SILVA, René Marc da Costa (Org.). **Cultura popular e educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008 p. 119-123.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F. e VALDEMARIN, Vera T. (orgs.) **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas, SP: autores Associados, 2005a, p. 3 a 30.

\_\_\_\_\_ e ABDALA, Rachel Duarte. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. In: **Educação** – Revista do Centro de Educação. 2005b. Vol. 30, N.2. Universidade de Taubaté – UNITAU. Disponível em <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a11.htm>>. Acesso em 10 jan. 2012.

## DOCUMENTOS ESCOLARES CONSULTADOS

Livro de Ata Geral de Exames de Admissão – 1962 a 1972

Livro de Atas de Resultados Finais – 1963

Livro de Atas de Reuniões de Professores – de 1963 a 1978

Livro de Atas do Conselho de Classe – 1965

Livro de Atas do Conselho de Professores – 1965

Livro de Atas do Órgão de Cooperação Escolar – 1964

Livro de Carga e Descarga de Provas – 1963 a 1968

Livro de Circulares – de 1963 a 1974 (encadernado)

Livro de Inscrição ao Concurso de Remoção de Professores – de 1965 a 1969

Livro de Inscrição de Professores – 1964

Livro de Inscrição para o Exame de Admissão – de 1963 a 1971

Livro de Matrícula da 1ª Série do Curso Ginásial– de 1963 a 1967

Livro de Matrícula da 2ª Série do Curso Ginásial– de 1963 a 1969

Livro de Matrícula da 3ª Série do Curso Ginásial– de 1963 a 1970

Livro de Matrícula da 4ª Série do Curso Ginásial – de 1964 a 1970  
 Livro de Plano Global da Escola – de 1974 a 1981 (Encadernados)  
 Livro de Portarias de Admissão – 1964  
 Livro de Registro de Empregados – de 1968 a 1969  
 Livro de Registro de Estágio Supervisionado do Magistério – 1979  
 Livro de Registro de Ocorrências Disciplinares dos Alunos – 1964  
 Livro de Relatório Mensal da Biblioteca – de 1972 a 1976  
 Livro de Termos de Visitas da Inspeção de Educação Física – de 1963 a 1969  
 Livro de Termos de Visita do Inspetor Federal – de 1962 a 1964  
 Livro Ponto Administrativo – de 1962 a 2012 (faltando alguns)  
 Livro Ponto Docente – de 1962 a 1982  
 Livro Ponto dos Professores de Religião – 1969

### OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Antonio Figueira de. **História do ensino secundário no Brasil**. Rio de Janeiro: Typografia Batista de Souza, 1936.

BUFFA, Ester. A questão das fontes de investigação em História da Educação. Campo Grande: **Série-Estudos**, nº 12, jul. dez. 2001. p. 79-86.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COUTO, Sara de Oliveira Gomes. **Escola e autoridade: uma perspectiva histórica (1960-1990)**, 2009. 138 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Disponível em <<http://www.ufes.br/ppghis/Documentos/2007/21.pdf>>. Acesso em 01 dez. 2010.

FARIA FILHO, Luciano M. (org.) **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000.

FRANZONI, Vilma; BOAVENTURA Regina Célia F., GONÇALVES, Maria Carla P. F. (org.) **Manual de normalização de apresentação de teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso – TCC da Universidade de Sorocaba**. Organização– 5. ed. – Sorocaba, SP: EdUniso, 2010. 75 p. Disponível em <http://www.uniso.br/publicacoes/manuais/doc/manual-normalizacao-2011.pdf>. Acesso em 18 nov. 2011.

GERMANO, J., W. **Estado Militar e Educação no Brasil (1964- 1985)**. São Paulo: Cortez, 1994, p.101-190.

LIMA, Lauro de Oliveira. **A escola secundária moderna**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Brasília, s.d.

LOMBARDI, José Claudinei. A importância da abordagem histórica da gestão educacional. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p. 11–19, ago. 2006 – Disponível em [www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/Especial/.../art3\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/Especial/.../art3_22e.pdf). Acesso em 10 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Historiografia educacional brasileira e os fundamentos teórico-metodológicos da História**. LOMBARDI, J.C. (org.) Pesquisa em educação : história, filosofia e temas transversais. Campinas : Autores Associados : HISTEDBR ; Caçador, SC : UnC, 1999, p. 7-32.

\_\_\_\_\_; SAVIANI, Dermeval e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). **A escola pública no Brasil: história e historiografia**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2005. - (Coleção Memória da Educação).

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cynthia P. e CATANI, Denice B. (orgs.) **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998, p.51-69.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. Cultura Popular urbana e educação: o que a escola tem a ver com isso? In: SILVA, René Marc da Costa (Org.). **Cultura popular e educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 4ª Ed, 2002.

NADAI, ELZA. **O Ginásio do Estado em São Paulo: uma preocupação republicana**. Dissertação de Mestrado na área de História Social, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1975 – datilografado.

NEVES, Margarida. História e memória. In: MATTOS, Ilmar R. (org). **Ler e Escrever para Contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **As pesquisas sobre instituições escolares: Balanço Crítico**. In: Histedbr, navegando na história. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br](http://www.histedbr.fae.unicamp.br)>. Consulta realizada em 30/03/2011.

\_\_\_\_\_. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

NUNES, Clarice. **História da educação Brasileira**: novas abordagens de velhos objetos. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 6, p. 151-182, 1992.

\_\_\_\_\_.; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. In: **CADERNOS ANPED**, n.5. Caxambu: ANPED, setembro, 1993. p. 7-64.

PEREIRA, João Batista Borges. **A escola secundária numa sociedade em mudança**. São Paulo: Pioneira, 1969.

PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Maria Emília Borges. História da Cultura Escolar através dos exames: o caso dos Exames de Admissão ao Ginásio (1939-1971). In: **Intermeio**: revista do Mestrado em Educação, Campo Grande, MS, v. 8, n. 16, p. 4-15, 2002.

RENNÓ, Cláudia Martins Ribeiro. **Produção de corpos dóceis**: uma análise das práticas de disciplinamento e vigilância na escola. Sorocaba, SP, 2009. 117 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

SAVIANI, D. Instituições Escolares no Brasil. Conceito e Reconstrução Histórica. In: NASCIMENTO, M.I.M. et. al. (Orgs). **Instituições Escolares no Brasil**. Conceito e Reconstrução Histórica. Campinas Autores Associados: HISTEDBR, Capítulo Um. 2007. p. 3-27.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e Educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis. Instituição Escolar e Educação Escolar: implicações teóricas. **QUAESTIO** – Revista de Estudos em Educação, Sorocaba, SP, v.9, n.2, p. 11-26, novembro 2007.

SOUZA, R. F. de e VALDEMARIN, V. T. (orgs.). **A Cultura Escolar em Debate**: questões conceituais, metodológicos e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. **A fotografia como fonte para a historiografia educacional sobre o século XIX**: uma primeira aproximação. In: FARIA FILHO, L. M. de (Org.) Educação, modernidade e civilização. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 73-89.

\_\_\_\_\_. **Culturas escolares**. Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas, Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **Fontes visuais na História**: significar uma peça. Varia História, Belo Horizonte, n.13, 1994, p. 128-131.



## DEPOIMENTOS COLETADOS

### **Ex-alunos**

Antonio Roque dos Santos  
Domingos César Amaral  
Eliana Luvizotto Medina  
Enrico Lippi Ortolani  
Eunice Luvizotto Medina Pissolato  
Francisco de Assis Martins Arruda  
João Roberto Pinto Figueiredo  
Luzia Celeste Chesine Monfrinato  
Márcio Gilberto Fabri Garcia  
Oscar Angelini  
Regina Capitão Frare  
Rita de Cássia Merguizo Ribeiro  
Sérgio Primo Moreschi

### **Ex-funcionários**

Álvaro das Chagas Júnior  
Cleuza Barbosa Carneiro  
Therezinha Pereira Sodré

### **Ex-professora**

Helena Natale Ciochetti

### **Atuais funcionários**

Antonio Roque dos Santos  
Aparecida Eduardo da Silva  
Dória Lopes Monteiro  
Luciene Teixeira Carvalho Gramático  
Rosemeire Rodrigues Neves Pinto

### **Comunidade**

Désa Lippi Ortolani

## ANEXO A

### LISTA DE ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MAIRINQUE

#### I - ESCOLAS ESTADUAIS

**1- EE. "Estação Dona Catarina"**

Modalidade: Ensino Médio Regular e EJA  
Rodovia Castelo Branco, km. 68 - Dona Catarina  
Fone: 4246-2962 / 4246-2963

**2- EE. "Prof. José Pinto do Amaral"**

Modalidade: Ensino Médio Regular e EJA  
Rua Preciosa da Purificação Ramos, 300 - Vila Barreto  
Fone: 4708-4464 / 4708-3849

**3- EE. "Profª. Altina Júlia de Oliveira"**

Modalidade: Ensino Médio Regular e EJA  
Av. Lamartine Navarro, 556 - Centro  
Fone: 4718-4528 / 4708-4147

**4- EE. "Profª. Maria de Oliveira Lellis Ito"**

Modalidade: Ensino Médio Regular e EJA  
Av. Dr. José Maria Whitacker, 815 - Jardim Cruzeiro  
Fone: 4708-2753 / 4708-3852

#### II - ESCOLAS MUNICIPAIS

**1- EM. "Maria Haak Pereira"**

Modalidade: Creche  
Avenida Alberto Cocozza, 705 - Goianã  
Fone: 4246-1391

**2- EM. "Benedita Bretas Cruz"**

Modalidade: Educação Infantil  
Avenida Mitsuke, 959 - Jardim Cruzeiro  
Fone: 4718-6118

**3- EM. "Olga Barbieri"**

Modalidade: Educação Infantil e Creche  
Rua Felipe dos Santos, 110 - Nova Mairinque  
Fone: 4718-6116

**4- EM. "Eva Xavier de Oliveira"**

Modalidade: Creche  
Avenida Mitsuke, 950 - Jardim Cruzeiro  
Fone: 4708-7660

**5- EM. "Jovelino dos Santos"**

Modalidade: Educação Infantil  
Rua Jonas Zabrockis, 440 - Vila Sorocabana

Fone: 4718-4599

**6- EM. "Cesira Maria José Antunes Siedler"**

Modalidade: Educação Infantil

Fone: 4718-6125

Rua Adélia, 30 - Nova Mairinque

**7- EM. "Thereza Cristina Whitaker Ribeiro de Lima"**

Modalidade: Educação Infantil

Av. Dr. José Maria Whitaker, 471 - Jardim Cruzeiro

Fone: 4718-4400

**8- EM. "Dona Ida Ponsoni Zaparolli"**

Modalidade: Educação Infantil

Rua Germano da Cruz, 86 - Três Lagoinhas

Fone: 4718-5035

**9- EM. "Rosa Bassi Dias"**

Modalidade: Educação Infantil

Rua Iusif Simão Miguel, s/n.º - Jardim Brasília

Fone: 4718-6127

**10- EM. "Profª Malviane de Cássia Aguiar"**

Modalidade: Educação Infantil

Rua Um, 808 - Jardim Flora

Fone: 4718-6112

**11- EM. "EM DENISE GAMA GRANITO"**

Modalidade: Educação Infantil

Rua Durval Luiz de Oliveira, 1001 - Terras de São José

Fone: 4718-6120

**12- EM. "Jardim Vitória"**

Modalidade: Educação Infantil

Rua Mário dos Santos Bernardo, s/nº. - Jardim Vitória

Fone: 4708-7273 / 4708-0399

**13- E.M. "Profª. Patrícia Pezzota"**

Modalidade: Educação Infantil

Rodovia Castelo Branco, km. 68 - Dona Catarina

Fone: 4246-3101 / 4246-2300

**14- EM. "Bairro Capuava"**

Modalidade: Educação Infantil e Ensino Fundamental Ciclos I e II

Estrada Municipal de Mairinque, s/n.º - Capuava

Fone: 4708-9758 / 4246-3101 (recados Sarah Mazzeo)

**15- EM. "Bairro Cristal"**

Modalidade: Educação Infantil e Ensino Fundamental Ciclos I e II

Estrada Municipal de Mairinque, s/n.º - Cristal

Fone: 4708-9850 / 4708-0091 / 4708-0084

**16- EM. "Bairro Mato Dentro"**

Modalidade: Educação Infantil e Ensino Fundamental Ciclos I e II

Estrada Municipal Mato Dentro, s/n.º - Mato Dentro

Fone: 4246-3101 (recados escola Sarah Mazzeo)

**17- E.M. "Modesta Jianelli Russo"**

Modalidade: Creche

Rua F, 100 - Recanto dos Eucaliptos

Fone: 4718-4402

**18- EM. "Prof. Márcio de Camargo"**

Modalidade: Educação Infantil e Ensino Fundamental Ciclos I e II

Rua F, 100 - Recanto dos Eucaliptos

Fone: 4708-7090

**19- EM. "Umberto Sperandio"**

Modalidade: Educação Infantil e Ensino Fundamental Ciclos I e II

Rua João Bueno, 61 - Vila Barreto

Fone: 4718-6773

**20- EM. "Jardim Granada"**

Modalidade: Educação Infantil e Ensino Fundamental Ciclos I e II

Rua Américo Pereira, s/n.º - Jardim Granada

Fone: 4718-6123

**21- EM. "Profª. Neuza Maria Bertoncello"**

Modalidade: Educação Infantil, Ensino Fundamental Ciclos I a IV e EJA Ciclos I a IV

Estrada Municipal de Mairinque, 238/94 - Moreiras

Fone: 4708-8102 / 4708-8079 / 4708-9657

**22- EM. "Felipe Lutfalla"**

Modalidade: Educação Infantil e Ensino Fundamental Ciclos I, II, III e IV

Rua Álvares de Azevedo, 801 - Porta do Sol

Fone: 4708-1556 / 4708-0041

**23- EM. "Gabriel Rocha"**

Modalidade: Educação Infantil e Ensino Fundamental Ciclos I, II, III e IV

Rua Olavo Bilac, 15 - Sebandilha

Fone: 4708-2188

**24- EM. "Prof. Manoel Martins Villaça"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos I e II e EJA Ciclos I e II

Av. Dr. Gaspar Ricardo Júnior, 172 - Centro

Fone: 4708-2613 / 4718-4914

**25- EM. "Profª. Laraine de Cássia Aguiar Rodrigues"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos I e II

Av. das Flores, 100. - Jardim Reneeville

Fone: 4718-6126

**26- EM. "Profª. Dirce Manis Rodrigues"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos I e II

Rua João Assis de Castro, 648 - Jardim Vitória

Fone: 4718-6119

**27- EM. "Profª. Benedita Camargo Valêncio"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos I, II, III e IV

Rua Manoel Francisco de Campos, 431 - Granada

Fone: 4708-2375 / 4708-4008 / 4718-0321

**28- EM. "Profª. Emília Miranda Borges Pereira"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos III e IV

Av. Horácio Manley Lane, s/n Granada

Fone: 4718-2521 / 4718-0207 / 4708-3849 José Pinto

**29- EM. "Prof. Horácio Ribeiro"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos I, II, III e IV

Av. Brasil / Japão, 2500 - Setúbal

Fone: 4708-4038 / 4708-3855 / 4718-0406

**30- EM. "Profª. Maria Helena Chesine"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos I, II, III e IV

Rua Um, s/n.º - Jardim Flora

Fone: 4708-3656 / 4708-4129

**31- EM. "Profª. Maria Ignês Blanco Abreu"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos I, II, III e IV

Rua Prudente de Moraes, 100 - Nova Mairinque

Fone: 4708-2765 / 4708-3647

**32- EM. "Profª. Thereza Caramante Chesine"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos I, II, III e IV

Rua Bráulio de Vasconcelos Menezes, 309 - Marmeleiro

Fone: 4708-4526 / 4718-0400

**33- EM. "Profª Sarah Mazzeo Alves"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos I, II, III e IV e EJA Ciclos I, II, III e IV

Rodovia Castelo Branco, km. 68 - Dona Catarina

Fone: 4246-3101/ 4246-2300

**34- EM. "Profª. Maria Lúcia de Almeida Lucca Bittencourt"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos III e IV

Rua Orion Viaro, 513 - Jardim Vitória

Fone: 4708-4070 / 4708-3477

**35- EM. "Prof. Educador Paulo Freire"**

Modalidade: Ensino Fundamental Ciclos III e IV e EJA Ciclo III e IV

Av. Mitsuke, 989 - Jardim Cruzeiro

Fone: 4718-2395 / 4718-6763

### **III- ESCOLAS PARTICULARES**

**1- Colégio Aliança**

Modalidade: Fundamental e Infantil

Rua Cásper Líbero, 112 - Centro (Fundamental)

Fone: 4718-4702

Av. Dr. José Maria Whitacker, 329 - J. Cruzeiro (Ed. Infantil)

Fone: 4718-2944

**2- Colégio Objetivo**

Modalidade: Infantil e Fundamental

Rua José Alves Ferreira Filho, 59 - Residencial Parque Cristiane  
Fone: 4718-1051

#### **IV – ESCOLAS TÉCNICAS**

**1- SENAI - Centro de Treinamento**

Av. Dr. José Maria Whitacker, 735 - Jardim Cruzeiro  
Fone: 4708-2197

**2- ETEC de Mairinque – Centro Paula Souza -**

Rua: Antonio Alves de Souza, S/N – Centro  
Fone: 4718-0255

(Fonte: <<http://www.mairinque.sp.gov.br>>. Acesso em 23/07/2011).

## ANEXO B

### LEI N. 5.121 de 31/12/1958 - CRIAÇÃO DA CIDADE DE MAIRINQUE

LEI N. 5.121, DE 31 DE DEZEMBRO DE 1958

*Dispõe sobre o Quadro Territorial, Administrativo e Judiciário do Estado, para o quinquênio de 1959-1963 e dá outras providências.*

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

**Artigo 1.º** - O Quadro Territorial, Administrativo e Judiciário do Estado, para o quinquênio 1959-1963, é o estabelecimento nesta lei.

**Artigo 7.º** - As primeiras eleições para Prefeito Vice-Prefeito e Vereadores dos municípios criados pela presente lei realizar-se-ão concomitantemente com as primeiras eleições municipais que se seguirem e a posse se dará no dia 1.º de janeiro do ano imediato, data em que se realizará a instalação dos novos municípios.

**Parágrafo único** - Os novos municípios serão administrados, até a sua instalação, pelos prefeitos dos municípios de que foram desmembrados.

**Artigo 8.º** - A legislação dos municípios de que se desmembraram vigorará nos novos municípios, até que estes tenham legislação própria.

**Parágrafo único** - Compreende-se no disposto neste artigo a lei orçamentária na parte correspondente ao distrito ou distritos de que se tenha constituído novo município, a qual ficará prorrogada para o exercício de 1960.

**Artigo 9.º** - Instalado o município, deverá o Prefeito no prazo de 30 dias remeter à Câmara o Projeto de lei dispondo sobre a organização do quadro dos funcionários municipais.

**Artigo 10** - Até que seja votado o seu regimento interno, a Câmara do novo município aplicará no que for cabível, o da Câmara do município de que for desmembrado.

**Artigo 14** - Aplicado o critério estabelecido pelo art. 2.º e seu parágrafo único da Lei n. 1.174, de 21 de agosto de 1951, o número de vereadores dos municípios criados por esta lei, é fixado, para a primeira legislatura, da seguinte forma:

a) - 23 (vinte e três) para Osasco

b) - 11 (onze) para Inúbia Paulista, Itapevi, Mairinque Nova Odessa e Santa Albertina.

**Artigo 39** - Esta lei entrará em vigor a 1.º de Janeiro de 1959, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 31 de dezembro de 1958.

JÂNIO QUADROS  
Oscar Pedroso Horta

Publicada na Diretoria Geral da Secretaria do Estado dos Negócios do Governo, aos 31 de dezembro de 1958.

Altino Santarem - Diretor Geral, Substituto.

ANEXO N. 1

QUADRO GERAL DA DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO EM COMARCAS  
MUNICÍPIOS E DISTRITOS

455 – Município de Mairinque

MUNICÍPIO DE MAIRINQUE (Criado em 1958)

a) DIVISAS MUNICIPAIS 1 – Com o Município de Itu Começa na foz do córrego Mato Dentro no rio Pirajibu; segue pelo contraforte fronteiro até o espigão entre as águas do córrego Mato Dentro e ribeirão dos Cristais, a direita, e as dos ribeirões Varejão e do Monjolinho, a esquerda, prossegue por este espigão até a cbaeceira mais ocidental do ribeirão Putribu de Cima, pelo qual desce até a ponte da estrada, que da cidade de São Roque vai ao morro do Putribu. 2 – Com o Município de São Roque Começa na ponte da estrada que da cidade de São Roque vai ao morro do Putribu, no ribeirão Putribu de Cima; segue pelo contraforte fronteiro até o divisor

Putribu de Cima-Saboó; prossegue por este divisor em demanda da foz do córrego dos Moreiras, que nasce junto a estação do mesmo nome, da Estrada de Ferro Sorocabana, no ribeirão Saboó, daí, prossegue pelo contraforte fronteiro até o divisor entre o córrego dos Moreiras, a direita, e o ribeirão Saboó, a esquerda; segue por este divisor até cruzar com o contraforte da margem esquerda do córrego do Goes; continua por esse contraforte em demanda da foz do córrego de Pedro Nunes até sua cabeceira; segue pelo contraforte Cuiabá-Putribu até o divisor Cuiabá-Marmeleiros; prossegue por este divisor em demanda da foz do córrego do Pires, no ribeirão Marmeleiros; sobe pelo córrego do Pires até sua cabeceira; daí segue pelo espigão Putribu-Sorocaba, até o contraforte entre o ribeirão do Cocosa, a direita, e o ribeirão Ponte Lavrada, a esquerda; prossegue por este contraforte em demanda da foz do ribeirão Ponte Lavrada, no rio Sorocá-Mirim. 3 – Com o Município de Ibiúna Começa na foz do ribeirão Ponte Lavrada, no rio Sorocá-Mirim; segue pelo contraforte fronteiro em demanda da cabeceira do córrego da Represa ou Dois Córregos, pelo qual desce até sua foz na represa do rio Sorocaba; desce por esta até a foz do córrego Garafá. 4 – Com o Município de Sorocaba Começa na represa do rio Sorocaba, na foz do córrego Garafá, pelo qual sobe até sua cabeceira, no divisor Sorocaba-Pirajibu-Mirim; alcança na contravertente a cabeceira do ribeirão Pirajibu-Mirim, pelo qual desce até a foz do córrego Mato Dentro, onde tiveram início estas divisas.

(Fonte: [www.al.sp.gov.br](http://www.al.sp.gov.br) – Acesso em 22/04/2011)



## ANEXO C

### LEI Nº 5.285, DE 18/02/1959, QUE ALTEROU A LEI DE CRIAÇÃO DE MAIRINQUE

Dispõe sobre o Quadro Territorial, Administrativo e Judiciário do Estado, para o quinquênio 1959-1963 e dá outras providências

Francisco Franco, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, tendo em vista a rejeição do veto parcial aposto pelo Governador do Estado ao Projeto de Lei nº 2.052, de 1958, de que resultou a Lei nº 5.121, de 31 de dezembro de 1958, promulga, com fundamento no artigo 25, parágrafo único da Constituição do Estado e de acordo com o artigo 243, § 2.º, do Regimento Interno, a seguinte lei:

**Artigo 1.º** - O Quadro Territorial, Administrativo e Judiciário do Estado, para o quinquênio 1959-1963, é o estabelecido nesta lei.

**Artigo 3.º** - O Quadro Territorial, Administrativo e Judiciário do Estado compreende 195 comarcas, 505 municípios e 841 distritos, conforme os anexos nºs 1 e 2, que ficam fazendo parte integrante desta lei.

**Artigo 7.º** - As primeiras eleições para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores dos municípios criados pela presente lei, realizar-se-ão concomitantemente com as primeiras eleições municipais que se seguirem e a posse se dará no dia 1.º de janeiro do ano imediato, data em que se realizará a instalação dos novos municípios.

Parágrafo único - Os novos municípios serão administrados, até sua instalação, pelos prefeitos dos municípios de que foram desmembrados.

**Artigo 8.º** - A legislação dos municípios de que se desmembraram vigorará nos novos municípios, até que estes tenham legislação própria.

Parágrafo único - Compreende-se no disposto neste artigo a lei orçamentária na parte correspondente ao distrito ou distritos de que se tenha constituído novo município, a qual ficará prorrogada para o exercício de 1960.

**Artigo 9.º** - Instalado o município, deverá o Prefeito, no prazo de 30 dias, remeter à Câmara o Projeto de lei dispondo sobre a organização do quadro dos funcionários municipais.

**Artigo 14** - Aplicado o critério estabelecido pelo artigo 2.º e seu parágrafo único da Lei nº 1.174, de 21 de agosto de 1951, o número de vereadores dos municípios criados por esta lei, é fixado, para a primeira legislatura, da seguinte forma:

a) 23 (vinte e três) para Osasco b) 11 (onze) para Inúbia Paulista, Itapevi, Mairinque, Nova Odessa e Santa Albertina.

**Artigo 39** - Esta lei entrará em vigor a 1.º de janeiro de 1959, revogadas as disposições em contrário.

Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 18 de fevereiro de 1959. a) Francisco Franco, Presidente.

Publicado na Secretaria da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 18 de fevereiro de 1959. a) Francisco Carlos, Diretor Geral - Substituto.

## ANEXO D

### BRASÃO DE ARMAS DO MUNICÍPIO

#### Lei nº 814/1977

"Introduz modificações no Brasão de Armas do Município de Mairinque e dá outras providências":

Antonio Alexandre Gemente, Prefeito Municipal de Mairinque (SP), usando das atribuições legais que lhe são conferidas, faz saber que a Câmara Municipal decreta e ele promulga a seguinte Lei:

Artigo 1 – O Brasão de Armas do Município de Mairinque passa a ter as seguintes características na sua composição: Escudo redondo, cortado e partido, tendo no primeiro campo, de ouro, o perfil do edifício de uma indústria na cor prata; no segundo campo, de blau, uma roda dentada de ouro; no terceiro campo, do mesmo metal que o segundo, uma locomotiva de ouro. À destra, um ramo de carvalho na sua cor. Num listel de blau, em letras de ouro, a legenda latina "ITINERE MEO LUX REFULGET" (No meu caminho resplandece a luz). Por timbre, uma coroa de prata, com oito torres, por ser característico de Município.

Artigo 2 – Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário e, em especial o artigo 1º da Lei Municipal nº803/77, de 17/10/77.

Prefeitura Municipal de Mairinque, 08 de dezembro de 1977.

Antonio Alexandre Gemente - Prefeito

Juracy Lopes Câmara - Chefe de Serviços de Finanças

Luiz Carlos Sodré - Chefe de Serviço de Administração

Registrado e Publicado na Secretaria da Prefeitura em 08/12/1977

Neuza Natali de Almeida – Secretária

**Figura 02** Brasão de Armas do Município de Mairinque



Observação: O primeiro Brasão de Armas do Município de Mairinque foi criado através da Lei Municipal nº 97/62, de 11/08/62. (Fonte: [www.camaramunicipaldemairinque.com.br](http://www.camaramunicipaldemairinque.com.br) > Acesso em 22/05/2011)

## ANEXO E

### BANDEIRA DO MUNICÍPIO

#### Lei nº 804/1977

"Institui a bandeira do município de Mairinque e dá outras providências"

Antonio Alexandre Gemente, Prefeito Municipal de Mairinque (SP), usando das atribuições legais que lhe são conferidas, faz saber que a Câmara Municipal decreta e ele promulga a seguinte Lei:

Artigo 1 - Fica instituída a Bandeira do Município de Mairinque, que terá as seguintes características, conforme modelo anexo que, devidamente rubricado pelo Prefeito e pelo Presidente da Câmara, fica fazendo parte integrante desta Lei: Bandeira na medida oficial de 1,95m por 1,35m, apresentando seu campo em três partes ou palas iguais, sendo na primeira, junto à driça verde, que simboliza a esperança, a alegria, o entusiasmo, a riqueza e a liberdade; no centro, sobre o campo branco que evoca a vitória, a pureza do ideal o brasão de armas do Município de Mairinque, nas suas cores ou esmaltes; no terceiro campo, de azul, simboliza a lealdade, saber, majestade, prudência e serenidade.

Artigo 2 – Para ocorrer às despesas com a confecção da Bandeira a que se refere o artigo anterior, fica o Executivo Municipal autorizado a abrir um Crédito Adicional Especial no valor de Cr.500,00 (sete mil e quinhentos cruzeiros).

Artigo 3 – O Crédito autorizado no artigo anterior será coberto com os recursos provenientes do excesso de arrecadação apurado tecnicamente no presente exercício.

Artigo 4 – Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Mairinque, 17 de outubro de 1977.

Antonio Alexandre Gemente - Prefeito

Juracy Lopes Câmara - Chefe de Serviços de Finanças

Luiz Carlos Sodré - Chefe de Serviço de Administração

Registrado e Publicado na Secretaria da Prefeitura em 17/11/1977

Neuza Natali de Almeida - Secretária

**Figura 03** Bandeira do Município de Mairinque



## ANEXO F

### CANTO À MAIRINQUE

Em 1991, através da Lei Municipal 1.665, de 10 de dezembro, promulgada pelo presidente da Câmara Municipal, Paulo Assini Júnior, a composição “Canto à Mairinque”, com música composta pelo maestro Benedito de Camargo e letra do professor José Pinto do Amaral, foi instituída como Hino Oficial da Cidade de Mairinque,

O progresso conduzindo  
para as bandas do ocidente,  
trilhos férreos que se estendem  
lançam aqui sua semente.

Onde outrora foi Cangüera  
do tupi o nome primeiro,  
hoje ostenta em homenagem  
O que lembra o conselheiro.

Das terras do Manduzinho  
eis o mais belo recanto,  
um prêmio da natureza  
a irradiar o seu encanto.

Ao nascer co’a ferrovia  
herda força e diligência,  
e no ardor da evolução  
jovem ganha a independência.

A cidade, inda menina,  
neste outeiro cresce, avança,  
e o verde cinto que a envolve  
resoluta breve alcança.

Oh cenário Mairinquense!  
Pitresco e invulgar;  
de paisagem mui singela  
lindo cromo está a lembrar.

É Mairinque destacada,  
por seu clima, por sua gente,  
esta terra acolhedora,  
onde tão feliz se sente.

Solo rico e produtivo,  
com razão seu povo canta,  
frutos vários e deliciosos,  
tudo dá que aqui se planta.

Colinas tão verdejantes,  
Oh, que ar puro e saudável!  
Molduras de eucaliptos  
a difundir aroma afável.

Um rincão privilegiado  
dá a seus filhos ufanía  
e os que buscam seus domínios  
rogam-lhe a cidadania;

ao citá-lo, assim em versos,  
tão modestos, quão sinceros,  
ponho aqui minha amizade  
ao local que tanto quero,

que se orgulha de seu povo  
de conduta modelar,  
e que tem como divisa  
o trabalho, a fé e o lar.

## ANEXO G

## LEI DE CRIAÇÃO DO GINÁSIO DE MAIRINQUE

| <u>Lei nº 5.678, de 18/05/1960</u><br><u>CRIA GINÁSIO NO DISTRITO DE MAIRINQUE, MUNICÍPIO DE SÃO ROQUE.</u> |                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Data                                                                                                        | Descrição                                                                                                                                                     |
| 07/01/1958                                                                                                  | Apresentado - D.A. 07/01/58.                                                                                                                                  |
| 14/01/1958                                                                                                  | Emenda nº 1 (RG 12/58 Martinho Di Cícero)                                                                                                                     |
| 26/05/1958                                                                                                  | Parecer favorável 605/58 da C.C.J.                                                                                                                            |
| 21/10/1958                                                                                                  | 1ª discussão foi aprovada com emenda ( Restaurado).                                                                                                           |
| 06/05/1959                                                                                                  | Pareceres favoráveis 250/59 do Relator Especial Deputado Nunes Ferreira da C.C.J. e 251/59 do Relator Especial Deputado Hilário Tortolini da C.F. com emenda. |
| 21/03/1960                                                                                                  | Aprovado em 2ª discussão e rejeitada a emenda.                                                                                                                |
| 31/03/1960                                                                                                  | Parecer 73/60 da C.R.                                                                                                                                         |
| 06/04/1960                                                                                                  | Juntado a este o P.L. 1545/58.                                                                                                                                |
| 20/04/1960                                                                                                  | Autógrafo nº 6.073.                                                                                                                                           |
| 27/04/1960                                                                                                  | Veto Total.                                                                                                                                                   |
| 18/05/1960                                                                                                  | Lei nº 5678 . - D.O. 19/05/60.                                                                                                                                |
| 20/05/1960                                                                                                  | Arquivado.                                                                                                                                                    |

No Legislativo 18 / 1958

Ementa Cria um ginásio no distrito de Mairinque, Município de São Roque.

Regime Tramitação Ordinária

Indexação Documento não Indexado.

Autor(es) Francisco Scalamandrê Sobrinho

Apoiador(es)

Situação Atual Último andamento 20/05/1960  
Arquivado.

**Pareceres**

(sem pareceres)

**Documentos Acessórios**

(sem registros)

(Fonte:< [www.al.sp.gov.br](http://www.al.sp.gov.br)> – Acesso em 22/04/2011)

## ANEXO H

### BIOGRAFIA DA PROFESSORA ALTINA JÚLIA DE OLIVEIRA

Preparada por sua filha Dra. Livia de Oliveira - Professora Titular - UNESP – Rio Claro

Altina Júlia de Oliveira nasceu no dia 9 de julho de 1890, na fazenda do Alto, perto da cidade de Cotia. Era filha de Francisco de Assis Oliveira Pinto e Bibiana Gonçalves de Oliveira.

Altina foi batizada na igreja matriz de Cotia, por Maximiliano Pinto e Nossa Senhora de Montserrat, sendo representada por Maria das Dores Oliveira Pinto, irmã de seu pai.

A infância de Altina transcorreu na fazenda do Alto, (hoje às margens da via Raposo Tavares, na altura do quilômetro quarenta) junto aos seus avós e tios paternos.

Antes de terminar o século, Altina está vivendo em Itu e frequentando a escola pública. Sua família vendera a propriedade de Cotia e comprara uma fazenda em Cabreúva, para se dedicar à cultura do café. Com a morte de seus avós, a família se separa. Seus pais (Nhô Chico e Nhá Bi) com suas economias, adquiridas no trabalho da terra, partem para novas paragens em busca de novas oportunidades.

Ao iniciar o século XX, o casal Francisco de Assis e Bibiana com os filhos João Gualberto, Leonoro e Accílio chegam na estação de Canguera, da Estrada de Ferro Sorocabana. Nessa localidade compram vários lotes de terrenos e constituem assim, com outras famílias, os primeiros moradores da nascente da cidade de Mairinque. No ano de 1902, já na nova terra, nasce Sylvio, o irmão caçula de Altina.

Em 1904, Altina segue para São Paulo com seus tios paternos: Joaquim, Nhonhô, Aninhas e Fortunata e sua prima Judith. Na capital inicia os estudos preparatórios para prestar exame para ingressar na Escola Normal da Praça da República.

De 1905 até 1909, Altina frequenta as aulas da renomada Escola Normal, que ministrava, na época, um ensino em nível superior. O currículo do estabelecimento incluía entre outras disciplinas: línguas portuguesa e francesa, trabalhos manuais, literatura, matemática, geografia, história. Altina, ao se diplomar como professora primária possui um conhecimento de francês que lhe permite comunicar-se fluentemente nessa língua; sua habilidade em trabalhos manuais incluía crochê, macramê, filê, bordados de vários tipos, trabalhos em madeira, pinturas, cartonagens, etc.; suas leituras literárias não se resumiam a obras de autores brasileiros e portugueses, mas também, de franceses, que foram lidos no original.

Em abril de 1910, Altina Júlia de Oliveira inicia a sua carreira no magistério público nas Primeiras Escolas Reunidas, do Distrito de Mairinque, município de São Roque. Carreira esta, que vai se prolongar por trinta e três trabalhosos anos de ensino e dedicação, até 1944.

Altina como professora passa a ensinar o primeiro ano, desenvolvendo atividades do processo de alfabetização que lhes permite ensinar as primeiras letras e os primeiros números com grande eficácia. Nessas três décadas, a mestre dedicada, chega a alfabetizar duas gerações de moradores de Mairinque. Porém, o trabalho da professora não se restringia ao ensinamento com lápis e papel, pois incluíam também: os trabalhos manuais com agulha, serrinhas, pincéis; os princípios higiênicos (limpeza de cabeça e orelhas, corte de unhas) e ainda as primeiras noções de religião (catecismo e história sagrada).

Em 22 de dezembro de 1917, Altina contraiu matrimônio com Joaquim de Almeida Oliveira. Seu marido é nascido em Cotia, em 8 de setembro de 1880 e também é afilhado de Nossa Senhora de Montserrat.

Em Mairinque, nasceu Cid, o primeiro filho de Altina e Jota, que morre algumas horas após o nascimento. Os outros cinco filhos nascidos do casal sobrevivem e são eles: Laís, Laércio, Liseika, Livia e Laerte. Todos cresceram e fizeram o curso primário no Grupo Escolar de Mairinque e portanto foram alfabetizados por dona Altina. Todos aprenderam de sua mãe e de sua avó Bibiana a respeitar e amar a terra em que nasceram.

No ano de 1947, dona Altina perde sua mãe e seu marido, com poucos dias de intervalo. O falecimento de seus entes tão queridos a abalaram profundamente. Sua mãe é enterrada em São Paulo no cemitério de Araça, onde já estavam os restos mortais de seu pai. Já seu marido, fica em Mairinque, onde vivera e trabalhara durante tantos anos.

Em 1949, a professora Altina muda-se para São Paulo para morar com seus filhos Lívia e Laerte ainda solteiros. Laís casara-se com Horácio Gomes da Silva e lhe dá os seguintes netos: Horilís, Horivaldo, Horilei, Horilene, Horiléa e Horicéa. Liseika casou-se com José Rodrigues e teve os filhos: José Carlos, Luiz Antônio, Altina Maria, Joaquim Francisco, Maria Lúcia e Rosa Maria. Laércio casou-se com Nadir Moraes Oliveira, que teve os filhos: Maria Francisca, Antônio Carlos e Carlos Eduardo. Laerte vem a casar-se com Jaty do Carmo Ramos Oliveira e tem um filho chamado David. Ao todo são dezesseis netos de Altina e Joaquim.

De seus filhos foram Laís e Lívia que ingressaram no magistério. Laís se dedicou ao ensino primário, trabalhando trinta anos com crianças. Lívia iniciou sua carreira de professora ensinando Geografia em nível secundário e atualmente desempenha funções docentes e de pesquisa em nível universitário.

Em 1955, dona Altina vai viver em Santos, com o filho Laércio e sua família, até 1961, quando vem a falecer.

Nesses seis anos que a professora Altina morou em Santos teve o prazer, de novamente alfabetizar três crianças – seus netos Maria Francisca, Antônio Carlos e Carlos Eduardo. Foram anos tranquilos, em que pode desfrutar das funções de avó, mãe e sogra, apesar do agravamento contínuo de sua doença (coração e câncer do pâncreas).

Nos catorze anos que Altina sobreviveu ao seu amado esposo sempre manifestou o desejo de ser enterrada junto a ele, no cemitério de Mairinque. Assim, após a sua morte no dia 31 de maio de 1961, em Santos, o corpo de Altina foi trasladado até Mairinque, onde foi velado em câmara ardente no Paço Municipal, por toda a população da cidade. O prefeito municipal decretou luto oficial e o povo de Mairinque, principalmente as crianças do Grupo Escolar prestaram homenagens àquela professora que deu seu trabalho, sua dedicação, seu amor à terra que adotou como sua. Sim, Altina se sentia e se comportava como mairinquense aonde quer que se encontrasse e junto com quem estivesse. O amor que sentia por Mairinque se revelava em seus gestos e suas ações. Não gostava de perder as festas de São José, de participar da novena, de assistir as procissões. Sempre que podia passava o mês de maio em Mairinque, em casa de sua filha Laís, para rezar o terço diário em honra de Maria. Visitava os seus ex-alunos, tomava lanches em casa de uns, almoçava com outros, lembrando sempre com carinho as façanhas deles nos bancos escolares. Recebia, também, muitas visitas, muitos presentes, muitas flores, que guardava em seu coração e que a ajudava a viver.

Dentre as homenagens que a professora Altina Júlia de Oliveira recebeu ainda em vida e que a reflete a mais profunda gratidão de seus alunos foi a atribuição de seu nome ao antigo Ginásio Estadual, hoje Escola Estadual de I e II Graus de Mairinque “Professora Altina Júlia de Oliveira”.

Eis a biografia de uma mulher extraordinária, que soube claramente o que queria e o que podia esperar da vida. Mulher que estudou, aprendeu uma profissão e se dedicou ao seu mistér. Mulher que foi filha dedicada, esposa amantíssima, mãe querida e avó carinhosa. Mulher que honrou a cidade em que viveu, amou e está enterrada. Mulher que marcou a sua presença na vida como a violeta, exalando uma fragrância que até hoje perfuma a vida de todos aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-la, de ser seus alunos e de compartilhar de sua amizade.

Rio Claro, agosto de 1979.  
Lívia de Oliveira.

## APÊNDICE A

### ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE MAIRINQUE

Mairinque dos ferroviários, dos sofridos operários, vindos de paragens mil!  
Do Edifício da Estação, a primeira construção de concreto do Brasil!  
(Marcondes Verçoza)

Em 1906, Victor Dubugras<sup>40</sup> fez o projeto da Estação Ferroviária da cidade.

Ramón Gutierrez, arquiteto argentino, autor de vários livros sobre a História da Arquitetura e do Urbanismo na América Latina, reconhece a Estação Ferroviária de Mayrink como uma das primeiras obras protomodernas no cenário latino-americano. A classificação (protomoderna), que é aplicada pelos arquitetos a casos semelhantes, indica que a obra já apresentava características modernas, mas não todas elas. Correspondente a uma fase de transição, de formação de um novo movimento. De fato, a estação de Mayrink foi o primeiro edifício construído inteiramente em cimento e ferro e já apresentava características estruturais e de linguagem arquitetônica que seriam depois as marcas do Movimento Moderno. Sendo um precedente tão importante, a obra certamente interessa aos vários países latino-americanos. (REIS, 2005, p. 13)

Para os moradores da cidade, a obra parecia uma mesa “*virada de ponta cabeça*”, ou seja, com as quatro pernas para o ar.

A estação, tida como a primeira obra em concreto armado no Brasil, foi tombada pelo **CONDEPHAAT** – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo, por Resolução 46, de 28/10/1986, publicada no Diário Oficial de 28/10/1986, Seção I do Poder Executivo, página 19.

Sua inscrição no Livro de Tombo Histórico do Condephaat está sob o número 257, na página 68, datada de 23/01/1987, constando do registro:

“A autorização para a construção da Estrada de Ferro Sorocabana foi dada em 1870, atendendo aos interesses da economia algodoeira. Em 1895, inaugurou-se a sua primeira estação, em madeira. Nesta ocasião, devido a

<sup>40</sup> Victor Dubugras (Sarthe, França 1868 - Teresópolis RJ 1933). Arquiteto. Nascido na França, criado em Buenos Aires. Não se sabe muito sobre o período que passa na Argentina nem sobre sua formação. Em 1891, Dubugras muda-se para São Paulo, e trabalha até 1894 na carteira imobiliária do Banco União, dirigida por Ramos de Azevedo (1851-1928), e, em 1894, 1895 e 1897, no Departamento de Obras Públicas de São Paulo - DOP. Sua atividade como arquiteto autônomo na cidade data de 1896, mas é apenas entre 1897 e 1898 que abre o próprio escritório. Em 1894 é convidado a ministrar a disciplina de desenho sobre trabalhos gráficos na Escola Politécnica de São Paulo - Poli. Ali o título de “professor de aula” - cargo atribuído aos arquitetos sem diploma de nível superior - comprova a tese de que Dubugras não cursou nem concluiu nenhum curso de arquitetura ou engenharia na Argentina. A ausência do diploma, entretanto, não o impede de dar aulas na Poli, onde permanece até 1928, quando se aposenta, nem de participar da fundação da Sociedade dos Arquitetos e do Instituto de Engenharia, em 1916. (Fonte: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia&cd\\_verbete=5384&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=5384&cd_idioma=28555)>. Acesso em 03/08/2011)



problemas financeiros, a Companhia União Sorocabana foi adquirida pelo governo do Estado de São Paulo que a arrendou à Sorocabana Railway Company até 1919, voltando, neste ano, a ser administrada pelo governo estadual. O projeto para a construção da Estação de Mairinque foi elaborado por Victor Dubugras, entre 1902 e 1907, cabendo ao engenheiro Alfredo Maia auxiliá-lo nos cálculos estruturais. De linhas avançadas para a época, o uso do concreto armado possibilitou o arrojo na concepção dos espaços. O partido adotado é o de estação-ilha, isolado entre duas linhas férreas, com acesso às plataformas através de um túnel sob os trilhos". (Fonte: Condephaat<sup>41</sup>)

**Foto 21** - Estação Ferroviária de Mairinque - 2002  
(Fonte: <<http://www.mairinque.sp.gov.br>>. Acesso em 23/07/2011)



Na obra *Victor Dubugras: Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina* (2005), de Nestor Goulart Reis Filho, o autor levanta uma controvérsia sobre a Estação Ferroviária de Mairinque ser a primeira obra de concreto armado do Brasil:

Se do ponto de vista da técnica são levantadas dúvidas sobre a possibilidade de classificar ou não a estação como a primeira obra de concreto armado no Brasil, não há dúvida de que, do ponto de vista arquitetônico, é o primeiro edifício no qual toda a linguagem foi ajustada, tendo em vista o uso dessa que era então uma nova técnica. [...] Outro aspecto extraordinário do projeto de Mayrink, em termos de precocidade, era o esquema de divisórias dos guichês do saguão, para atendimento ao público, com uma estrutura modulada de peças verticais metálicas, completadas por placas lisas de concreto e placas de vidro, cerca de 40 ou 50 anos antes de modelos semelhantes serem utilizados nos escritórios da cidade de São Paulo. Com todas essas características não surpreende que os jovens arquitetos, que se formavam então na Escola Politécnica de São Paulo, houvessem escrito sobre a estação, chamando-a de obra de arquitetura racional e moderna. (REIS, 2005, p. 33)

<sup>41</sup> Disponível em < [www.condephaat.sp.gov.br](http://www.condephaat.sp.gov.br)>. Acesso em 04/04/2011.

## APÊNDICE B

### LISTA DOS PRIMEIROS ALUNOS DA ESCOLA – 1963

**Quadro 08 - Alunos da 1ª Série A**

| Nº | Nome                          | Idade |    |    | Naturalidade              |
|----|-------------------------------|-------|----|----|---------------------------|
| 01 | Abigail Lopes                 | 17    | 03 | 52 | Iperó – SP                |
| 02 | Alice Augusta de Campos       | 16    | 12 | 49 | Mairinque - SP            |
| 03 | Ana Lúcia Conde               | 06    | 06 | 51 | Assis – SP                |
| 04 | Ana Maria Benedita Dias       | 15    | 04 | 49 | Mairinque – SP            |
| 05 | Ana Maria Medina              | 10    | 01 | 52 | Mairinque - SP            |
| 06 | Ana Tereza Aldigheri          | 27    | 06 | 50 | Mairinque - SP            |
| 07 | Aparecida Alves Ferreira      | 01    | 08 | 48 | Botucatu - SP             |
| 08 | Aparecida Regina de Campos    | 30    | 06 | 49 | Carapicuíba – SP          |
| 09 | Benedita Lourdes Totta        | 09    | 07 | 50 | Mairinque – SP            |
| 10 | Cleusa Barbosa                | 28    | 12 | 51 | Mairinque – SP            |
| 11 | Clotilde Veiga Vasques        | 01    | 05 | 48 | Santos – SP               |
| 12 | Elza de Jesus                 | 10    | 12 | 47 | Mairinque – SP            |
| 13 | Elza Maria Silveira           | 11    | 04 | 52 | Mairinque – SP            |
| 14 | Eliza Kazuyo Kudo             | 19    | 06 | 52 | Mairinque – SP            |
| 15 | Elizabeth Pereira             | 22    | 01 | 52 | Mairinque – SP            |
| 16 | Eleonora Belucci Corrêa       | 24    | 09 | 51 | Tietê – SP                |
| 17 | Helaine Aparecida Ciochetti   | 21    | 06 | 49 | Mairinque – SP            |
| 18 | Helenice Machado              | 15    | 01 | 52 | Mairinque – SP            |
| 19 | Hiêda de Mattos               | 27    | 07 | 51 | Mairinque – SP            |
| 20 | Léia Helena Lyra Leite        | 30    | 11 | 51 | São Paulo - SP            |
| 21 | Lígia Godinho                 | 08    | 05 | 49 | Mairinque – SP            |
| 22 | Luzia Celeste Chesine         | 31    | 08 | 51 | Mairinque – SP            |
| 23 | Maria estela Severino         | 30    | 05 | 50 | Mairinque – SP            |
| 24 | Maria Ester Florindo          | 19    | 10 | 50 | Salto - SP                |
| 25 | Maria Irani Cannavan          | 24    | 06 | 50 | Piracicaba - SP           |
| 26 | Maria Izalina de Campos       | 07    | 07 | 50 | Mairinque – SP            |
| 27 | Maria José Bueno              | 30    | 05 | 51 | Campinas - SP             |
| 28 | Maria Neide de Souza          | 05    | 09 | 49 | Cerqueira César - SP      |
| 29 | Marinez de Camargo            | 19    | 12 | 50 | Mairinque – SP            |
| 30 | Marly Balbina de Medeiros     | 24    | 11 | 48 | São Paulo - SP            |
| 31 | Mary Lúcia Lippi              | 30    | 01 | 52 | Mairinque – SP            |
| 32 | Rosa Maria Antunes de Almeida | 27    | 04 | 48 | Mairinque – SP            |
| 33 | Sílvia Mary Litvak            | 19    | 06 | 47 | Santiago do Chile - Chile |
| 34 | Toshiko Takahashi             | 14    | 10 | 51 | Pereira Barreto - SP      |
| 35 | Vilma Vieira Devidé           | 26    | 12 | 47 | Bernardino de Campos - SP |
| 36 | Vera Lúcia Machado            | 02    | 09 | 51 | Mairinque – SP            |

**Quadro 09 - Alunos da 1ª Série B**

| Nº | Nome                           | Idade |    |    | Naturalidade      |
|----|--------------------------------|-------|----|----|-------------------|
| 01 | Ailton Sotero                  | 24    | 05 | 48 | Mairinque – SP    |
| 02 | Antonio Carvalho               | 19    | 07 | 48 | São Roque - SP    |
| 03 | Benedito Aparecido de Oliveira | 18    | 11 | 47 | Itatinga – SP     |
| 04 | Carlos Antonio Fernandes Gomes | 11    | 03 | 52 | Piracicaba – SP   |
| 05 | Celso Micheli                  | 20    | 02 | 51 | Pirapitingui - SP |
| 06 | Edgar José dos Reis            | 01    | 09 | 48 | Assis - SP        |
| 07 | Edson Eduardo da Silva         | 07    | 11 | 48 | São Paulo - SP    |

|    |                                |    |    |    |                            |
|----|--------------------------------|----|----|----|----------------------------|
| 08 | Elias Palomar Sodré            | 03 | 05 | 49 | Carapicuíba – SP           |
| 09 | Eliseu Ferreira de Melo        | 01 | 02 | 50 | Buri – SP                  |
| 10 | Ernesto Bonino Filho           | 28 | 03 | 49 | São José do Rio Pardo – SP |
| 11 | Gerson Renato Rizzo            | 22 | 08 | 50 | Mairinque – SP             |
| 12 | Guaraci Ribeiro                | 15 | 04 | 50 | Sorocaba – SP              |
| 13 | Ibiracy Lopes Camara           | 09 | 09 | 50 | Mairinque – SP             |
| 14 | Israel Camargo                 | 14 | 05 | 48 | Botucatu – SP              |
| 15 | Ivaldo Lippi                   | 05 | 12 | 48 | Mairinque – SP             |
| 16 | João Maria de Moura            | 24 | 02 | 49 | Laranjal Paulista – SP     |
| 17 | Job Lopes                      | 03 | 03 | 51 | Boituva - SP               |
| 18 | Jonas Budreckas Filho          | 06 | 06 | 50 | São Paulo – SP             |
| 19 | Jones Bil Munhoz               | 01 | 08 | 51 | Mairinque – SP             |
| 20 | José Alípio Lopes              | 18 | 07 | 52 | São Paulo - SP             |
| 21 | José Alves da Silva Filho      | 28 | 01 | 50 | Santo Anastácio – SP       |
| 22 | José Haroldo Casali Rodrigues  | 31 | 12 | 51 | Santos – SP                |
| 23 | José Pekim                     | 14 | 12 | 48 | Santo Anastácio – SP       |
| 24 | José Simão Abib                | 05 | 12 | 50 | São Roque - SP             |
| 25 | José Vieira Garcia             | 12 | 05 | 50 | Mairinque - SP             |
| 26 | Koussei Maeda                  | 09 | 09 | 50 | Mairinque – SP             |
| 27 | Luiz Carlos Mariano            | 22 | 04 | 49 | Mairinque - SP             |
| 28 | Luiz Carlos Mendes de Brito    | 08 | 05 | 51 | Cerqueira César - SP       |
| 29 | Luiz Carlos da Silva           | 16 | 04 | 51 | São Paulo – SP             |
| 30 | Luiz Gabriel Mendes            | 10 | 05 | 49 | Cerqueira César - SP       |
| 31 | Milchisedech Flausino da Silva | 13 | 02 | 51 | Araçatuba – SP             |
| 32 | Miguel Shirata                 | 15 | 08 | 49 | Campinas – SP              |
| 33 | Miquéias Fabrício Silva        | 14 | 08 | 49 | Araçatuba - SP             |
| 34 | Paulo Assini Júnior            | 07 | 10 | 49 | São Paulo - SP             |
| 35 | Pedro Geraldo Silva            | 11 | 09 | 50 | Salto de Pirapora - SP     |

Quadro 10 - Alunos da 1ª Série C

| Nº | Nome                          | Idade |    |    | Naturalidade           |
|----|-------------------------------|-------|----|----|------------------------|
| 01 | Ana Rosa Dias                 | 08    | 11 | 47 | Botucatu – SP          |
| 02 | Célia Maria Machado           | 14    | 04 | 49 | Elias Fausto - SP      |
| 03 | Darli Aparecida Cresciulo     | 28    | 01 | 50 | Tatuí – SP             |
| 04 | Edna Alexandre Aguiar         | 27    | 09 | 51 | Mairinque – SP         |
| 05 | Elizabeth Garcia              | 15    | 11 | 50 | Mairinque - SP         |
| 06 | Floripes Satani Tanaka        | 02    | 10 | 50 | Mairinque - SP         |
| 07 | Ivanira Araújo Oliveira       | 01    | 02 | 47 | Mairinque - SP         |
| 08 | Leoniz Dias do espírito Santo | 09    | 06 | 49 | Mairinque – SP         |
| 09 | Lúcia Reis Bernardo           | 19    | 09 | 49 | São Paulo – SP         |
| 10 | Maria Gabriela Sardinha       | 13    | 09 | 47 | Mairinque – SP         |
| 11 | Maria José Sardinha           | 25    | 03 | 45 | Bragança Paulista – SP |
| 12 | Mirtes de Cássia Germano      | 04    | 11 | 47 | Mairinque – SP         |
| 13 | Neuza Ferreira de Melo        | 19    | 08 | 46 | Itapeva – SP           |
| 14 | Olga Anacleto Jacinto         | 17    | 02 | 51 | Alumínio – SP          |
| 15 | Shizuka Hirakawa              | 22    | 11 | 50 | Mairinque – SP         |
| 16 | Sueli Vieira                  | 06    | 02 | 50 | Itu – SP               |
| 17 | Acácio de Melo Júnior         | 07    | 03 | 47 | Mairinque – SP         |
| 18 | Alexandre Antonio Moraes      | 17    | 06 | 49 | Osasco - SP            |
| 19 | Amadeu Zapparoli              | 02    | 01 | 50 | Mairinque - SP         |
| 20 | Cláudio Machado               | 18    | 03 | 48 | Mairinque - SP         |
| 21 | Dagoberto Manoel Medeiros     | 12    | 08 | 47 | São Paulo - SP         |
| 22 | Edeval Firmo                  | 30    | 08 | 49 | São João Novo - SP     |

|    |                               |    |    |    |                    |
|----|-------------------------------|----|----|----|--------------------|
| 23 | Hiromi Fujikawa               | 13 | 09 | 49 | Adamantina - SP    |
| 24 | Jonas Algodoal Zabrockis      | 01 | 05 | 50 | São Paulo - SP     |
| 25 | José Carlos Aued              | 27 | 07 | 47 | Mairinque - SP     |
| 26 | José Henrique Denadai         | 18 | 06 | 52 | Botucatu - SP      |
| 27 | Kazunori Takahashi            | 25 | 05 | 48 | Bela Floresta - SP |
| 28 | Lavério Russo Júnior          | 10 | 09 | 51 | São Paulo - SP     |
| 29 | Léo Ferreira Dias             | 02 | 07 | 49 | Botucatu - SP      |
| 30 | Luiz de Souza Bianchi         | 18 | 11 | 49 | Mairinque - SP     |
| 31 | Sérgio Roberto Alves Carneiro | 24 | 09 | 50 | Santos - SP        |
| 32 | Yoshio Akatsuka               | 21 | 08 | 50 | Mairinque - SP     |
| 33 | Yoshio Kimura                 | 15 | 04 | 50 | Itu - SP           |
| 34 | Yoshifuji Kiyokawa            | 30 | 09 | 48 | Mairinque - SP     |

**Quadro 11- Alunos da 1ª Série D**

| Nº | Nome                            | Idade |    |    | Naturalidade              |
|----|---------------------------------|-------|----|----|---------------------------|
| 01 | Dalva Sueli Rocha de Almeida    | 18    | 01 | 51 | Mairinque – SP            |
| 02 | Divina Benedita Rocha           | 15    | 08 | 51 | Mairinque - SP            |
| 03 | Eline Merguizo                  | 16    | 01 | 49 | Mairinque – SP            |
| 04 | Ida Regina Zapparoli            | 04    | 01 | 50 | Mairinque – SP            |
| 05 | Kuniko Iwamoto                  | 19    | 10 | 49 | Pereira Barreto - SP      |
| 06 | Leila Segura                    | 15    | 11 | 51 | Mairinque - SP            |
| 07 | Lígia Pereira Sodré             | 16    | 01 | 52 | Mairinque - SP            |
| 08 | Maria Josefa Mazoni             | 04    | 06 | 45 | Cerqueira César – SP      |
| 09 | Maria Lúcia Ciochetti           | 22    | 03 | 46 | Sorocaba – SP             |
| 10 | Marly Amador                    | 10    | 02 | 51 | Indaiatuba – SP           |
| 11 | Neuza Aparecida Bueno           | 30    | 09 | 48 | Itaicy – SP               |
| 12 | Neusa Tamiko Iwamoto            | 01    | 06 | 49 | Inêida – SP               |
| 13 | Neusa Vieira                    | 02    | 12 | 45 | Salto – SP                |
| 14 | Selma Vieira                    | 02    | 12 | 45 | Itu – SP                  |
| 15 | Sueli Valério de Oliveira       | 01    | 12 | 51 | Mairinque – SP            |
| 16 | Tereza Shizue Moriga            | 30    | 07 | 51 | Andradina – SP            |
| 17 | Vera Lúcia Ayres da Costa       | 14    | 01 | 52 | Botucatu – SP             |
| 18 | Vera Lúcia Genaro               | 05    | 03 | 50 | Boituva - SP              |
| 19 | Abimael Ribeiro                 | 18    | 09 | 48 | Mairinque - SP            |
| 20 | Antonio Koiti Uemura            | 24    | 03 | 50 | Braúna - SP               |
| 21 | Atílio de Oliveira Prado        | 17    | 05 | 50 | Mairinque - SP            |
| 22 | Carlos Kozo Momma               | 30    | 01 | 50 | Presidente Wenceslau - SP |
| 23 | Dimas Cresciulo                 | 17    | 04 | 46 | Mairinque - SP            |
| 24 | Edson Frare                     | 01    | 06 | 50 | Mairinque - SP            |
| 25 | Enio Tsuneyochi Momma           | 14    | 01 | 52 | Presidente Wenceslau - SP |
| 26 | Francisco Antonio Pedra Gandara | 14    | 07 | 49 | Sorocaba - SP             |
| 27 | Isadequiel Gomes                | 08    | 12 | 48 | Bernardino de Campos - SP |
| 28 | José Roberto de Almeida         | 19    | 07 | 50 | Campinas - SP             |
| 29 | Jurandir da Silva Filho         | 30    | 01 | 49 | São Roque - SP            |
| 30 | Lauro Benedito de Camargo       | 15    | 06 | 49 | Mairinque - SP            |
| 31 | Makoto Izumi                    | 12    | 11 | 49 | Pompéia - SP              |
| 32 | Márcio Eduardo Pereira          | 23    | 02 | 49 | Botucatu - SP             |
| 33 | Mario Susumo Haga               | 24    | 01 | 50 | Utinga - SP               |
| 34 | Paulo Machado Júnior            | 28    | 05 | 48 | Iperó – SP                |
| 35 | Roberto Lippi                   | 18    | 02 | 51 | Mairinque - SP            |

**Quadro 12 - Alunos da 2ª Série A**

| Nº | Nome | Idade |  |  | Naturalidade |
|----|------|-------|--|--|--------------|
|----|------|-------|--|--|--------------|

|    |                                    |    |    |    |                      |
|----|------------------------------------|----|----|----|----------------------|
| 01 | Elizabeth de Cássia Viaro          | 26 | 08 | 50 | Mairinque – SP       |
| 02 | Ilaine Catarina Chagas             | 07 | 10 | 48 | Sorocaba - SP        |
| 03 | Irene Mattos                       | 30 | 12 | 49 | Mairinque – SP       |
| 04 | Irene Moraes Bastos                | 03 | 04 | 46 | Mairinque – SP       |
| 05 | Izaíra pereira de Assis            | 18 | 10 | 49 | Mairinque – SP       |
| 06 | Lina Izabel Siedler                | 21 | 10 | 49 | Mairinque - SP       |
| 07 | Lúcia Helena de Pádua Borges       | 14 | 02 | 49 | Mairinque - SP       |
| 08 | Marlene Aparecida de Moraes        | 14 | 05 | 45 | Mairinque – SP       |
| 09 | Maria Amélia Barbosa               | 26 | 03 | 50 | Mairinque – SP       |
| 10 | Maria Cândida da Silva Bertolini   | 15 | 03 | 49 | São Paulo – SP       |
| 11 | Maria Cesarina Pedra Gandara       | 13 | 12 | 50 | Sorocaba – SP        |
| 12 | Maria Eliza Aldegheiri             | 14 | 11 | 47 | Mairinque – SP       |
| 13 | Maria Shirley Soliani              | 07 | 07 | 50 | Indaiatuba – SP      |
| 14 | Marlene Miguel                     | 23 | 09 | 48 | Mairinque – SP       |
| 15 | Mirian Candida de Godois           | 29 | 08 | 48 | Mairinque – SP       |
| 16 | Neide Silva                        | 24 | 09 | 50 | Mairinque – SP       |
| 17 | Neuza Maria Miorin                 | 06 | 01 | 47 | Piracicaba - SP      |
| 18 | Rachel Miranda                     | 29 | 12 | 50 | Mairinque – SP       |
| 19 | Regina Célia Fiuza                 | 10 | 02 | 46 | Mairinque – SP       |
| 20 | Rute Clélia Fiuza                  | 18 | 03 | 48 | Mairinque – SP       |
| 21 | Sonia Maria Ayres da Costa         | 17 | 12 | 49 | Botucatu - SP        |
| 22 | Vera Lúcia Mateus Emmert           | 13 | 04 | 50 | São Roque - SP       |
| 23 | Vera Lúcia Miorin                  | 29 | 03 | 49 | Piracicaba - SP      |
| 24 | Virgília Lúcia Simões de Almeida   | 23 | 05 | 47 | Pedro de Toledo - SP |
| 25 | Walditer Zapparoli                 | 04 | 12 | 47 | Mairinque – SP       |
| 26 | Zane Janeth Ressutti               | 03 | 03 | 49 | Mairinque – SP       |
| 27 | Benedito Soares de Oliveira        | 03 | 01 | 36 | São Roque - SP       |
| 28 | Carlos Alberto Sodré               | 14 | 03 | 50 | Mairinque – SP       |
| 29 | Carlos Roberto Paschoal            | 04 | 01 | 49 | Mairinque – SP       |
| 30 | Carlos Romualdo de Godois          | 24 | 12 | 49 | Mairinque – SP       |
| 31 | Francisco de Assis Martins Arruda  | 18 | 02 | 48 | Mairinque – SP       |
| 32 | Hamilton Lelis Ito                 | 07 | 08 | 50 | Caconde - SP         |
| 33 | José Geraldo Rosa                  | 09 | 01 | 49 | Pereiras - SP        |
| 34 | José Iracy Fonseca                 | 25 | 02 | 48 | São Roque – SP       |
| 35 | Laercio Micheli                    | 12 | 03 | 48 | Mairinque – SP       |
| 36 | Ladislau Orlando Almeida de Moraes | 27 | 06 | 49 | Mairinque – SP       |
| 37 | Motoyuki Tsugiyama                 | 25 | 08 | 49 | Pompéia - SP         |
| 38 | Oildes Góes de Lima                | 07 | 09 | 47 | Assis - SP           |
| 39 | Paulo César Mendonça Martins       | 24 | 01 | 47 | Sorocaba - SP        |
| 40 | Roberto Monfrinato                 | 27 | 03 | 50 | Piracicaba - SP      |
| 41 | Ségio Tozzi                        | 23 | 02 | 48 | Sorocaba – SP        |
| 42 | Takao Akatsuka                     | 01 | 08 | 48 | Caucaia do Alto - SP |

Quadro 13 - Alunos da 3ª Série A

|    |                              |    |    |    |                          |
|----|------------------------------|----|----|----|--------------------------|
| 01 | Clotilde Frare               | 10 | 07 | 48 | Mairinque – São Paulo    |
| 02 | Elza Helfensteins            | 10 | 09 | 47 | Mairinque – São Paulo    |
| 03 | Elizabeth de Campos          | 05 | 04 | 49 | Mairinque – São Paulo    |
| 04 | Loide Bordinhon Barbosa      | 26 | 07 | 47 | Itapetininga – São Paulo |
| 05 | Maria Aparecida Moraes Pinto | 27 | 07 | 47 | São Paulo – São Paulo    |
| 06 | Maria Diva Soliani           | 17 | 03 | 46 | Indaiatuba – São Paulo   |
| 07 | Maria Izabel Gomes           | 05 | 02 | 49 | Mairinque – São Paulo    |
| 08 | Maria Luzia Chiló            | 05 | 12 | 46 | São Roque - São Paulo    |

|    |                             |    |    |    |                        |
|----|-----------------------------|----|----|----|------------------------|
| 09 | Marieliane Aparecida Moraes | 25 | 08 | 46 | Mairinque – São Paulo  |
| 10 | Masako Tsugiyama            | 06 | 08 | 47 | Pompéia – São Paulo    |
| 11 | Terezinha de Almeida        | 02 | 04 | 43 | Sorocaba – São Paulo   |
| 12 | Antonio Alexandre Gement    | 12 | 06 | 45 | Mairinque – São Paulo  |
| 13 | Jair Ferreira da Silva      | 23 | 11 | 46 | Piracicaba – São Paulo |
| 14 | James Beal Munhoz           | 16 | 12 | 49 | Itu – São Paulo        |
| 15 | José Carlos de Souza Dias   | 03 | 05 | 47 | Mairinque – São Paulo  |
| 16 | Romualdo Pereira da Silva   | 02 | 12 | 47 | Mairinque – São Paulo  |

(Elaboração própria. Fonte: Arquivo da escola)

## APÊNDICE C

### PRIMEIROS FORMANDOS DO CURSO GINASIAL DE MAIRINQUE – 1964

**Quadro 14 - Alunos da 4ª Série A de 1964**

| Nº | Nome                           | Idade |    |    | Naturalidade             |
|----|--------------------------------|-------|----|----|--------------------------|
| 01 | Clotilde Frare                 | 10    | 07 | 48 | Mairinque – São Paulo    |
| 02 | Elza Helfensteins              | 10    | 09 | 47 | Mairinque – São Paulo    |
| 03 | Elizabeth de Campos            | 05    | 04 | 49 | Mairinque – São Paulo    |
| 04 | Loide Bordinhon Barbosa        | 26    | 07 | 47 | Itapetininga – São Paulo |
| 05 | Maria Aparecida Moraes Pinto   | 27    | 07 | 47 | São Paulo – São Paulo    |
| 06 | Maria Diva Soliani             | 17    | 03 | 46 | Indaiatuba – São Paulo   |
| 07 | Maria Luiza Pereira da Silva   | 30    | 06 | 43 | Mairinque – São Paulo    |
| 08 | Masako Tsugiyama               | 06    | 08 | 47 | Pompéia – São Paulo      |
| 09 | Antonio Alexandre Gemente      | 12    | 06 | 45 | Mairinque – São Paulo    |
| 10 | Guaracy Lopes Camara           | 03    | 01 | 47 | Mairinque – São Paulo    |
| 11 | Jair Ferreira da Silva         | 23    | 11 | 46 | Piracicaba – São Paulo   |
| 12 | James Beal Munhoz              | 16    | 12 | 49 | Itu – São Paulo          |
| 13 | José Carlos de Souza Dias      | 03    | 05 | 47 | Mairinque – São Paulo    |
| 14 | Romualdo Pereira da Silva      | 02    | 12 | 47 | Mairinque – São Paulo    |
| 15 | Ancila Dei de Mendonça Martins | 06    | 08 | 48 | Mairinque – São Paulo    |
| 16 | Ademar dos Santos              | 24    | 12 | 45 | Mairinque – São Paulo    |
| 17 | Fernando Marques de Almeida    | 15    | 02 | 49 | Indaiatuba – São Paulo   |

## APÊNDICE D

### PRIMEIROS ALUNOS DO CURSO COLEGIAL – 1970

**Quadro 15 - Alunos do 1º Colegial A de 1970**

| Nº | Nome                            | Idade |    |    | Naturalidade            |
|----|---------------------------------|-------|----|----|-------------------------|
| 01 | Benedita Lourdes Totta          | 09    | 06 | 50 | Mairinque – SP          |
| 02 | Cleusa Aparecida Monfrinato     | 03    | 12 | 52 | Indaiatuba - SP         |
| 03 | Divina Benedita Rocha           | 15    | 08 | 51 | Mairinque – SP          |
| 04 | Edna Palomar Sodré              | 18    | 12 | 53 | Mairinque – SP          |
| 05 | Lúcia Helena Conde              | 29    | 11 | 52 | Assis - SP              |
| 06 | Lucinda Soares de Oliveira      | 23    | 03 | 46 | Mairinque - SP          |
| 07 | Maria Célia Aparecida da Rosa   | 28    | 01 | 50 | Pereiras - SP           |
| 08 | Maria Helena Conde              | 20    | 04 | 53 | Mairinque – SP          |
| 09 | Maria Jeny B. Corrêa Amaral     | 02    | 02 | 29 | São Simão - SP          |
| 10 | Maria Sueli de Almeida          | 24    | 09 | 51 | Mairinque - SP          |
| 11 | Mariglê Bordinhon Barbosa       | 07    | 05 | 54 | Mairinque – SP          |
| 12 | Marly Silva de Moraes           | 26    | 12 | 53 | Mairinque – SP          |
| 13 | Mary de Fátima da Silva         | 08    | 05 | 53 | Mairinque – SP          |
| 14 | Nancy de Cássia Antunes         | 22    | 10 | 52 | São Paulo – SP          |
| 15 | Rosa Maria Florindo             | 10    | 04 | 52 | Mairinque – SP          |
| 16 | Tereza Shizue Moriga            | 30    | 07 | 51 | Andradina – SP          |
| 17 | Antonio Pires de Almeida Júnior | 23    | 03 | 53 | Campinas – SP           |
| 18 | Antonio Roque dos Santos        | 18    | 10 | 51 | Mairinque – SP          |
| 19 | Dair Cardoso                    | 15    | 12 | 53 | Tatuí - SP              |
| 20 | Demetre André Lymberopoulos     | 09    | 02 | 49 | Atenas - Grécia         |
| 21 | Enrico Lippi Ortolani           | 01    | 01 | 53 | Mairinque – SP          |
| 22 | Jonas Budreckas Filho           | 06    | 06 | 50 | São Paulo – SP          |
| 23 | José Mauro de Mello Ribeiro     | 26    | 03 | 52 | Patos de Minas – MG     |
| 24 | Márcio Gilberto Fabri Garcia    | 07    | 01 | 54 | Mairinque – SP          |
| 25 | Mauro Armando                   | 13    | 09 | 53 | São Caetano do Sul - SP |
| 26 | Miguel Peres Filho              | 22    | 04 | 54 | Avaré – SP              |
| 27 | Paulo César de Oliveira         | 02    | 07 | 52 | Mairinque – SP          |
| 29 | Ricardo Fernando Gemente        | 14    | 02 | 53 | Mairinque – SP          |
| 29 | Valdir Viotto                   | 22    | 02 | 53 | São Caetano do Sul      |
| 30 | Marilda Aparecida Marques       | 26    | 08 | 51 | Itatinga – SP           |
| 31 | Maria Angélica Arantes          | 23    | 09 | 52 | Ourinhos – SP           |
| 32 | Nancy Faria                     |       |    |    |                         |

**Quadro 16 - Alunos do 1º Colegial B de 1970**

| Nº | Nome                         | Idade |    |    | Naturalidade         |
|----|------------------------------|-------|----|----|----------------------|
| 01 | Adélia de Matos              | 14    | 10 | 49 | Ibaporanga - MG      |
| 02 | Ana Lúcia Conde              | 06    | 06 | 51 | Assis - SP           |
| 03 | Aparecida Araujo de Oliveira | 28    | 12 | 44 | São Roque - SP       |
| 04 | Cirlene Jacinto              | 02    | 02 | 50 | Santo Anastácio - SP |
| 05 | Cleide Nunes                 | 07    | 04 | 52 | Mairinque – SP       |
| 06 | Diva da Silva César          | 06    | 09 | 39 | Sorocaba - SP        |
| 07 | Divanira da Silva            | 13    | 12 | 52 | Mairinque – SP       |
| 08 | Edite Gonçalves da Silva     | 10    | 07 | 51 | Mairinque – SP       |
| 09 | Elizabeth Kiel               | 23    | 04 | 50 | Porto Feliz - SP     |
| 10 | Hieda de Mattos              | 27    | 07 | 70 | Mairinque - S        |
| 11 | Irani Rodrigues Proença      | 25    | 10 | 50 | Mairinque – SP       |



|    |                                |    |    |    |                             |
|----|--------------------------------|----|----|----|-----------------------------|
| 12 | Ivone Bellucci Corrêa          | 24 | 02 | 53 | Cerquilha - SP              |
| 13 | Leila Segura                   | 15 | 11 | 51 | Mairinque - SP              |
| 14 | Leoniz Dias do Espírito Santo  | 09 | 07 | 49 | Mairinque – São Paulo       |
| 15 | Lourdes Godinho                | 17 | 12 | 50 | Mairinque - SP              |
| 16 | Mara Suely Vaz                 | 17 | 04 | 53 | Mairinque – SP              |
| 17 | Mizue Maeda                    | 22 | 09 | 53 | Mairinque – SP              |
| 18 | Rita de Cássia Santos          | 04 | 03 | 52 | São Paulo - SP              |
| 19 | Sílvia Ferreira Santos         | 18 | 03 | 52 | São Paulo - SP              |
| 20 | Anderson Alves Carneiro        | 10 | 12 | 52 | Juquiá - SP                 |
| 21 | Antonio Roque dos Santos       | 18 | 10 | 51 | Mairinque – SP              |
| 22 | Elizeu de Oliveira             | 16 | 08 | 53 | Mairinque – SP              |
| 23 | Enio dos Santos                | 13 | 02 | 52 | Mairinque – SP              |
| 24 | Enio Tsuneyoshi Momma          | 14 | 01 | 52 | Presidente Wenceslau - SP   |
| 25 | Gerson HJacinto                | 08 | 01 | 46 | Santo Anastácio - SP        |
| 26 | Helvécio Leite Gonçalves       | 07 | 03 | 52 | Sorocaba - SP               |
| 27 | Ibiraci Lopes Camara           | 09 | 09 | 50 | Mairinque – SP              |
| 28 | Joel Rodrigues                 | 13 | 06 | 48 | Mairinque – SP              |
| 29 | José Carlos Bressan            | 04 | 04 | 51 | Gália - SP                  |
| 30 | José Ataniel Ferreira          | 10 | 03 | 52 | Mairinque – SP              |
| 31 | José Rodrigues da Paz Sobrinho | 12 | 04 | 30 | Sorocaba - SP               |
| 32 | Luiz Ferreira Simões           | 30 | 04 | 54 | Osasco - SP                 |
| 33 | Luiz Gabriel Mendes            | 10 | 05 | 49 | Cerqueira César – São Paulo |
| 34 | Moacir de Campos               | 24 | 10 | 51 | Mairinque - SP              |
| 35 | Oscar Angelini                 | 02 | 11 | 44 | Sorocaba – SP               |
| 36 | Sérgio Primo Moreschi          | 17 | 09 | 53 | São Roque - SP              |
| 37 | José Carlos de Moraes          | 07 | 12 | 51 | Mairinque – SP              |
| 38 | Marta Amado Rodrigues          | 06 | 09 | 48 | Barretos – SP               |
| 39 | Maria Aparecida Camargo        | 24 | 06 | 49 | São Roque - SP              |

(Elaboração própria. Fonte: Arquivo da escola)

## APÊNDICE E

### PRIMEIROS FORMANDOS DO CURSO MAGISTÉRIO HABILITAÇÃO ESPECÍFICA DE 2º GRAU PARA O MAGISTÉRIO, COM APROFUNDAMENTO NA ÁREA DA PRÉ-ESCOLA – 1981

**Quadro 17 - Formandos do Curso Magistério de 1981**

| Nº | Nome                                | Idade |    |    | Naturalidade              |
|----|-------------------------------------|-------|----|----|---------------------------|
|    |                                     | 04    | 01 | 63 |                           |
| 01 | Ana Angélica de Jesus Vieira        | 04    | 01 | 63 | Tatuí - SP                |
| 02 | Denise Helena Calado de Souza       | 17    | 10 | 58 | Piraí - RJ                |
| 03 | Elisabete Ap. Trevisor Madureira    | 15    | 10 | 55 | Piracicaba - SP           |
| 04 | Ester Anacleto Jacinto Fortes       | 02    | 06 | 59 | Mairinque - SP            |
| 05 | Janete Jesus Paes                   | 08    | 06 | 63 | Mairinque - SP            |
| 06 | Márcia Regina Corrêa de Moura       | 25    | 03 | 62 | Mairinque - SP            |
| 07 | Maria Aparecida da Silva            | 25    | 02 | 61 | Mairinque - SP            |
| 08 | Maria do Carmo Bresciani            | 26    | 07 | 57 | São Roque - SP            |
| 09 | Maria Cristina Cerioni              | 24    | 05 | 63 | Mairinque - SP            |
| 10 | Maria da Glória Moreira de Oliveira | 12    | 04 | 53 | Mairinque - SP            |
| 11 | Marinalva Pedron                    | 18    | 03 | 57 | São Roque - SP            |
| 12 | Romilda Aparecida de Souza          | 05    | 05 | 58 | Mairinque - SP            |
| 13 | Rosely Bonifácio dos Santos         | 19    | 09 | 57 | Bernardino de Campos - SP |
| 14 | Sônia Regina Gonçalves              | 03    | 01 | 59 | Laranjal Paulista - SP    |
| 15 | Vicentina Benedita Luíz             | 11    | 04 | 59 | Mairinque - SP            |

(Elaboração própria. Fonte: Arquivo da escola)

## APÊNDICE F

### FORMAÇÃO DO GRUPO MAIRINQUE

Tudo começou em 2005, com um telefonema da Lúcia Helena Conde, querendo saber se estaríamos em Mairinque no dia 12 de outubro – Dia de Nossa Senhora Aparecida, feriado – pois ela e a família viriam para cá e gostariam de se encontrar com o maior número de amigos possível, para “matar” as saudades.

A comunicação “boca a boca” foi se espalhando e nos encontramos no bar do Clube Atlético Sorocabana - CASM. A partir daí, trocamos emails e começamos a nos comunicar. Logo, graças à ferramenta Internet e à disponibilidade da Eliana, foi criado o “Grupo Mairinque”, a partir daí . . . ninguém mais nos segurou!!!

No primeiro encontro, em 10/12/2005, participaram 32 (trinta e dois) ex-alunos. Infelizmente nem nos lembramos de máquina fotográfica, pois o interesse maior era rever e conversar com os amigos, portanto só há uma foto.

**Foto 22** - Primeiro encontro do grupo Mairinque – 2005

Enrico Lippi Ortolani, Suzete Sales Antunes, Aparecida Luvizotto Medina Martins Arruda e Francisco de Assis Martins Arruda.  
(Fonte: Arquivo pessoal da autora)



Os assuntos iniciais foram sobre o que fizemos nesse tempo de separação, a nossa atuação profissional, as nossas realizações, a família que constituímos, enfim, foram atualizações.

Antes do primeiro encontro terminar, já havíamos feito uma listagem com endereços de residência e de email, telefones, enfim, contatos para marcarmos o próximo encontro e procuramos envolver o maior número possível de amigos.

Estiveram neste encontro, em ordem alfabética:

**Quadro 18** - Ex-alunos presentes no primeiro encontro – 2005  
(Elaboração própria. Fonte: lista de presença do encontro)

|    |                                                      |
|----|------------------------------------------------------|
| 01 | Ana Lúcia Conde Martins                              |
| 02 | Antonio Pires de Almeida Júnior (Tonico)             |
| 03 | Aparecida Luvizotto Medina Martins Arruda            |
| 04 | Carlos Antonio Fernandes Gomes (marido Lúcia Helena) |
| 05 | Domingos César Amaral (Nino)                         |
| 06 | Enrico Lippi Ortolani                                |
| 07 | Francisco Adão de Camargo                            |
| 08 | Francisco de Assis Martins Arruda (Kico)             |
| 09 | Ivanete Bellucci Pires de Almeida                    |
| 10 | Jacy Mauro Fattori Júnior                            |
| 11 | João Roberto Pinto Figueiredo (Pelica)               |
| 12 | Joaquim Carlos Silveira (Fião)                       |
| 13 | José Francisco Pinto do Amaral (Quico)               |
| 14 | José Ghilardi                                        |
| 15 | Joyce de Oliveira Souza                              |
| 16 | Lúcia Helena Conde Fernandes Gomes                   |
| 17 | Luiz Ferreira Simões (Pateta)                        |
| 18 | Márcia Tangerino                                     |
| 19 | Márcio Gilberto Fabri Garcia                         |
| 20 | Maria Aparecida Machado                              |
| 21 | Maria Cecília Fernandes de Moraes Pinto              |
| 22 | Maria Eliza Pinto Ghilardi                           |
| 23 | Maria José Conde                                     |
| 24 | Marilda Lippi Severino                               |
| 25 | Mary Fátima Silva Mendes                             |
| 26 | Nancy de Cássia Antunes Martins                      |
| 27 | Oscar Angelini                                       |
| 28 | Paulo César de Oliveira                              |
| 29 | Pedro Fernando Paschoal                              |
| 30 | Ricardo Fernando Gemente                             |
| 31 | Rita de Cássia Rolim de Paula Moreira                |
| 32 | Rita Fátima Pires de Almeida Sotilo (irmã Tonico)    |
| 33 | Roberto Vicente Antunes (Faraó)                      |
| 34 | Silvia Aparecida Almeida Giacomo (irmã Tonico)       |
| 35 | Silvia Ferreira Simões Lyra (irmã Pateta)            |
| 36 | Suzete Sales Antunes                                 |
| 37 | Vera Lúcia Merguizo                                  |

Mediante essa lista, a Eliana Luvizotto Medina, que, em 2006, tinha uma empresa de informática, implantou o Grupo Mairinque na rede social, criando o

[www.grupomairinque@yahoo.com.br](mailto:www.grupomairinque@yahoo.com.br), através do qual os membros poderiam comunicar-se.

Graças ao trabalho da Eliana agora somos um grupo! Intitulado como Mairinque, esse grupo reúne amigos, conhecidos e simpatizantes. Pessoas que há mais de três décadas se conheceram, distanciaram-se e que voltam a se encontrar-se motivados única e exclusivamente por sentimentos e emoções. (FIGUEIREDO, 2008)

Inicialmente participavam do grupo os formandos das turmas de 1968 a 1970, porém, assim que ficavam sabendo, outros alunos, de turmas anteriores e posteriores começaram a se integrar ao grupo, o qual passou a ser de “ex-alunos” da Escola Altina.

Tenho certeza que todos compreendem que o grupo não foi criado para produzir nada de excepcional, como muitos outros, que dedicam-se ao estudo do meio ambiente, óvnis, etc...Nosso grupo foi criado para dar eco aos sentimentos que cada um carrega em si. Para reproduzir as sensações e conhecimentos internos das pessoas que conhecemos. E o interior de cada pessoa é uma riqueza incalculável. Como é bom saber que somos diferentes uns dos outros, mas que é possível celebrar juntos, como irmãos, quando o grupo se reúne! (Figueiredo, 2002)

Através de emails a comunicação ficou mais ativa e o grupo se fortaleceu.

Iniciando meu balanço anual foi que me veio a mente, dentre os primeiros 10 eventos e fatos mais importantes do ano, nosso delicioso e marcante encontro do dia 21 de junho. Confesso que me rejubilei de rever todos vocês, de conversar pela primeira vez com algumas pessoas que me cercavam na juventude e com quem nunca tive oportunidade de falar, talvez por acanhamento, ou por orgulho ou mesmo medo de não ser acolhido. Descobri falando com eles e vendo a receptividade com que fui recebido que me privei muito de ter angariado mais amizades no passado, pois fazer amigos e cultivar a amizade é uma das mais importantes e nobres alegrias da vida de uma pessoa. Tinha muito mais a falar dos momentos felizes vividos por nós no dia 21 de junho, mas agora devo agradecer cada de vocês pela amizade que sempre me conferiram, pelas mensagens, quase sempre positivas e saudosas, que repassaram por e-mail no decorrer deste ano e pelos votos de Feliz Natal até agora recebidos. Só posso desejar, do fundo do meu coração, que o Natal seja em suas vidas a verdadeira festa-mór e que o presente divino que recebemos venha representado pelo carinho, amor, fraternidade e a paz, e não por bens materiais que se consomem ou se deterioram com o tempo. Desejo ainda que este marcante espírito natalino permaneça em cada um dos 365 dias a serem vividos em 2009. (Depoimento: Enrico Lippi Ortolani, por email, em 12/12/2008)

No segundo encontro, em 19/03/2006 no Salão do CASM compareceram 60 (sessenta) pessoas, entre eles três ex-professores: Élcio Roque Boccato (História), Maria Madalena de Aguiar (Português e Francês) e Helena Natale Ciochetti (Arte Industrial Feminina).

**Foto 23** - Segundo encontro do Grupo Mairinque – 2006

Fonte: Arquivo pessoal da autora



Participaram nesse encontro, em ordem alfabética:

**Quadro 19** - Lista de presença no segundo encontro – 2006

(Elaboração própria. Fonte: lista de presença do encontro)

|    |                                           |
|----|-------------------------------------------|
| 01 | Adelaide Aparecida Pinto do Amaral        |
| 02 | Alcebiades José das Chagas                |
| 03 | Amaury César Amaral                       |
| 04 | Ana Cristina Baião Medeiros               |
| 05 | Ana Lúcia Conde Martins                   |
| 06 | Ana Maria Medina de Góes                  |
| 07 | Ângela Teresa Rosa Franzini               |
| 08 | Antonio Carlos Augusto                    |
| 09 | Antonio Mokarzel                          |
| 10 | Antonio Pires de Almeida Júnior           |
| 11 | Aparecida Luvizotto Medina Martins Arruda |
| 12 | Aparecida Machado                         |
| 13 | Carlos Alberto Prado Perez                |
| 14 | Carlos Antonio Fernandes Gomes            |
| 15 | Célia Regina Schoenacker                  |
| 16 | Chuite Inuma                              |
| 17 | Clarice Frare Masuzawa                    |
| 18 | Cleide Nunes Conceição                    |
| 19 | Clemira Frare                             |
| 20 | Consuelo Paschoal Prado                   |
| 21 | Domingos César Amaral                     |
| 22 | Edna Silva                                |
| 23 | Edna Sodré Chagas                         |
| 24 | Élcio Roque Boccato (Professor)           |
| 25 | Eliana Luvizotto Medina                   |
| 26 | Enrico Lippi Ortolani                     |

|    |                                         |
|----|-----------------------------------------|
| 27 | Eunice Luvizotto Medina Pissolato       |
| 28 | Flávio Martos Martins                   |
| 29 | Francisco Adão de Camargo               |
| 30 | Francisco de Assis Martins Arruda       |
| 31 | Helena Natale Ciochetti (Professora)    |
| 32 | Helenice Machado                        |
| 33 | Ioshimi Maeda                           |
| 34 | Ivanete Bellucci Pires de Almeida       |
| 35 | Jacy Mauro Fattori Júnior               |
| 36 | Janet Pinheiro                          |
| 37 | João Bid Chagas                         |
| 38 | João Mortari                            |
| 39 | João Nides Prestes                      |
| 40 | João Roberto Pinto Figueiredo           |
| 41 | Joaquim Carlos Silveira                 |
| 42 | José Francisco Pinto do Amaral          |
| 43 | José Ghilardi                           |
| 44 | José Lino Guimarães                     |
| 45 | Joyce de Oliveira Souza                 |
| 46 | Kioshi Hirakawa                         |
| 47 | Leda Regina Zago Dalmas                 |
| 48 | Lellis Totta                            |
| 49 | Leni Cabeleira                          |
| 50 | Lenine Prestes Conceição                |
| 51 | Lídia Cabeleira Panzarini               |
| 52 | Lúcia Helena Conde Fernandes Gomes      |
| 53 | Luiz Antonio Martins                    |
| 54 | Luiz Ferreira Simões                    |
| 55 | Luiz Simões                             |
| 56 | Márcia Tangerino                        |
| 57 | Márcio Gilberto Fabri Garcia            |
| 58 | Marcos Aurélio Capitão                  |
| 59 | Maria Aparecida Machado                 |
| 60 | Maria Bernadete Trapp                   |
| 61 | Maria Cecília Fernandes de Moraes Pinto |
| 62 | Maria Célia Rosa Papa                   |
| 63 | Maria Eliza Pinto Ghilardi              |
| 64 | Maria José Conde                        |
| 65 | Maria José Vieira Garcia                |
| 66 | Maria Madalena de Aguiar (Professora)   |
| 67 | Maria Sueli Almeida Leite               |
| 68 | Marli de Moraes                         |
| 69 | Mary Fátima Silva Mendes                |
| 70 | Marta Ciochetti Medeiros                |
| 71 | Nancy de Cássia Antunes Martins         |
| 72 | Norie Iwamoto Hirakawa                  |
| 73 | Oscar Angelini                          |
| 74 | Osleny Viaro                            |
| 75 | Paulo César de Oliveira                 |
| 76 | Paulo Sérgio Medeiros                   |
| 77 | Pirelo Angelini                         |
| 78 | Plínio Reis                             |
| 79 | Regina Marta Capitão Frare              |

|     |                                       |
|-----|---------------------------------------|
| 80  | Reinaldo Frare                        |
| 81  | Rita de Cássia Rolim de Paula Moreira |
| 82  | Rita de Cassia Rosa Freitas           |
| 83  | Rita Fátima Pires de Almeida Sottilo  |
| 84  | Roberto Vicente Antunes               |
| 85  | Rogério Medeiros                      |
| 86  | Rosa Maria Camargo Rosa               |
| 87  | <u>Rosalda Guazzelli</u>              |
| 88  | Rosari Cascardi                       |
| 89  | Rosvany Terezinha Cordeiro            |
| 90  | Rubens Merguizo Filho                 |
| 91  | Sandra Mara Garcia Bello              |
| 92  | Sidnei Estevam                        |
| 93  | Silvia Aparecida Almeida Giacomo      |
| 94  | Silvia Ferreira Simões Lyra           |
| 95  | Silvia Pires de Almeida               |
| 96  | Solange Rosa                          |
| 97  | Sônia Maria Siedler                   |
| 98  | Sueko Maeda                           |
| 99  | Suzete Sales Antunes                  |
| 100 | Tânia Mara Proença Frare              |
| 101 | Toninho Zaparolli                     |
| 102 | Vanda Rolim                           |
| 103 | Vera Lúcia Merguizo                   |
| 104 | Vera Lucia Prado P. de Zoppa          |
| 105 | Wilma Brito                           |

Email vai, email vem e novo encontro foi marcado, o terceiro, para 15/03/2008, no Salão do CASM. Nesses encontros foi possível trocar lembranças, atualizar os dados pessoais e profissionais, “matar” a saudade, relembrar amigos que não estavam presentes . . .

A Lud está em João Pessoa, na Paraíba! O Arturo, na Espanha! A Regina e o Frare estão nos Estados Unidos! Tem gente em Bauru, em Campinas, em Indaiatuba, em Manaus, em Minas Gerais. Tem gente em todo lugar participando do Grupo Mairinque. Assim como tem muita gente que nunca saiu de Mairinque e também participa do Grupo. Vidas que se cruzam, como se cruzaram há muitos anos atrás, em torno de recordações e da necessidade de, pelo menos uma vez por ano, estarem juntas novamente. Quem está fora de Mairinque, volta – nos encontros realizados anualmente –, na verdade, para si mesmo. Assim como quem aqui ficou, projeta, naqueles que estão voltando, um pouco de si, até porque este trabalho de acolher pessoas, aparentemente, parece fácil, mas na realidade, não o é de todo. Quem continua aqui representa a Mairinque real! (FIGUEIREDO, 2008)



**Foto 24** - Terceiro encontro do Grupo Mairinque - 2008  
(Fonte: Arquivo pessoal da autora)



Pelas conversas, pudemos perceber que a trajetória de vida dos ex-alunos se confunde muito com a história da escola, pois todos se lembram, com muito orgulho e alegria, dos momentos que passaram na escola: das amizades, dos professores, dos funcionários, dos estudos, dos casos pitorescos, etc.

O quarto encontro aconteceu em 21/06/2008 no Bailinho da SRM

**Foto 25** - Quarto encontro do Grupo Mairinque - 2008  
José Ghilardi, Enrico Lippi Ortolani, Lenine Conceição, Cleide Nunes Conceição (Fonte: Lenine, por email)



**Foto 26 - Quarto encontro do Grupo Mairinque – 2008**

(Márcia Tangerino, Mary Lúcia Lippi Baptista, Ivanete Belucci Almeida, Marcos Aurélio Capitão, Rosângela Totta, Luiz Simões, Eliana Luvizotto Medina, Sandra Mara Garcia Bello, Rita de Cássia Merguizo Ribeiro e Amaury César Amaral)  
(Fonte: Arquivo Eliana Luvizotto Medina)



É evidente que cada encontro crie, em nós, novas emoções. Chegamos, abraçamos, rimos, brincamos, matamos a saudade e voltamos para nossas casas, a espera de uma nova oportunidade! Fixamos nossos olhares para a porta do salão sempre esperando a chegada de um novo amigo. Buscamos, instintivamente, em nossa memória, imagens antigas na tentativa plena de reconhecer este ou aquele ao nosso lado. E muitas vezes não nos damos conta de que a nossa companheira (ou companheiro) não consegue interpretar ou quantificar o que significa tudo aquilo. (Figueiredo, 2002)

O quinto encontro aconteceu em 04/04/2009 no Salão do CASM.

**Fotos 27 e 28 - Quinto encontro do grupo Mairinque - 2009**

(Fonte: Arquivo pessoal da autora)



**Foto 29** - Quinto encontro do grupo Mairinque – 2009

Fonte: Arquivo pessoal da autora



O ontem é a memória, recordação de um passado que não passou, que é lembrado a cada momento. É quando estamos com os amigos e ficamos a recordar a vida passada- “Você se lembra daquele tempo”... E o ontem, para nós, do grupo Mairinque, já tem mais de quarenta anos! E este passado faz elo com o presente, que não é um tempo separado, mas carrega em si as lembranças. O que somos hoje é fruto de um passado. [...] Celebrar é também colocar para fora todos os sentimentos, compartilhando-os com a comunidade e nisto também somos privilegiados pois temos nossa própria comunidade – Grupo Mairinque -. A vida sem as emoções seria algo realmente sem graça, desanimador. E eu quero continuar vivendo, por isso valorizo os Encontros e estarei presente, celebrando o dia 17 de abril junto com quem comparecer. Como se fosse o primeiro! Tentando imaginar o rosto bonito de todos os meus amigos! (Figueiredo, 2008)

No sexto encontro, em 17/04/2010, compareceram 68 pessoas e, já mais organizado, foi combinado um jogo às dezesseis horas na Quadra da Escola, onde os ex-atletas puderam recordar os áureos tempos de defensores do nome da escola, nos jogos regionais. Foi muito emocionante, pois os atletas mais antigos, chamados de “velha guarda” na cidade, também compareceram e jogaram com os “cinquentões” que se reuniam.



**Foto 30 - Sexto encontro do grupo Mairinque – 2010**

Jogadores da “velha guarda”, em pé: Wilson Aquiles Ressutti, José Eduardo Lellis Ito, Antonio Carlos Camargo e Rubens Merguizo. Agachados: Francisco Angelini Neto e Oscar Angelini. (Fonte: Arquivo pessoal da autora)



**Fotos 31 e 32 - Sexto encontro do grupo Mairinque – 2010**

Jogos no período da tarde, entre ex-alunos, na Quadra da Escola Estadual Profª. Altina Júlia de Oliveira (Fonte: Arquivo pessoal da autora)



**Foto 33 - Sexto encontro do grupo Mairinque – 2010**

Encontro à noite para confraternização e bate-papo. (Fonte: Arquivo pessoal da autora)



Queridos amigos

Gostaria de expressar minha alegria por encontrar cada um dos que puderam estar presentes no encontro de ontem! No meio do caminho de volta para SP na madrugada [...] me dei conta que estava sorrindo desde que entrei no carro, lembrando o encontro com cada um, os abraços trocados, as histórias ouvidas, as lembranças resgatadas; e o quanto tudo isso sempre me energiza. Saio desses encontros me sentindo muito feliz e acreditando que vale a pena viver a vida com intensidade, pois ela sempre nos traz presentes muito valiosos. E como o que vivemos em Mairinque, na infância e adolescência, me sustenta na vida adulta! Me emocionou rever o cinema reformado e lembrar muitas histórias vividas naquelas cadeiras, fingindo assistir pela n-esima vez um mesmo filme. Também me lembrei dos meus pais que iam nos filmes de faroeste. Do lanterninha que ficava vigiando os namorados no fundo... Ah, quanta coisa boa foi vivida naquele espaço! Adorei rever a Regina e o Frare, com uma grande parte dos irmãos reunidos e até a mãe! E como foi bom encontrar a Kátia e a Beth e perceber que logo nos pusemos a conversar como se não tivessem se passado 3 décadas... [...] Já me alonguei demais, mas são tantas emoções!!! E c/ certeza outras pessoas presentes irão compartilhar suas experiências e espero que logo comece a troca de fotos... Um grande abraço e um ótimo domingo a todos. Eliana (Depoimento de Eliana Luvizotto Medina, por email ao grupo)

Num dos emails do grupo, o Edson Frare, que reside nos Estados Unidos, lembrou-se dos apelidos que algumas pessoas tinham na cidade e que, na maioria das vezes, sequer sabíamos seus verdadeiros nomes. Começamos aí uma verdadeira “saga”, em busca de apelidados e seus nomes de batismo, chegando a uma lista de 680 (seiscentos e oitenta) nomes! Foram muitos questionamentos, pesquisas com familiares, enfim, envolvimento de toda a comunidade mairinquense para se chegar a esse total, esclarecendo que alguns, infelizmente, não conseguimos chegar ao nome de batismo, pois se tratavam de pessoas que não tinham familiares que pudessem dar informações e não havia documentação disponível, visto tratar-se de mendigos que apareceram na cidade, por exemplo.

Através dos emails os participantes vão lembrando fatos acontecidos e buscando, na memória dos outros integrantes, completar as lacunas existentes . . .

Lembram-se da gincana que teve a equipe dos meninos, chamada equipe dos Lobos, contra a das meninas, equipe Mulher? Não me lembro o ano. Os meninos ganharam claro, mas alguns deles devem saber como ganharam e poderiam dar um testemunho aqui, depois de tantos anos, seria bem divertido viu!! Nós juntamos moedas, que foram doadas, fomos atrás de violinos, quadros antigos, torre Eiffel, etc... e nós sem celulares, sem carro, íamos correndo pela cidade atrás das coisas que eram pedidas na hora, e tinham também as coisas que eram pedidas no domingo para serem providenciadas durante a semana para o outro fim de semana. Que momentos maravilhosos vivemos, se alguém souber mais detalhes poderia ir contando, se cada um lembrar um pouco vamos poder juntar tudo, e com certeza vai ser muito divertido lembrar tudo isto!! Juventude feliz e saudável. Tempos maravilhosos. Beijo a todos (Fonte: Regina Marta Capitão Frare, por email, em 24 maio 2010)

Pois é Regina, tempos lindos....

Nós, da equipe Mulher, fomos até Sorocaba pra arrecadarmos garrafas de cerveja, Batemos de casa em casa durante um dia inteiro e voltamos com muitas, mas muitas garrafas mesmo...(Fonte: Maria José Conde Cortez, por email, em 24 maio 2010)

Dei uma passada pelas mensagens e descobri vocês relembrando as gincanas. Oh tempão bom!!!! Nossa que vontade de largar tudo aqui no escritório, entrar "numa máquina do tempo" e voltar lá, na meninice, naquela simplicidade que era a vida da gente: só queríamos ser felizes. Não me lembro do nome do meu grupo não. Mas me lembro que foi muito bom. E hoje percebemos que cd um de nós tem um dedinho nessa história. (Fonte: Janet Gonzalez Pinheiro, por email, em 25/05/2010)

As lembranças do processo educacional nos alunos egressos do Ginásio Estadual "Profª Altina Júlia de Oliveira", em Mairinquer/SP são fortes, a escola deixou marcas nos alunos, já que efetivamente os assuntos discutidos sempre a envolvem, direta ou indiretamente, demonstrando a importância não só do processo ensino-aprendizagem ali desenvolvido, como também das relações que se estabeleceram. Relações estas, que são relembradas carinhosamente, após mais de quarenta anos de formados, comprovando que são marcas que não se apagam.